



UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
INSTITUTO DE CULTURA E ARTE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO

MARIA EVILENE DE SOUSA ABREU

**PROCESSOS ARTÍSTICOS E COMUNICACIONAIS DA JUVENTUDE NO MEIO
RURAL: MODOS DE CARTOGRAFAR E INTERVIR NO ASSENTAMENTO
BARRA DO LEME**

FORTALEZA

2015

MARIA EVILENE DE SOUSA ABREU

**PROCESSOS ARTÍSTICOS E COMUNICACIONAIS DA JUVENTUDE NO MEIO
RURAL: MODOS DE CARTOGRAFAR E INTERVIR NO ASSENTAMENTO
BARRA DO LEME**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial para obtenção do Título de Mestre em Comunicação. Área de Concentração: Comunicação e Linguagens.

Orientador: Prof^a. Dra. Catarina Tereza Farias de Oliveira.

FORTALEZA

2015

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Federal do Ceará
Biblioteca de Ciências Humanas

-
- A146p Abreu, Maria Evilene de Sousa.
Processos artísticos e comunicacionais da juventude no meio rural : modos de cartografar e intervir no assentamento Barra do Leme / Maria Evilene de Sousa Abreu. – 2015.
140 f. : il. color., enc. ; 30 cm.
- Dissertação (mestrado) – Universidade Federal do Ceará, Instituto de Cultura e Arte, Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Fortaleza, 2015.
Área de Concentração: Comunicação e linguagens.
Orientação: Profa. Dra. Catarina Tereza Farias de Oliveira.
- 1.Juventude rural – Barra do Leme(Pentecoste,CE) – Atitudes. 2.Juventude rural – Barra do Leme(Pentecoste,CE) – Condições sociais. 3.Comunicação e as artes – Barra do Leme(Pentecoste,CE). 4.Assentamentos humanos – Barra do Leme(Pentecoste,CE). I.Título.

CDD 305.23173408131

MARIA EVILENE DE SOUSA ABREU

**PROCESSOS ARTÍSTICOS E COMUNICACIONAIS DA JUVENTUDE NO MEIO
RURAL: MODOS DE CARTOGRAFAR E INTERVIR NO ASSENTAMENTO
BARRA DO LEME**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial para obtenção do Título de Mestre em Comunicação. Área de Concentração: Comunicação e Linguagens.

Aprovada em: 03/07/2015.

BANCA EXAMINADORA



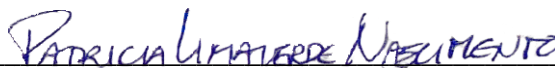
Prof^ª. Dra. Catarina Tereza Farias de Oliveira (Orientadora)
Universidade Estadual do Ceará (UECE)



Prof^ª. Dra. Deisimer Gorczewski
Universidade Federal do Ceará (UFC)



Prof^ª. Dra. Andrea Pinheiro Paiva Cavalcante
Universidade Federal do Ceará (UFC)



Prof^ª. Dra. Patrícia Limaverde Nascimento
Universidade Estadual do Ceará (UECE)

Ao Regivaldo, com quem compartilho os distintos momentos da pesquisa e da vida.

A minha mãe, Eliene, por ser minha inspiração e um terreno fecundo em minha vida.

A Ivânia e Auri, pela sensibilidade e leveza com que vivem, inspirando muitas mulheres.

AGRADECIMENTOS

Gratidão primeiramente a Deus que me possibilitou chegar até aqui. Apesar dos momentos de dúvidas e angústia, sua força me sustenta ao longo da vida.

À todas as pessoas que estiveram comigo nesse movimento-pesquisa. Tanto aqueles que estiveram mais próximos, quanto aqueles que mesmo sem querer ou saber estiveram contribuindo para que eu chegasse a este ponto, eu agradeço imensamente.

À minha orientadora por ter aceitado o desafio de me orientar e ter me ajudado a trilhar este caminho. Gratidão por acreditar em mim, pelas experiências e aprendizagens compartilhadas, parceria e cumplicidade ao longo desse processo.

À professora Deisimer Gorzeivick por me apresentar a cartografia e a pesquisa-intervenção, pelos afetos e perturbações que ecoam em mim. Gratidão pela oportunidade do convívio, incentivo e contribuições que trouxe ao longo dos nossos encontros.

À professora Márcia Vidal pelas sugestões no exame de qualificação e durante nossa convivência no mestrado. As professoras Andrea Pinheiro e Patrícia Limaverde, por terem aceitado o convite de fazer parte da banca. Gratidão pela participação e contribuições.

À Cláudia e Damasceno que me apresentaram as possibilidades de fazer esta pesquisa no assentamento Barra do Leme. Gratidão pela atenção de sempre.

Aos jovens, crianças e moradores do assentamento Barra do Leme que me acolheram cuidadosamente, sendo sempre solícitos a contribuir com o que fosse preciso. Agradeço especialmente, Marta, Joelma, Camilo, Margarida, Maira, Márcio, Ana Terra, Sandino, Vângela, Nathália, Mundinha, D. Margarida, D. Auri, Lourdes, Bia, Diassis, Inácio e Ivânia, pelo carinho, risadas e conversas animadoras. As crianças Maiara, Lui, Júlia e Anita que nas minhas idas a “Barra” sempre me trouxeram alegria e afetos. Gratidão a todos por me apresentarem e me motivarem a criar outras possibilidades de viver.

Aos amigos que me apoiaram neste trabalho e que em algum momento ouviram minhas inquietações, as quais nem eu mesma compreendia. Gratidão Anailton, Aurigele, Anderson, Elionardo, Edson, Helano, Imaculada, Josy, Lúcia, Lucélia, Mairla, Mirlania, Marcos Paulo, Nayane, Sâmia e Wagner. Agradeço, de modo especial, a Sabrina Araújo pela sincera e honesta amizade, com quem mesmo em outro PPG tive a oportunidade de compartilhar e vivenciar esta experiência do mestrado, trazendo sempre muitas contribuições para este processo; à Aurenir Luz que pacientemente leu este trabalho, colaborando na revisão do texto; ao Thiago Menezes, que tantas vezes, de forma gratuita e espontânea, ajudou-me a pensar as questões relativas à escrita do projeto de pesquisa e de maneira muito discreta

estava sempre vibrando com meu percurso; ao Viktor Braga, que tive a oportunidade de reencontrá-lo em Barra do Leme e partilhar este momento, sua ajuda foi indispensável para criarmos e inventarmos em campo; a Patrícia Abreu, que me auxiliou nas transcrições das entrevistas; a Camila Garcia, com quem dividi as minhas primeiras questões de pesquisas e pude partilhar muitos afetos no mestrado; a Márcia Ximenes, parceira de seleção e amiga, com quem pude partilhar os “perrengues” e alegrias do percurso; ao Thiago (Zé), Klycia, Milena, Luciana, Marcel, Érico, Simone, Caio, Ilana, Ângela, Isabelle de Moraes, Isabelle Azevedo e Fernanda Meireles que em suas multiplicidades de sentir e viver me possibilitaram muitas aprendizagens.

Aos meus pais, Eliene e Ivaldo, e aos meus sogros, Luiza e Francisco, por todo amor e por compreenderem minha ausência. Ao meu companheiro, Regivaldo, que me acompanhou nesta trajetória, caminhou e sonhou comigo, dando-me sustento e carinho em todos os momentos. Gratidão pela paciência e por estarem sempre me incentivando a seguir.

À minha irmã, Itelvania, exemplo de generosidade e força, e aos meus irmãos, cunhadas e cunhados, por sempre acreditarem nos meus projetos e por me darem sobrinhos lindos e carinhosos. Gustavo, Vinícius, Beatriz, Pedro, Isaac e Yasmin, gratidão pelos sorrisos e abraços, vocês nos animam a seguir e nos desafiam a construir um mundo mais fraterno.

Ao meu avô Doca e a vó Maria, que com seus 92 anos de muita lucidez, me alegram e compartilham histórias afetuosas e inspiradoras de suas vidas. Ao meu avó Oscar Domingos (*in memoriam*) que se ausentou das nossas vidas fisicamente durante minha vivência no mestrado, mas que sua força e energia tem nos animado a cada dia. Às minhas avós, Izaura e Celeste, gratidão por contribuírem para a minha existência.

À todos os colegas e professores do PPGCOM-UFC, do Grupo de Pesquisa em Mídia, Cultura e Política e do Grupo de Estudos do PPG em Artes, pelos encontros. Gratidão pela oportunidade de refletirmos juntos nossos desejos e inquietações.

À Lidiane, pelo cuidado e atenção neste processo. Sua compreensão e delicadeza sempre me tranquilizaram.

À Fundação Cearense de Apoio à Pesquisa (Funcap), pelo apoio e concessão da bolsa de estudo.

“E, aquele que não morou nunca em seus próprios abismos nem andou em promiscuidade com os seus fantasmas, não foi marcado. Não será exposto às fraquezas, ao desalento, ao amor, ao poema”. (Manoel de Barros)

RESUMO

Esta pesquisa propõe compreender como os processos artísticos e comunicacionais (re)inventam os modos de ser dos “jovens rurais”, que assim como os “jovens urbanos” convivem com as contradições e adjetivações que envolvem a temática “juventude”. A partir das marcas (ROLNIK, 1993) que permeiam minha própria história, procurei abordar a temática “juventude rural” para além da permanência do jovem no meio rural e do viés da dicotomia rural-urbano. Desse modo, a partir da cartografia como método de pesquisa-intervenção (PASSOS; BARROS, 2010) busquei problematizar como os jovens que vivem no meio rural, se veem dentro deste universo e como eles se mobilizam e se articulam dentro e fora de um assentamento. Tomando como campo empírico o assentamento Barra do Leme, localizado no município de Pentecoste, Ceará/Brasil, percebi que as ações articuladas com os jovens, mobilizam afetos e a possibilidade de construirmos outros modos de vida. Diante dos processos artísticos e comunicacionais produzidos, as reflexões sobre arte e ecologia inseriram-se como elementos fundamentais nesta análise. Partindo do pressuposto que a comunicação está para além dos meios de comunicação, foi possível emergir nesta temática, incluindo os fatos culturais e políticos vividos com os jovens.

Palavras-chave: Processos artísticos e comunicacionais; juventude rural; cartografia.

ABSTRACT

This research aims to comprehend how the artistic and communicational processes (re)invent the ways of being of the “rural young”, which, like the “urban young”, live within the contradictions and adjectivations that involve the subject “youth”. From the marks (ROLNIK, 1993) to the meanings of my own history, I tried to approach the theme of “rural youth”, beyond the permanency of the young in the rural area and the bias of "rural-urban" dichotomy. Thereby, departing from the cartography as a method of intervention research (PASSOS; BARROS, 2010), I sought to problematize how the young that live in the rural area see themselves inside that universe and how they mobilize and articulate themselves inside and outside a settlement. Taking Barra do Leme’s settlement, located on Pentecoste city, Ceará/Brazil, as empirical field, I realized that the actions articulated with the young mobilize affections and the possibility of building other ways of life. Dealing with the artistic and communicational processes produced, the reflexions about art and ecology inserted themselves as fundamental elements in this analysis. Departing from the assumption that the communication locates itself beyond the media, it was possible to immerse in this theme, by including the cultural and political facts lived with the young.

Key-words: Artistic and communicational processes; rural youth; cartography.

LISTA DE FIGURAS

| | |
|--|-----|
| Figura 1 - Casa grande no Sítio em Itaitinga..... | 28 |
| Figura 2 - Ruínas da cidade cenográfica em Itaitinga..... | 29 |
| Figura 3 - Casas utilizadas como alojamento em Itaitinga..... | 29 |
| Figura 4 - Cartaz da 1ª Feira Cultural do Ciclovida | 35 |
| Figura 5 - Ponto de Cultura Cantos da Mata..... | 36 |
| Figura 6 – Comunidade de Salgado, estrada que dá acesso à Barra do Leme..... | 37 |
| Figura 7 - Localização do município de Pentecoste..... | 38 |
| Figura 8 - Estrada que dá acesso a Barra do Leme, período chuvoso..... | 45 |
| Figura 9 - Casa grande em Barra do Leme..... | 52 |
| Figura 10 - Integrantes do Caricultura juntando lixo no assentamento..... | 96 |
| Figura 11 - Apresentação Santos e Demônios na Terra da Luz em Barra do Leme..... | 101 |
| Figura 12 - Dia de Feira no Ponto de Cultura Cantos da Mata..... | 103 |
| Figura 13 - Venda de produtos usados na Feira de Cultura Libertária..... | 103 |
| Figura 14 - Momento de interação na Feira, comunidade de Salgado..... | 104 |
| Figura 15 - Casa de argila em construção no assentamento..... | 105 |
| Figura 16 - Mural do Projeto Ciclovida, Barra do Leme..... | 106 |
| Figura 17 - Encontro para planejar a oficina..... | 110 |
| Figura 18 - Cartaz divulgado no Facebook..... | 113 |
| Figura 19 - Primeiro dia da oficina, Inácio compartilhando sua história para o grupo..... | 115 |
| Figura 20 - Primeiro dia da oficina, crianças compartilhando sua história para o grupo.... | 116 |
| Figura 21 - Segundo dia da oficina, apresentação dos participantes..... | 117 |
| Figura 22 - Montagem de fotos produzidas na oficina..... | 121 |
| Figura 23 - Still do vídeo: Jardel entrevistando Tizio..... | 122 |

LISTA DE TABELAS

| | |
|--|----|
| Tabela 1 - Registro das atividades acompanhadas na pesquisa..... | 68 |
|--|----|

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

| | |
|----------|---|
| ACARTES | Academia de Ciências e Artes |
| ADEL | Agência de Desenvolvimento Econômico Local |
| CAPES | Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior |
| CONJUVE | Conselho Nacional de Juventude |
| CPT | Comissão Pastoral da Terra |
| FETRAECE | Federação dos Trabalhadores na Agricultura do Estado do Ceará |
| FIC | Faculdade Integrada do Ceará |
| IBGE | Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística |
| INCRA | Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária |
| MDA | Ministério de Desenvolvimento Agrário |
| MST | Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra |
| NUAD | Núcleo de Produção Audiovisual do Coqueirinho |
| ONG | Organização Não Governamental |
| ONU | Organização das Nações Unidas |
| PACRA | Projeto Arte e Cultura na Reforma Agrária |
| PNJ | Política Nacional de Juventude |
| PRECE | Programa de Educação em Células Cooperativas |
| PRA | Plano de Recuperação do Assentamento |
| PROJOVEM | Programa Nacional de Inclusão de Jovens |
| PROUNI | Programa Universidade Para Todos |
| RACA | Rede de Audiovisual do Campo |
| SNJ | Secretaria Nacional da Juventude |
| UAVRC | União das Associações do Vale do Rio Canindé |
| UFC | Universidade Federal do Ceará |
| UNILAB | Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira |
| UECE | Universidade Estadual do Ceará |
| USP | Universidade de São Paulo |
| UVA | Universidade Estadual Vale do Acaraú |

SUMÁRIO

| | |
|--|------------|
| 1 INTRODUÇÃO..... | 15 |
| 2 O QUE ME MOVE BUSCAR “ILHAS DESCONHECIDAS” | 21 |
| 2.1 Por quais caminhos o leme me levou?..... | 25 |
| 2.2 O encontro com Barra do Leme..... | 34 |
| 2.3 Retomando o leme da pesquisa..... | 38 |
| 2.3.1 <i>Dos desafios da pesquisa.....</i> | <i>43</i> |
| 2.3.2 <i>Os colaboradores da pesquisa: breve apresentação.....</i> | <i>47</i> |
| 2.4 Conhecendo o assentamento Barra do Leme..... | 48 |
| 3 PENSANDO A CARTOGRAFIA NA PESQUISA EM BARRA DO LEME..... | 58 |
| 3.1 Cartografia e pesquisa-intervenção: entrelaçamentos metodológicos..... | 61 |
| 3.2 A pesquisa-intervenção e o caminhar da pesquisa..... | 64 |
| 3.3 O ato de cartografar e os dispositivos da pesquisa..... | 67 |
| 4 REFLEXÕES SOBRE JUVENTUDE..... | 76 |
| 4.1 Juventudes, juventudes rurais: uma complexa definição | 78 |
| 4.2 O que dizem os jovens de Barra do Leme?..... | 82 |
| 4.2.1 <i>“Eu não me sinto fixo em lugar algum”.....</i> | <i>83</i> |
| 4.2.2 <i>“Não existe o lado bom e o lado ruim”.....</i> | <i>86</i> |
| 4.2.3 <i>“Eu tenho é orgulho de morar aqui”.....</i> | <i>88</i> |
| 5 PROCESSOS ARTÍSTICOS E COMUNICACIONAIS NA “BARRA”: MODOS DE CARTOGRAFAR E INTERVIR EM CAMPO..... | 90 |
| 5.1 Os processos artísticos e comunicacionais que se fazem no assentamento..... | 92 |
| 5.2 As conexões com o teatro e outras vivências no assentamento..... | 99 |
| 5.3 Oficinando em campo..... | 107 |
| 5.3.1 <i>A preparação da oficina de audiovisual.....</i> | <i>110</i> |
| 5.3.2 <i>Experimentações e desdobramentos da oficina.....</i> | <i>114</i> |
| 5.3.2.1 <i>“Mesmo próximo não conhecemos muitas histórias da vida do outro”.....</i> | <i>118</i> |
| 5.3.2.2 <i>“Todo mundo sabe fotografar” e fazer vídeo.....</i> | <i>121</i> |
| O PONTO A QUE CHEGUEI..... | 125 |
| REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA..... | 127 |
| APÊNDICE A - QUADRO-SÍNTESE SOBRE OS ASSENTAMENTOS INTEGRANTES DO PROJETO ARTE E CULTURA NA REFORMA AGRÁRIA.. | 132 |

| | |
|---|------------|
| APÊNDICE B - ROTEIRO DAS ENTREVISTAS COM OS JOVENS..... | 138 |
| ANEXO A - MAPA DE ATUAÇÃO DO PROJETO ARTE E CULTURA NA REFORMA AGRÁRIA NO ESTADO DO CEARÁ..... | 139 |
| ANEXO B - DESENHOS PRODUZIDOS PELAS CRIANÇAS..... | 140 |

1 INTRODUÇÃO

Andando, andando, o homem chegou ao porto, foi à doca, perguntou pelo capitão, e enquanto ele não chegava deitou-se a adivinhar qual seria, de quantos barcos ali estavam, o que iria ser o seu, (...). O capitão veio, leu o cartão, mirou o homem de alto a baixo, e fez a pergunta que o rei se tinha esquecido de fazer, Sabes navegar, tens carta de navegação, ao que o homem respondeu, Aprenderei no mar. O capitão disse, Não te aconselharia, capitão sou eu, e não me atrevo com qualquer barco, Dá-me então um com que possa atrever-me eu, não, um desses não, dá-me antes um barco que eu respeite e que possa respeitar-me a mim, Essa linguagem é de marinheiro, mas tu não és marinheiro, Se tenho a linguagem, é como se o fosse. O capitão tornou a ler o cartão do rei, depois perguntou, Poderás dizer-me para que queres o barco, Para ir à procura da ilha desconhecida, Já não há ilhas desconhecidas, O mesmo me disse o rei, O que ele sabe de ilhas, aprendeu-o comigo, É estranho que tu, sendo homem do mar, me digas isso, que já não há ilhas desconhecidas, homem da terra sou eu, e não ignoro que todas as ilhas, mesmo as conhecidas, são desconhecidas enquanto não desembarcarmos nelas, Mas tu, se bem entendi, vais à procura de uma onde nunca ninguém tenha desembarcado, Sabê-lo-ei quando lá chegar, Se chegares. Sim, às vezes naufraga-se pelo caminho, mas, se tal me viesse a acontecer, deverias escrever nos anais do porto que o ponto a que cheguei foi esse, Queres dizer que chegar, sempre se chega, Não serias quem és se não o soubesses já. (SARAMAGO, 1998, p. 25-28).

Expressar por meio da escrita as minhas andanças na pesquisa não foi uma tarefa fácil. Muitas foram as dificuldades para iniciar esse trabalho, pois dizer oralmente como foi se constituindo este percurso da pesquisa era sempre mais confortável. Nas orientações e ainda no exame de qualificação, fui interpelada a trazer na escrita de maneira mais declarada como estava me inventando como pesquisadora. Desse modo, inspirada no “homem do leme”, personagem de “O conto da ilha desconhecida”, de José Saramago, atrevo-me a começar este relato vivido durante dois anos e três meses no mestrado.

O “homem do leme” é um homem simples que insistentemente procura o rei, que estava sempre distante de seus súditos, para lhe fazer um pedido inusitado – um barco. A persistência do homem possibilitou que o mesmo conseguisse o tão sonhado barco para fazer sua viagem. Mas, para onde iria o homem? Seu desejo era ir para a ilha desconhecida, um lugar que ninguém acreditava existir, pois todas as ilhas já tinham sido descobertas. Sem saber navegar ele queria atravessar o tenebroso mar e encontrar este lugar. Sabia ele que talvez não conseguisse chegar, mas até onde fosse seria válido, pois somente ele poderia sentir as sensações das suas descobertas em alto mar.

Por incrível que pareça e em outro contexto, a persistência do homem do leme é algo que nos aproxima. No meu caso, os familiares e amigos chegam a definir como uma das minhas principais características. Talvez o seja, até considero que a mesma me acompanhou

nesse processo da investigação permeado por *fluxos*¹. Possivelmente, seja a persistência que muitas vezes me desafia a ir ao encontro de “ilhas desconhecidas” e a chegar até aqui.

Guattari (2013, p. 386) define a persistência “como o modo de existência desterritorializado que se instaura entre os fluxos e os territórios”. Nesse sentido, ainda no processo seletivo do mestrado sempre “teimei” em elaborar um projeto de pesquisa que tivesse como objeto de estudo a juventude rural. Por ter nascido e vivido parte da juventude em uma comunidade rural, trazia comigo algumas inquietações sobre as relações entre o campo e a cidade, que me instigaram a discutir as multiplicidades que se faziam nos modos de ser dos jovens que moravam no meio rural. Para levar esse desejo adiante, ultrapassei algumas barreiras² até me encontrar com a experiência de audiovisual desenvolvida pela Academia de Ciências e Artes (ACARTES) com jovens de assentamentos rurais.

A ACARTES³ é uma organização da sociedade civil, que trabalha com arte e cultura, através da formação de jovens e adolescentes nas diversas linguagens artísticas como: cinema e vídeo, artes plásticas, teatro de palco e de bonecos, no Grande Pirambu⁴. Em 2010, através de uma parceria com o projeto Arte e Cultura na Reforma Agrária⁵, desenvolvido pelo Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA/CE), a organização iniciou um trabalho com jovens de assentamentos rurais na área de audiovisual. O objetivo era fortalecer as iniciativas artísticas dos assentamentos e dar continuidade ao processo de formação dos jovens usando o audiovisual.

O encontro⁶ com a ACARTES me despertou o desejo de continuar discutindo sobre juventude rural e culminou na escrita do projeto de mestrado⁷ que conduziu esta

¹ Para Guattari (2013, p. 383) os fluxos tanto materiais quanto semióticos precedem os sujeitos e objetos.

² Somente na terceira tentativa de seleção do mestrado é que obtive aprovação.

³ Desde 2004, a ACARTES foi selecionada pelo Ministério da Cultura, por meio da Secretaria de Programas e Projetos Culturais para ser um Ponto de Cultura, aumentando o número de jovens beneficiados. Criada em 2002 no bairro Pirambu (periferia de Fortaleza), por remanescentes de antigos movimentos culturais do bairro, como o Movimento Cultural e Político do Pirambu (Mocupp), Centro de Ativação Cultural (CAC) e o Centro Popular de Cultura (CPC), tem possibilitado que os jovens e os adolescentes construam outros olhares sobre suas vidas e seu entorno, se profissionalizem e ingressem no mercado de trabalho. <http://academiadecinema.blogspot.com.br/>

⁴ O Pirambu é uma comunidade urbana, localizada na zona oeste da cidade de Fortaleza – CE, distando aproximadamente 5 (cinco) quilômetros do centro da cidade, numa antiga área de marinha e de alguns proprietários de posse do Estado, hoje considerada de propriedade comunitária, segundo o decreto nº 1.058, de 25 de maio de 1962, que declara tais terras de utilidade pública para execução de plano habitacional, em favor de seus moradores. Possui enorme densidade demográfica, com população de aproximadamente 270 mil habitantes integrando o chamado “Grande Pirambu” composto pelos bairros Nossa Senhora das Graças, Cristo Redentor, Colônia, Tirol e Quatro Varas.

⁵ O Projeto Arte e Cultura na Reforma Agrária (PACRA) é uma iniciativa do INCRA-CE pioneira no Brasil, que articula mais de 40 grupos de assentamentos de reforma agrária. Surgiu em 2003, mediante a identificação de uma demanda nos assentamentos de reforma agrária no campo da arte e da cultura, haja vista a vasta produção existente nessas comunidades e que não dispunha de nenhum tipo de incentivo, seja do Estado ou da iniciativa privada. <http://arteculturanaformaagraria.blogspot.com.br>

⁶ No tópico 2.1 Por quais caminhos o leme me levou relato o meu encontro com esta experiência.

pesquisa. A proposta inicial era analisar como era a produção de sentidos dos jovens que participaram, no período de 2011 a 2013, das oficinas audiovisuais realizadas pela Academia de Ciências e Artes (ACARTES) em parceria com o Arte e Cultura na Reforma Agrária, bem como, a recepção das produções audiovisuais exibidas nos assentamentos.

Como os jovens viviam em assentamentos⁸ diversos do Estado do Ceará, manifestei ainda durante a entrevista com a banca de seleção do mestrado, que o estudo seria realizado em um assentamento rural ligado ao Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), o qual seria definido após meu ingresso. Não seria possível estudar no curto período do mestrado⁹ as ações da ACARTES nos onze assentamentos. Assim, ao longo da pesquisa, por várias vezes, “teimei” em ir para o campo, em mudar a metodologia, em refazer os caminhos¹⁰.

Para seguir adiante, defini o *locus* da pesquisa, ou seja, em qual assentamento aconteceria o estudo. Assim, precisava “saber navegar”, e, como o homem do leme, me permitir aprender em alto mar. No desenrolar da pesquisa percebia que muitas questões deveriam ser reformuladas e os caminhos teórico-metodológicos precisavam ser modificados. Não por não ter minhas perguntas de pesquisa, ou simplesmente por uma escolha mais viável para a realização do estudo, mas devido à complexidade que envolvia o objeto. Entre os onze assentamentos que a ACARTES desenvolvia as oficinas, somente um deles estava ligado ao MST. Também na maioria deles, as oficinas da ACARTES era a primeira experiência com audiovisual.

Assim surgia o primeiro desafio: como fazer a escolha do assentamento, se um dos critérios que eu tinha, que era a ligação com o MST, não poderia ser o mais relevante? Como analisar a recepção dos produtos audiovisuais dos jovens no assentamento, se apenas um deles tinha um Núcleo de Audiovisual? Nesse caso, poderia simplesmente ter optado para fazer a investigação neste assentamento, mas preferi “navegar” entre as interrogações e não seguir o caminho evidente. Me fascinava e implicava tentar compreender como os jovens se apropriavam do audiovisual e quais eram suas vivências com esta prática. Ao invés de “ancorar” em um assentamento que parecia ter um trabalho consistente com audiovisual preferi continuar a viagem.

⁷ Projeto apresentado, em outubro de 2012, como um dos requisitos para o processo de seleção ao mestrado.

⁸ Era um total de onze assentamentos, divididos em 10 municípios relacionados a seguir: Todos os Santos e Tiracanga II, Canindé; Santana, Monsenhor Tabosa; Recreio, Quixeramobim; Lagoa do Mineiro, Itarema; Cachoeira do Fogo, Independência; Barra do Leme, Pentecoste; Coqueirinho, Fortim; Barra do Feijão, Tabuleiro do Norte; Caetanos de Cima, Amontada; e, Mucuium, Arneiroz.

⁹ Dois anos.

¹⁰ No primeiro capítulo: O que me move buscar “ilhas desconhecidas” apresento detalhes dessa teimosia.

Desse modo, procurei encontrar um caminho teórico-metodológico que observasse as singularidades de cada grupo e que me permitisse “navegar” na temática juventude rural. A escolha do *locus* da pesquisa levou em consideração novos critérios: participação nas oficinas da ACARTES; frequência dos jovens; acessibilidade e aproximação dos interlocutores. Barra do Leme, a princípio, apontava como sendo o terreno mais fértil para o estudo. Estava localizado em Pentecoste¹¹ e foi um dos assentamentos em que dos quatro jovens inscritos apenas um desistiu, sendo frequente a presença dos demais nas oficinas.

Entretanto, a definição somente se deu após conhecer os jovens durante uma oficina de audiovisual. Considerava que além da acessibilidade ao assentamento, era necessário conhecer o que movia os jovens a participarem do projeto. Como eles eram? Onde moravam? Quais eram suas inquietações? O que eles faziam? Desse modo, como “uma espécie de bússola para o exercício da pesquisa” (LOPES, 2008, p. 283) iniciei o trabalho de campo com um estudo exploratório a fim de mapear os onze assentamentos que participavam do projeto e conhecer como eram as oficinas com os jovens.

Nesse estudo exploratório mapeei as postagens no blog¹² do Arte e Cultura na Reforma Agrária, visitei duas vezes a sede da ACARTES, no Pirambu, e acompanhei momentos da oficina montagem de cenas, em Itaitinga¹³, quando conheci e apresentei para os jovens a proposta da pesquisa. Estas atividades foram acompanhadas da observação participante e de alguns registros escritos, que no caminhar da pesquisa foram compondo um diário de campo. No momento, buscava compreender as relações estabelecidas entre a formação e os processos artísticos e comunicacionais nos assentamentos, e, quais os desejos que moviam os jovens a participarem das oficinas.

Ao final do estudo exploratório elaborei um quadro-síntese¹⁴ sobre os onze assentamentos elencando os itens: a) Localização; b) Participação no MST; c) Produções audiovisuais ou acadêmicas existentes; d) Temáticas dos vídeos; e, e) Oficinas a realizar. Esse material junto com o encontro que tive com os jovens na oficina montagem de cenas foram pertinentes para apontar Barra do Leme como o local da pesquisa, uma das primeiras “ilhas desconhecidas”. Mesmo sendo de Pentecoste, só tinha conhecimento da sua existência.

¹¹ Município localizado na região norte do Estado do Ceará, distante 89 km de Fortaleza. Nasci e vivi até meus 19 anos na comunidade rural de Muquém, afastada 32 km da sede do município de Pentecoste.

¹² Endereço do blog: <http://arteculturanaformagraaria.blogspot.com.br>

¹³ Cidade da região metropolitana de Fortaleza, onde a ACARTES montou uma cidade cenográfica em 2009, para gravação da minissérie “Poço da Pedra” (TURINO, 2009, p. 42).

¹⁴ Quadro-síntese produzido em 21/01/2013, disponível no Apêndice A.

Assim, a escolha do assentamento, levou em consideração os aspectos descritos anteriormente e os processos vividos anteriores ao início do mestrado.

No início da pesquisa tinha o desejo de fazer um trabalho que envolvesse os sujeitos participantes e permitisse constituir processos coletivos em campo, na medida em que a pesquisa estaria intervindo no cotidiano desses sujeitos e na minha própria formação de pesquisadora. Nesse sentido, compreendendo “a produção de conhecimento como uma prática conectada à vida, guiada pela possibilidade do devir e pela potência da diferença” (FONSECA; NASCIMENTO; MARASCHIN, 2012, p. 12) busquei uma abordagem teórico-metodológica que me possibilitasse esse caminhar. Fazer uma pesquisa desse tipo era outro desafio, pois demandava pensar novos caminhos, observar as multiplicidades e não trabalhar com estruturas retas e geométricas. Um desafio que, de acordo com Maldonado (2002) é enfrentado pela área da comunicação, pois “as junções entre a dimensão teórica e a dimensão metodológica exigem uma labor sistemática de construção” (MALDONADO, 2002, p. 3). Nesse tipo de pesquisa, é preciso alargar o nosso campo de atuação e perceber o que nos solicita nossos objetos de pesquisa para estabelecermos as estratégias metodológicas.

Nessa perspectiva, a proposta metodológica foi sendo desenvolvida e reformulada à medida que eu prosseguia nos estudos teóricos e exploratórios, e me aproximava do campo. O (re)encontro com Deleuze e Guattari (1995) e as contribuições da pesquisa-intervenção e do método da cartografia propostos nos estudos de Rosário (2008); Passos, Kastrup e Escóssia (2010); e, Aguiar (2011) foram essenciais na definição das estratégias abordadas na pesquisa. A cartografia tomada a partir destes autores me possibilitou, assim como um “rizoma” (DELEUZE; GUATTARI, 1995, p. 22), fazer vários entrelaçamentos, novos percursos e questões da pesquisa. Desse modo, fui vivenciando e acompanhando, no período de 2013 e 2014, diversas ações com a ACARTES, o Arte e Cultura na Reforma Agrária e os jovens no assentamento. Este percurso foi repleto de idas e vindas, e juntos foram montando uma cartografia dos processos artísticos e comunicacionais do assentamento Barra do Leme que compõem este texto estruturado em quatro capítulos.

No primeiro, abordo as primeiras vivências da pesquisa e apresento o percurso que fui (re)construindo em campo ao me aproximar do assentamento. Nele, trago um relato da oficina de montagem de cenas realizada pela ACARTES que acompanhei, bem como as minhas andanças pelo Pirambu e a minha chegada ao assentamento Barra do Leme. Neste relato, discuto as mudanças do percurso, apresento brevemente os jovens e moradores com quem dialogo na pesquisa e enfatizo os desejos que me moveram a escolha deste tema.

No segundo capítulo resalto o percurso metodológico da pesquisa com o propósito de compartilhar o modo de fazer da cartografia e da pesquisa-intervenção no estudo, problematizar os modos de fazer ciência e apresentar os procedimentos metodológicos trabalhados. A partir das contribuições dos Estudos Culturais e da Análise Institucional faço uma reflexão sobre a constituição de novas práticas de investigação que estão rompendo com as formas tradicionais de pesquisas.

No terceiro capítulo apresento uma breve reflexão sobre a temática juventude, levando em consideração as reflexões e as relações que se constituem sobre a temática no âmbito da academia e dos Movimentos Sociais. Sem o objetivo de tecer respostas sobre o que define os “jovens rurais” trago algumas percepções dos modos de ser dos jovens que moram no assentamento Barra do Leme.

No quarto capítulo abordo os processos artísticos e comunicacionais realizados com as crianças, jovens e adultos no assentamento, bem como, a atuação da ACARTES e do Projeto Arte e Cultura na Reforma Agrária no cotidiano do assentamento. Por meio dos relatos dos jovens e moradores em entrevistas, encontros e conversas, discuto os agenciamentos dos jovens com o intuito de compreender como eles se (re)inventam e criam seus modos de ser no assentamento. Por último, apresento as considerações finais resultantes deste percurso, na tentativa de registrar o ponto a que cheguei na pesquisa.

2 O QUE ME MOVE BUSCAR “ILHAS DESCONHECIDAS”

O desejo de buscar o novo, a curiosidade de conhecer outras possibilidades e inventar novos projetos são, por natureza, características do ser humano que está sempre procurando superar seus limites. Entretanto, no mundo moderno, este desejo ilimitado tem ofuscado muitas vezes o encontro conosco mesmo e com as “ilhas desconhecidas”. No caso desta pesquisa, as singularidades e multiplicidades que permeiam a minha trajetória de vida me instigaram o encontro com algumas “ilhas desconhecidas”. Se antes da pesquisa tinha algumas questões que envolviam o debate sobre juventude rural, ao me aproximar do campo percebi que muitas “marcas¹⁵” (ROLNIK, 1993) estavam adormecidas e precisavam aflorar para compor esse movimento-pesquisa.

Nesse sentido, considero importante trazer para o leitor como foi se compondo esse meu encontro e o que me movia, pois assim como a escolha do tema, o local onde foi realizado o estudo, não foram escolhidos ao acaso. Eles foram instigados pelos fluxos vividos por mim e por desejos, inquietações, encontros e desencontros que permeiam minha história de vida. O fato de ter vivenciado a saída dos meus irmãos, primos e amigos da comunidade rural de Muquém, para morar em Fortaleza ou outro centro urbano para trabalhar e/ou dar continuidade aos estudos. Eu mesma ter vindo para Fortaleza, em 2006, para cursar o Ensino Superior¹⁶, me motivava a pensar que a saída do jovem do campo não poderia ser em parte determinada pelo acesso limitado à educação e ao trabalho, enfim, pelas condições sociais e econômicas do lugar. Lembro que sempre recusava a ideia de sair da comunidade, tanto que protelei até mesmo depois de concluir o Ensino Médio e ouvir de familiares¹⁷ que deveria vir trabalhar em Fortaleza¹⁸. No meu caso, a vinda para Fortaleza ocorreu após concluir o Ensino Médio e conhecer o Programa de Educação em Células Cooperativas (PRECE¹⁹).

¹⁵ As marcas são para Rolnik “estados inéditos que se produzem em nosso corpo, a partir das composições que vamos vivendo” (ROLNIK, 1993, p. 242), ou seja, as marcas são produzidas continuamente. Elas podem ser reativadas a qualquer momento e produzir uma outra diferença. No decorrer do estudo retomo essa abordagem e problematizo algumas marcas que foram sendo mobilizadas na pesquisa.

¹⁶ Na época, só era possível cursar, em Pentecoste, um curso de licenciatura semipresencial pela Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA) e com elevados custos financeiros. Atualmente com o processo de universalização das Universidades Federais e ampliação do Ensino a Distância, muitos jovens cursam o Ensino Superior e moram no município.

¹⁷ Refiro-me a alguns parentes, não muito próximos. Meus pais sempre apoiaram as minhas escolhas.

¹⁸ Destaco que essa é uma realidade que pude também presenciar no assentamento. Muitos pais defendem que o filho precisa sair para algum centro urbano em busca de um emprego. No terceiro capítulo aprofundarei essa dificuldade de acesso a educação e ao trabalho, que também é vivenciada como aponta Castro (2009) pelos jovens que moram nas periferias das grandes cidades.

¹⁹ O Programa de Educação em Células Cooperativas (PRECE) iniciou em 1994, em Cipó, comunidade rural do município de Pentecoste, tem como objetivo incentivar, apoiar e criar oportunidades para que jovens e adultos invistam nos estudos, concluam o ensino básico e ingressem na universidade. O PRECE trabalha com a

No PRECE encontrei pessoas com propósitos semelhantes aos meus e o apoio para retornar semanalmente²⁰ ao município. Além de nos preparar para o vestibular e concorrer uma vaga na Universidade, éramos estimulados a discutir sobre os problemas estruturais e sociais das nossas comunidades. Assim, após fazer duas vezes, sem êxito, o vestibular para a Universidade Federal do Ceará (UFC), ingressei em 2006, no curso de Comunicação Social, com habilitação em Publicidade e Propaganda, na Faculdade Integrada do Ceará (FIC) pelo Programa Universidade Para Todos (Prouni²¹), em Fortaleza.

Nesse contexto, fui acolhida harmoniosamente pela cidade solar e aos poucos fui me adaptando aos modos de vida urbanos. Mas, mesmo com os vários encontros e experiências vividos nos últimos oito anos na capital cearense, ainda não me considero uma cidadã fortalezense. Minha relação com Fortaleza, nos primeiros seis anos, foram bastante passageiros. Além dos laços culturais e afetivos que tenho com a comunidade onde nasci, houve um período que atuava semanalmente em diversos projetos e grupos de Pentecoste.

Além do PRECE, a minha participação após ingressar na universidade, na Agência de Desenvolvimento Econômico Local (Adel²²) colaborou para que durante e após a graduação continuasse trabalhando no meio rural, desenvolvendo diversas ações junto aos jovens e agricultores. Inicialmente, os projetos desenvolvidos pela Adel aconteciam aos finais de semana e tinham como foco a assistência técnica aos agricultores. Mas, logo as atividades ocorreram diariamente e a prioridade passou a ser o trabalho com os jovens da região. Aqueles que não tinham o sonho de ingressar na universidade, participavam do curso de empreendedorismo implantado pela Adel e começavam a trabalhar na própria comunidade.

Estas experiências me possibilitaram maior aproximação e interesse pela temática “juventude rural”, que segundo Castro (2012, p. 439), sempre esteve muito associada ao

metodologia da Aprendizagem Cooperativa, na qual cada estudante tem sua vocação valorizada e potencializada e ajuda os demais nos campos de conhecimento em que são mais afins, ao mesmo tempo em que recebe ajuda dos demais nas áreas onde tem maiores problemas de aprendizado. Desenvolvido pelo Instituto Coração de Estudante, o PRECE também é cadastrado como um projeto de extensão da Universidade Federal do Ceará (UFC). <http://www.prece.ufc.br/>

²⁰ Fazia o retorno no ônibus disponibilizado pelo PRECE aos finais de semana. Às sextas-feiras, o ônibus sai às 22h de Fortaleza, e retorna de Pentecoste, aos domingos, às 17h.

²¹ O Prouni foi criado em 2004 pelo Governo Federal e institucionalizado pela Lei nº 11.096, em 13 de janeiro de 2005. Concede bolsas de estudo integrais e parciais em cursos de graduação e sequenciais de formação específica, em instituições de ensino superior privadas para estudantes egressos do ensino médio da rede pública ou da rede particular na condição de bolsistas integrais, com renda familiar per capita máxima de três salários mínimos. <http://prouniportal.mec.gov.br/o-programa>

²² A Agência de Desenvolvimento Econômico Local (Adel) é uma ONG, criada em 2007, quando eu e outros jovens, que participavam do PRECE e estávamos na universidade, planejamos desenvolver projetos em nossas comunidades. A missão da Adel é potencializar e articular saberes, vocações e oportunidades em prol do desenvolvimento econômico e social de comunidades e territórios cearenses através da formação de redes cooperativas, da produção de conhecimento e do apoio técnico contínuo a empreendimentos produtivos e sociais de jovens e agricultores familiares. www.adel.org.br

problema da “migração do campo para a cidade”, ausentando as múltiplas questões que os jovens do meio rural vivenciam.

Visualizados, sobretudo pela dimensão do trabalho, os jovens rurais permanecem na invisibilidade no que diz respeito a sua inclusão nas demais esferas da vida social, complexificando, assim, o entendimento do processo de inserção desse público numa sociedade que se globaliza culturalmente (STROPASOLAS, 2006, p. 18).

No Brasil, tanto no âmbito acadêmico, como no campo das políticas públicas, os estudos com uma abordagem sobre as questões dos jovens que vivem no meio rural são recentes. Somente “no final da década de 1990 e início do século XXI, a ‘juventude rural’, os ‘jovens camponeses’, os ‘jovens agricultores familiares’ ganharam impulso como temas privilegiados em diversas pesquisas” (CASTRO, 2012, p. 439). Entretanto, com a diversidade e multiplicidade das “juventudes”, as ações e os estudos específicos sobre “juventude rural” apresentam ainda uma grande lacuna. O próprio Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), um dos maiores da América Latina apresenta poucos estudos neste campo. Segundo Feitosa (2007), ao mapear os estudos sobre juventude do MST surgiu uma grande surpresa, pois embora o Movimento seja objeto de análise de inúmeras investigações, tanto no Brasil, como no exterior, a juventude é ainda um campo a ser desbravado.

O desejo de discutir as múltiplas questões que envolvem o universo da “juventude rural” me impulsionou ainda na graduação a produzir um vídeo documentário sobre a experiência dos jovens dos municípios de Apuiarés e Pentecoste que constroem uma lógica ‘inversa’ ao que as pesquisas apontam com relação ao fluxo migratório campo-cidade da juventude. O documentário, Nossa Vida Não Cabe Num Curta, apresenta relatos das histórias de vida destes jovens²³, que após ingressar no Ensino Superior em Fortaleza, retornam para as suas comunidades, para desenvolver projetos com foco no desenvolvimento da produção local com jovens e agricultores rurais.

Imbricada nesse universo, e em contato com uma pluralidade de vivências culturais na graduação, passei a ter diversas inquietações com relação a este modo de ser e fazer destes jovens. Na monografia²⁴ apresentada na graduação, procurei analisar a relação comunicacional entre os jovens graduados e os agricultores familiares. Por fazer parte deste coletivo de jovens, busquei experimentar um grau de estranhamento do meio familiar, mas

²³ Estes jovens participavam do PRECE e alguns atuavam na Adel. Destaco que embora o PRECE possibilite o retorno dos universitários as suas comunidades aos finais de semana, nem todos os jovens que ingressam na universidade fazem este percurso.

²⁴ Mais detalhes: Comunicação no terceiro setor: análise das ações de comunicação da Agência de Desenvolvimento Econômico Local (ADEL) no município de Pentecoste-CE. Monografia. Graduação em Comunicação Social – Habilitação em Publicidade e Propaganda, Faculdade Integrada do Ceará, 2010. 60 f.

acredito que por ser a minha primeira experiência de pesquisa não consegui apresentar neste trabalho como eu observava o que estava pesquisando, e como me deixei pesquisar.

Estes desafios me fizeram pensar que teria que percorrer no mestrado outros caminhos e encontrar outro objeto de estudo que estivesse mais afastado das minhas vivências. Após uma tentativa de seleção no mestrado em que abordei outra temática, tive a oportunidade de participar da pesquisa “In(ter)venções AudioVisuais com juventudes em Fortaleza e Porto Alegre²⁵”, que durante dois anos e meio acompanhou experiências sonoras, visuais e audiovisuais com juventudes em territórios de criação e resistência, na perspectiva de cartografar como os jovens exercem o poder de intervir e inventar em distintas experiências coletivas e singulares, bem como, analisar a incidência de tais intervenções nas políticas públicas na configuração de práticas micropolíticas.

Durante um ano participei da pesquisa e tive contato com autores, pesquisadores e experiências que trabalhavam com juventude e audiovisual. A experiência nesta pesquisa me possibilitou o desejo de retomar as questões anteriores que me moviam, e compreender que as conexões e singularidades da pesquisa poderiam interagir com meu próprio meio. Além de rica, essa vivência me permitiu maior contato com a pesquisa acadêmica e também com novas formas de pesquisar. Neste momento, conheci a pesquisa-intervenção e a cartografia, metodologias que me possibilitaram outra visão sobre as práticas metodológicas de pesquisas. Ambas lançam um olhar sobre as investigações acadêmicas diferente de alguns paradigmas abordados pela ciência moderna. Como afirma Rosário (2008) a cartografia

...se desprende dos mitos da ciência em vários aspectos, entre os quais: não se declara neutra, pelo contrário, é parte do objeto; procura tensionamentos, subjetivações e afecções; não toma distanciamento, mas se aproxima do que vai ser estudado, refletindo-se nele; não se constrói sobre modelos metodológicos prontos, mas sobre a trajetória do pesquisador; não propõe a busca da verdade, e sim um caminhar, um ponto de vista sobre o mundo, procurando conhecimentos, suas versões e sua expressividade. (ROSÁRIO, 2008, p. 206).

Na pesquisa com as juventudes de Fortaleza e Porto Alegre, nossa referência foi a “cartografia como método de pesquisa-intervenção” (PASSOS; BARROS, 2010, p. 17) e diferente de outras pesquisas que participei anteriormente, foi uma experiência livre dos modelos canônicos pré-estabelecidos nos modos de fazer ciência. Existia aceitação da subjetividade no método e o uso de procedimentos metodológicos bastante dinâmicos. Apesar

²⁵ A pesquisa aconteceu em Fortaleza e Porto Alegre, simultaneamente, sendo amparada no Grupo de Pesquisa da Relação da Infância, Juventude e Mídia (GRIM), vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação, na Universidade Federal do Ceará (UFC), em parceria com o Grupo de Pesquisa Educare: Micropolíticas Juvenis. Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). <http://pesquisaintervencoes.blogspot.com.br/>

do foco da pesquisa ser juventude urbana, conheci na III Roda de Conversa²⁶ da pesquisa, o trabalho realizado, desde 2010, pela Academia de Ciências e Artes (ACARTES) em parceria com o Projeto Arte e Cultura na Reforma Agrária (PACRA), do Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA) do Ceará, com jovens de onze assentamentos rurais. O contato com esta experiência me provocou a escrita do projeto de pesquisa para o mestrado. O intuito da pesquisa era emergir no universo do grupo, na tentativa de compreender como as ações da ACARTES em parceria com o Arte e Cultura na Reforma Agrária poderiam contribuir com as práticas comunicacionais da juventude rural e como os jovens dialogavam e participavam da iniciativa.

2.1 Por quais caminhos o leme me levou?

Como citei anteriormente na introdução, Barra do Leme, a princípio era o local propício para acontecer a pesquisa. Entretanto, até chegar ao assentamento percorri alguns caminhos no estudo exploratório acompanhada da observação participante e de anotações no diário de campo. Nos primeiros três meses de 2013, mapeei as postagens do blog²⁷ do Arte e Cultura na Reforma Agrária, visitei duas vezes a ACARTES, no Pirambu, e acompanhei momentos da oficina de montagem de cenas, em Itaitinga.

As visitas à ACARTES foram acompanhadas da Prof.^a Catarina Farias de Oliveira, orientadora desta pesquisa, com a ideia de conhecer um pouco da experiência da ONG e como se dava a relação da ACARTES com os jovens dos assentamentos. Como as visitas não tinham um objetivo específico, mas “se faziam numa espécie de atenção concentrada e aberta” (BARROS; KASTRUP, 2010, p. 61) na primeira ida, apenas visitamos a rua onde funciona a ACARTES, pois o prédio estava fechado²⁸. Cláudia e Damasceno²⁹ estavam em Itaitinga preparando o ambiente para a oficina com os jovens.

²⁶ As Rodas de Conversa foram um dos dispositivos da pesquisa. Um espaço de encontro e convivência dos participantes da pesquisa com convidados para conversar sobre as processualidades da pesquisa-intervenção com as juventudes, suas experiências de intervir e inventar com tecnologias sonoras, visuais e audiovisuais, bem como a análise crítica das produções e outros materiais de expressão. A III Roda de Conversa da Pesquisa In(ter)venções audio-visuais com juventudes em Fortaleza e Porto Alegre aconteceu em 29/09/2011, e contou com a participação de Gerardo Damasceno, coordenador da ACARTES e do jovem Anderson, que estudou nas oficinas da ONG e passou a colaborar como monitor. <http://pesquisaintervencoes.blogspot.com.br/p/rodas-de-conversa-fortaleza.html>

²⁷ Endereço do blog: <http://arteculturanaformaaagraria.blogspot.com.br/>

²⁸ Cláudia havia me informado que a formação poderia ser neste dia, mas como não consegui confirmar com antecedência fui para o Pirambu.

²⁹ Cláudia e Damasceno coordenam as atividades da ACARTES. Cláudia é uma pessoa tranquila e determinada, atua principalmente na gestão dos projetos da organização. Gerardo Damasceno, tem cinquenta e cinco anos, é uma pessoa alegre e apaixonada por audiovisual. Ele tem muitos sonhos na área, atua como educador e diretor. Dirigiu em 2011, o filme *Poço da Pedra*, uma adaptação do romance homônimo escrito por ele.

Na segunda ida ao Pirambu, visitamos a sede da ACARTES e conversamos com Damasceno. Ele relatou que a organização já formou cerca de 600 jovens em diversas linguagens artísticas - teatro, dança e audiovisual. Segundo Damasceno, a maioria dos jovens formados continuam atuando na área, alguns vão para o mercado de trabalho ou começam cursar uma faculdade. Outros, de vez em quando, colaboram nos projetos da organização, como facilitadores e/ou na edição de vídeos. Débora, facilitadora da oficina de edição de vídeos³⁰, é uma das jovens que trabalha com audiovisual³¹ e colabora com a ACARTES.

Na conversa com Damasceno discutimos sobre as dificuldades de sustentabilidade das organizações sociais. A maioria das organizações no Brasil não conseguem manter os projetos funcionando por falta de recursos financeiros. A ACARTES, mesmo sendo um Pontão de Cultura³² e recebendo apoio do Ministério da Cultura vivenciava este problema. De acordo com Damasceno, a dependência destes recursos muitas vezes inviabiliza a existência de alguns projetos das organizações. Quando acaba os recursos ou há atraso no repasse, o projeto quase sempre não tem como seguir adiante.

As atividades da ACARTES, no Pirambu, no momento da pesquisa estavam paralisadas, um dos motivos era a falta de recursos financeiros. Ao conversarmos sobre as possibilidades das organizações e coletivos de jovens estarem reinventando novas formas de existência, Damasceno expressou que acredita que a ACARTES pode tornar-se um grupo de formação de audiovisual e se constituir como uma produtora autosustentável. A ACARTES ao longo de 10 anos, criou muitas possibilidades para a juventude do Pirambu. Uma ideia foi a Fábrica de Sonhos³³ que produziu equipamentos audiovisuais com material reciclável. Além de reduzir custos, o sonho de fazer cinema tornou-se possível, e eles produziram o longa-metragem *Poço da Pedra*³⁴.

³⁰ Esta oficina aconteceu em junho de 2013, em Itaitinga, após o meu encontro com Barra do Leme. Acompanhei nesta oficina os primeiros momentos da edição do documentário sobre o assentamento Barra do Leme. Como a oficina era mais prática, participaram apenas os jovens de quatro assentamentos (Barra do Leme, Coqueirinho, Santana e Todos os Santos).

³¹ Trabalha com projetos de audiovisual, na Vila das Artes, equipamento da Prefeitura de Fortaleza, vinculado à Secretaria de Cultura. <http://viladasartes.fortaleza.ce.gov.br/>

³² Os Pontões foram criados para articular os Pontos de Cultura, difundir as ações de cada entidade e estabelecer a integração e o funcionamento da rede dos Pontos de Cultura. Recebem recursos de até R\$ 500 mil, por meio de edital público, para desenvolver programação integrada, adquirir equipamentos e adequar instalações físicas. Fonte: <http://www2.cultura.gov.br/culturaviva/ponto-de-cultura/ponto/>

³³ Vê no texto de Célio Turino “Vista para o mar”, no livro Ponto de Cultura: O Brasil de baixo para cima, 2009, p. 35 – 47.

³⁴ O filme é uma adaptação do romance de mesmo nome de Gerardo Damasceno, que é também seu diretor e coordenador da ACARTES. É uma ficção que narra a história de pequenos produtores rurais que se organizam numa cooperativa para exigir seus direitos, após uma peste que afeta o rebanho caprino de suas terras. A obra é uma releitura do movimento emancipacionista nos anos 80, que redimensiona os acontecimentos políticos e

Nos assentamentos rurais, Damasceno relatou que além do desafio financeiro existe a dificuldade de comunicação entre os jovens. Um problema que ele espera que os próprios jovens consigam solucionar juntos, através da consolidação da Rede de Audiovisual do Campo (RACA³⁵). A Rede é articulada pela ACARTES e o PACRA a fim de fortalecer os processos coletivos de formação, produção e difusão do audiovisual no meio rural. Através da RACA, os jovens são instigados a pensar novos processos de criação nos assentamentos. Por serem de lugares diferentes, uma das formas da Rede se comunicar é por meio do grupo no Facebook - “Alunos RACA”, formado por jovens, facilitadores e coordenadores do projeto. No grupo é compartilhado as atividades do projeto e assuntos sobre audiovisual.

A oficina de montagem de cenas aconteceu em janeiro de 2013, na cidade cenográfica produzida pelos “acadêmicos do Pirambu³⁶” em um Sítio alugado pela ACARTES, em Itaitinga. O Sítio foi utilizado inicialmente em 2009, para as gravações do longa-metragem *Poço da Pedra*. Depois o espaço passou a ser alugado para eventos e para as formações da ACARTES com os jovens. Damasceno chama o espaço de “*Residência Criativa*”, pois considera o momento de muita imersão dos jovens. Eles ficam hospedados no Sítio, e fazem todo o processo de criação, produção e edição dos vídeos. Diferente de quando as oficinas aconteciam no Pirambu, que a turma às vezes se dispersava, os jovens que vão para Itaitinga, permanecem mais focados nas atividades.

O Sítio é um espaço aconchegante e agradável. Nele, foram construídos a pequena cidade cenográfica, composta por 14 espaços, incluindo igreja, cooperativa, armazém, casas, sindicato, alguns feitos de tijolos, outros com madeira e base em metal para a gravação do longa-metragem *Poço da Pedra*. Toda a estrutura montada para o filme permanece neste espaço, mas alguns se encontram em ruínas e são adaptados para a formação dos jovens. Na casa grande, que fica logo na entrada do Sítio é feita a alimentação e as refeições da equipe e jovens. Às vezes, as oficinas³⁷ e gravações dos vídeos acontecem também na casa grande,

sociais da época. Foi adaptado para uma minissérie televisiva, composto por 43 personagens e 100 figurantes. 80% deles participavam dos projetos realizados pela ACARTES.

³⁵ Projeto realizado pela ACARTES, em parceria com o Arte e Cultura na Reforma Agrária/INCRA e Banco do Nordeste. A RACA faz parte da continuidade do trabalho de audiovisual com os jovens assentados, uma trajetória que começou em 2009, com o objetivo de formar jovens produtores nos assentamentos. Em 2015, o trabalho segue com o projeto "A nova arte de se comunicar nos assentamentos", que compartilha a experiência iniciada no Ceará. Este ano, Marta, do assentamento Barra do Leme, esteve em Abaetuba, Pará, junto com a equipe da ACARTES e outros jovens compartilhando a experiência com o projeto. Vê notícia sobre esta viagem em: <http://diariodonordeste.verdesmares.com.br/cadernos/caderno-3/a-comunicacao-pela-arte-1.1236687>, acesso em 06/03/2015.

³⁶ Termo utilizado por Célio Turino em “Vista para o mar”, no livro *Ponto de Cultura: O Brasil de baixo para cima*, 2009, p. 35 – 47.

³⁷ Acompanhei a oficina de edição realizada neste espaço.

pois o local é espaçoso e dá para agregar todos os participantes. Além da casa grande ter uma boa ventilação, fica envolta de varandas e árvores.

Figura 1 - Casa grande no Sítio em Itaitinga.



Fonte: Evilene Abreu (2013).

Além da casa grande, existem casas menores que são utilizadas como alojamento e espaço das oficinas, uma pequena piscina, onde os jovens utilizam no horário livre, ruínas da cidade cenográfica e muitas árvores no entorno do Sítio. Enfim, todo o espaço é utilizado como laboratório para os jovens encenar, filmar e realizar atividades de lazer e momentos de confraternização. A estrutura do Sítio, segundo Damasceno foi adaptada pelo grupo para realizar o trabalho com audiovisual e contou principalmente com os moradores do Pirambu. Cada um com suas “expertises” e habilidades (marceneiros, carpinteiros, gravuristas, pedreiros, poetas, mecânicos, pintores, calceteiros, artistas, projetistas) colaboraram para a realização deste projeto da ACARTES.

Sobre a manutenção do espaço, Damasceno falou ainda na conversa que tivemos quando visitei a ACARTES algumas dificuldades.

Percebi nas visitas a sede da ACARTES no Pirambu, e ao Sítio em Itaitinga, a dificuldade que a organização enfrenta para manter seus projetos e a estrutura. Na conversa com Damasceno falamos sobre as dificuldades que as organizações enfrentam para dar continuidade aos projetos, principalmente as que trabalham com audiovisual. Além do acesso a financiamento, o custo dos equipamentos e a falta de sala para exibição e de canais de televisão que disponibilizem espaço de veiculação para suas produções são outros desafios relatados por ele. (*Anotações do diário de campo – 19/07/2013*).

Figura 2 - Ruínas da cidade cenográfica em Itaitinga.



Fonte: Evilene Abreu (2013).

Figura 3 - Casas utilizadas como alojamento em Itaitinga.



Fonte: Evilene Abreu (2013).

Observo que a ACARTES busca superar essas dificuldades convidando as pessoas do próprio bairro para colaborar nos projetos. A iniciativa da Fábrica de Sonhos permitia a criação de várias invenções cinematográficas e gerava uma pequena renda para a organização. Um dos equipamentos utilizados pela ACARTES é a grua artesanal, feita de ferro de panela derretida moldado na base. Em 2011, quando Damasceno participou da III

Roda de Conversa da pesquisa “In(ter)venções AudioVisuais com juventudes em Fortaleza e Porto Alegre”³⁸ ele apresentou este equipamento.

As oficinas com os jovens dos onze assentamentos aconteceram de 2011 a 2013. Um período bastante prolongado que, segundo Cláudia e Damasceno, foi ocasionado pelo atraso de repasse de recursos dos órgãos financiadores. A perspectiva inicial era desenvolver o projeto em um ano, mas devido estas limitações as atividades se estenderam por três anos. A proposta do projeto incluiu além das oficinas, a produção de um vídeo com os jovens de cada assentamento, sendo o roteiro construído a cada encontro. A maioria dos assentamentos optou pelo gênero documentário.

Como as oficinas intercalavam os períodos, durante estes dois anos a equipe da ACARTES conviveu com os problemas financeiros e a dificuldade de comunicação com os jovens, desistência de alguns e o ingresso de novos participantes. Com o prolongamento da formação, muitos jovens concluíram o Ensino Médio e vinheram para Fortaleza em busca de trabalho, outros começaram a cursar o Ensino Superior e/ou trabalhar no próprio município, tornando inviável a participação no projeto. Uma das alternativas citadas por Cláudia para amenizar estas dificuldades foi a realização das oficinas nos finais de semana e feriados.

Foram realizadas pela ACARTES oficinas de direção de câmera, roteiro, montagem de cenas e técnicas de edição de vídeo. A ida a oficina de montagem de cenas, realizada entre os dias 23 e 26 de janeiro de 2013, aconteceu desse modo. Telefonei para Cláudia no dia 19 de janeiro de 2013, fiquei sabendo da oficina, ela me convidou e logo aceitei o convite para conhecer o Sítio em Itaitinga e os jovens. Fui ao Sítio, dia 25 de janeiro de 2013, acompanhada da Prof.^a Catarina de Oliveira Farias, que me orientou nessa pesquisa. Nenhuma de nós conhecia Itaitinga, mas seguimos as orientações de Cláudia para chegar até o local. O percurso foi feito de ônibus interurbano, saímos 8h de Fortaleza, descemos na parada conhecida como Jabuti, onde fomos de mototáxi para o Sítio, que fica em torno de 3 km da BR 116, que liga Fortaleza a Itaitinga.

O Sítio ficava um pouco afastado do centro de Itaitinga, e o nosso ponto de referência era um cemitério, o qual os mototáxis logo chegaram, mesmo não sabendo qual o lugar que queríamos ir. Assim, ao longo do percurso tivemos que parar em algumas casas após o cemitério para pedir informações. Quando falamos para os moradores o nome da ACARTES eles não conheciam, mas quando citamos que eles trabalhavam com audiovisual, filmagens, logo eles disseram: “fica aqui do lado o pessoal que grava CD”. O mototáxi

³⁸ Mais informações: <http://pesquisaintervencoes.blogspot.com.br/p/roda-de-conversa-fortaleza-as.html>

complementou: “Ah, se tivessem dito que era na casa que grava CD, eu sabia, pois sempre trago pessoas para cá”. Devido a ACARTES prestar alguns serviços para os moradores, é conhecida por estas ações, o que penso que reforça as diversas nomeações que o grupo tem em cada espaço que atua.

A ACARTES por atuar em vários locais e interagir com diferentes grupos recebe múltiplas nomeações. Enquanto no Pirambu, é vista como uma ONG que trabalha com juventude e audiovisual, em Itaitinga é conhecida pelos vizinhos como um grupo de pessoas que presta serviços de audiovisual e para os jovens dos assentamentos é uma instituição que em parceria com o Arte e Cultura na Reforma Agrária realiza as formações de audiovisual.

Ao chegar ao Sítio, fomos acolhidos por Cláudia e Geovana, filha mais nova do casal, de um ano, que está sempre acompanhando os pais nas viagens. Em seguida fomos até a sala de estudo, onde Damasceno ministrava a oficina. Na ocasião, apenas observei o ensaio que eles estavam fazendo de um vídeo que foi escrito pelos jovens, a partir do seguinte enredo: uma jovem filha de um senhor viúvo que não percebe que ela está chegando a adolescência e, ainda, a vê como criança. No momento em que chegamos eles ensaiavam as cenas internas, e logo deram uma pausa para o lanche. Na ocasião, conversei com Joelma e Marta, do assentamento Barra do Leme, e por ser de Pentecoste, logo interagimos devido termos vivências próximas. Marta é a mais nova, tem 18 anos, e naquele período estava cursando o 3º ano do Ensino Médio, inclusive estudava na mesma Escola que meu irmão mais novo em Pentecoste. Joelma, tem 21 anos e já havia concluído o Ensino Médio. Conversei também com jovens de outros assentamentos, trocamos contato, falamos das suas vivências, localização do assentamento e suas ações com audiovisual.

Após o lanche, eu e a Prof^ª. Catarina fomos apresentadas por Cláudia, em seguida, os jovens também se apresentaram e manifestaram a importância do Projeto Arte e Cultura na Reforma Agrária em suas vidas. No período da tarde, Cláudia, conversando comigo e a Prof^ª. Catarina, falou da rejeição que alguns jovens têm inicialmente com a chegada de pesquisadores, fato que ela observa também no Pirambu e que foi compartilhado por Damasceno na III Roda de Conversa da pesquisa “In(ter)venções AudioVisuais com juventudes em Fortaleza e Porto Alegre”. Ela também falou das possibilidades de ampliação da iniciativa para outros Estados, reforçou a importância da parceria com o INCRA e a realização de um seminário em Fortaleza, com a mostra dos vídeos produzidos pelos jovens. O seminário estava em fase de planejamento e pelo que acompanhei não foi realizado na data

prevista, sendo incluído na programação do evento de Dez anos do projeto Arte e Cultura na Reforma Agrária, em dezembro de 2013.

A conversa entre Catarina e Cláudia seguiu e eu retornei para a sala de estudo para acompanhar a oficina com Damasceno. Nesse momento, eles estavam encenando as cenas externas, se dividiram em grupos, e se apresentavam em duas posições, ora estavam atuando, ora compunham a equipe de produção. Os papéis estavam sempre se invertendo. Segundo Damasceno, esta oficina era a preparação e fechamento do roteiro para a gravação de um vídeo na próxima oficina. E, apesar de serem os mesmos jovens, esse vídeo fazia parte de um novo projeto realizado em parceria com o Banco do Nordeste³⁹. Em outro momento, eles estariam retomando as atividades do projeto anterior com as oficinas de edição para finalizar os vídeos-documentários sobre cada assentamento.

Nesta oficina havia no mínimo, um jovem e no máximo três, de cada assentamento. Na ocasião, apresentei a proposta inicial da pesquisa e o desejo de realizar em um dos assentamentos ali presentes, enfatizando no meu discurso a relação dos mesmos com o MST, um dos critérios que julgava importante na escolha. No momento, fui surpreendida pelos próprios jovens de que este critério não teria tanta ênfase no estudo, já que eles se definiam como um Movimento de Arte e Cultura do Campo. Um dos jovens da oficina ressaltou: “O Arte e Cultura é um movimento a favor da arte e cultura do campo, que tem sua própria trajetória de luta e conquistas, e não está ligado ao MST”. Confirmei em seguida esta informação no blog do projeto, no qual é descrito como uma das conquistas do ano de 2010, a inclusão da temática arte e cultura no campo em outros movimentos. “A Arte e a Cultura se tornaram uma pauta dos movimentos sociais do campo (MST, FETRAECE, CPT), tendo o Arte e Cultura na Reforma Agrária como referência⁴⁰”.

Entretanto, mesmo o jovem declarando que o Movimento é autônomo, ele tem suas bases nos movimentos de luta pela terra. Muitos jovens ali presentes, participam no assentamento de outros Movimentos Sociais, inclusive do MST. A exemplo os jovens do assentamento Santana, em Monsenhor Tabosa, distante em torno de 300 km de Fortaleza, ligado ao MST. Poderia ter realizado a pesquisa neste assentamento, mas a distância do mesmo poderia dificultar o acesso ao campo. A viagem de Fortaleza até a sede do município

³⁹ O Projeto “RACA - Rede de Audiovisual do Campo”, foi aprovado no Edital 2012 do Programa BNB de Cultura/ parceria BNDES. O objetivo é constituir a Rede de Audiovisual do Campo (RACA), desenvolver processos coletivos de formação, produção e difusão do audiovisual no meio rural. Fonte: <http://arteculturanareformaagraria.blogspot.com.br/2012/08/pacra-aprova-08-projetos-no-programa.html>

⁴⁰ Relato apresentado no cronograma das ações desenvolvidas em 2010 pelo Projeto Arte e Cultura na Reforma Agrária (PACRA) - <http://arteculturanareformaagraria.blogspot.com.br/2011/06/2010.html>

de Monsenhor Tabosa é cerca de 4h20min. Os jovens quando vinham para as oficinas em Itaitinga passavam dois dias viajando, primeiro vinham de paus-de-arara⁴¹ até Monsenhor Tabosa, onde dormiam na maioria das vezes, e de lá seguiam de ônibus para Fortaleza.

Após estes apontamentos, não levei mais em consideração o assentamento está ligado ao MST, pois seria reduzir as possibilidades de encontro com outros espaços, e ‘engessar’ o objeto de estudo, que tinha como foco principal questões mais amplas sobre as relações constituídas pelos jovens rurais com o audiovisual. Além disso, compreendi que a temática que propunha trabalhar excedia a participação dos jovens em um Movimento ou grupo, e que ter este item como determinante poderia limitar o objeto.

Uma primeira questão que se observa e não poderia deixar de mencionar na construção desta problemática e escolha do local de pesquisa, foi a minha postura como pesquisadora. Desde o princípio apresentei minhas origens, e mesmo com vivências no meio rural, desconhecia os modos de vida e organização de um assentamento rural, que difere em alguns aspectos de uma comunidade. As diferenças contribuíram para intensificar e aproximar o contato com os jovens, pois como ressalta Caiafa (2004) é quando nos comunicamos com o que é estranho, que existe a possibilidade de construirmos outras experiências possíveis. Ou seja, “a comunicação se dá por uma *operação de diferença*. Ela se efetua pela concreção de um possível que me é estranho, por uma dimensão em que não me reconheço, mas que, ao contrário, me tira um pouco de mim” (CAIAFA, 2004, p. 52).

Nesse sentido, a escolha do assentamento além de levar em consideração a participação do assentamento nas oficinas; frequência dos jovens; acessibilidade e aproximação dos interlocutores, teve como ponto de partida querer conhecer como era este lugar que ao mesmo tempo era tão próximo a mim e tão distante. Na oficina de montagem de cenas, ao interagir com os quatorze jovens, principalmente com Marta e Joelma, jovens de Barra do Leme, fui instigada a querer saber mais sobre este lugar que tinha um trabalho cultural tão intenso. Após a oficina, mesmo tentando manter contato com todos os jovens através das redes sociais, telefone e e-mail, não obtive retorno da maioria, havendo do grupo de Barra do Leme maior aderência e um convite para participar da 1ª Feira Cultural do Ciclovida⁴².

⁴¹ Caminhões abertos e improvisados, em que a caçamba (parte traseira) é utilizada como área para transporte de passageiros. São colocados na carroceria do veículo tábuas, que servem de assento, e a maioria deles são cobertos com uma lona para proteger das intempéries. Os paus-de-arara não oferecem nenhuma condição de segurança ou conforto para os passageiros.

⁴² O Ciclovida é uma iniciativa coletiva de cunho socioecológico e cultural com o intuito de conversar e trocar sementes crioulas, usando a bicicleta como meio de transporte ecológico. Envolve pessoas de diferentes Assentamentos e países, e teve como ação principal a produção do documentário “Ciclovida”, em 2005, que

2.2 O encontro com Barra do Leme

O encontro com Barra do Leme foi intermediado inicialmente por Marta e Joelma, jovens que conheci na oficina de montagem de cenas, em Itaitinga. Desde quando as encontrei, notei um acolhimento da pesquisa, o que considerei indispensável para a realização do estudo. Tinha em mente, que o apoio dos jovens e moradores era essencial, pois realizar uma pesquisa de campo é se deparar com obstáculos e uma nova realidade. Antes mesmo de iniciar esse processo, ouvi de professores e colegas na Universidade, inclusive de Damasceno e Cláudia, relatos sobre como os jovens e alguns integrantes de Movimentos Sociais viam as pesquisas acadêmicas. Existia relatos de pesquisadores que iam à comunidade fazer suas pesquisas e algumas vezes, não retornavam para apresentar o trabalho final.

Nesse sentido, desde a primeira ida a campo, apresentei a proposta de estudo e busquei uma abertura para o novo processo de aprendizagem que se dava início, tanto para mim, quanto para os jovens e moradores. Como afirma Diógenes (2008), em um processo de investigação faz-se necessário uma abertura do pesquisador. “Abertura para ver, escutar, deixar mobilizar-se por processos pessoais que possam emergir nessas circunstâncias e que estão, assumidamente, relacionados aos movimentos esboçados no esforço da investigação” (DIÓGENES, 2008, p.18). Desse modo, o ato de pesquisar assume um papel transformador, na medida em que interfere na formação do pesquisador e pesquisados.

A primeira ida a Barra do Leme aconteceu por ocasião da 1ª Feira Cultural do Ciclovida. Recebi o convite para conhecer o assentamento e participar da feira, que aconteceu em abril de 2013, com o objetivo de movimentar culturalmente o assentamento e despertar olhares para a seca que, desde 2010, atingia a região nordeste. Além do convite dos jovens por telefone, acessei a programação do evento no Facebook e me programei para acompanhar as atividades no sábado a tarde. Entretanto, a programação foi alterada e só foi possível conhecer o espaço e o brechó.

Na ocasião, Marta e Joelma, não estavam no assentamento. Elas estavam para Escola de Teatro da Terra⁴³, em Canindé. Mesmo assim, esta ida foi muito importante, pois conheci o local e outras pessoas. Isso me trouxe tranquilidade e o desejo de retornar em breve

conta a história do casal de agricultores do Assentamento Barra do Leme (Ivânia e Inácio) que atravessaram a América do Sul pedalando por mais de dez mil km na campanha de resgate das sementes naturais. Fonte: <http://projetciclovida.blogspot.com.br/>

⁴³ A Escola de Teatro da Terra é uma ação de formação desenvolvida pelo PACRA/INCRA, em parceria com a Associação do Assentamento Todos os Santos, em Canindé. Traz como eixo base a especificidade da arte produzida no campo, tratando-a como singular, inserida num contexto de encantamento do homem com a terra. Fonte: Panfleto de divulgação da Escola.

para continuar a pesquisa. Sem falar que comecei a estabelecer por onde iria caminhar na pesquisa. Apesar de ter passado por aquele lugar antes deste estudo, a minha ida no dia da feira era como se fosse a primeira vez, fui com um olhar atento e sem saber de fato se estava no caminho correto.

Figura 4 - Cartaz da 1ª Feira Cultural do Ciclovida.

1ª Feira Cultural do Ciclovida
Dia 06 de abril 2013

A feira cultural será um encontro de várias linguagens artísticas, onde acontecerá um brechó e vendas de produtos diversos (instrumentos, artesanatos, essências e mais...) entrelaçadas em meio a apresentações culturais muito música da terra e convidadas alegrando e movimentando a feira através da arte circense e do teatro, no intuito de movimentar o assentamento e criar perspectivas de caminhos diferentes para driblar a situação atual de seca.

Contatos:
Mailton Rodriguez
(85) 8727-2241
mailto:mailtonrodriguez@gmail.com
Face: rodriguezpotiguara
Manoel Inacio
(85) 9934-5573
face: ciclovida ou manoel inacio do nascimento

Apoio:
Diaconia
CARICULTURA

Programação

Dia 05 (Sexta)
Acolhida dos grupos no Ciclovida (Barra do Leme)

Dia 06 (Sábado)
09:00 - Brechó e venda de produtos arrecadados com malabares e arte circense
12:00 - Almoço
14:00 - Retorno a feira e música livre
16:00 - Mostra teatral
Chico Mendes - Grupo Caricultura
Mateus e Patrícia - Coletivo Muquiço
19:30 - Musicas e batuques
Banda oco do mundo
Batuques livres

Realização:
Ciclovida

Fonte: Evento publicado no Facebook⁴⁴.

Ao chegar ao assentamento encontrei Ivânia, Inácio e Vângela⁴⁵ no Ponto de Cultura. Eles estavam coordenando o brechó, recepcionando e organizando o evento. Encontrar os três possibilitou conhecer um pouco de suas histórias e das lutas no próprio assentamento. Inácio e Ivânia eu já sabia um pouco da luta deles em prol da agroecologia, pois em 2011, estive presente no lançamento do documentário Ciclovida⁴⁶, em Fortaleza, no qual eles participaram de uma roda de conversa. Porém, não tinha dimensão dos trabalhos realizados no assentamento. Somente após o contato com a equipe⁴⁷ da ACARTES e conviver com Ivânia e Inácio, e os demais moradores de Barra do Leme no período da pesquisa, é que percebi as multiplicidades e singularidades que constituem os seus modos de vida. Embora

⁴⁴ Endereço do evento: https://www.facebook.com/events/135681656614662/?ref_dashboard_filter=calendar

⁴⁵ Vângela tem 32 anos, é muito simpática, tímida e prestativa. Era a atual coordenadora do Ponto de Cultura e uma grande colaboradora das atividades do grupo. Ela mora próximo ao Ponto de Cultura, e sua casa é um ponto de apoio, principalmente para a alimentação da equipe.

⁴⁶ O documentário Ciclovida foi produzido pelos irmãos americanos Matt e Loren Feinstein, com colaboração de ativistas brasileiros. O filme acompanha a viagem de Inácio e Ivânia de bicicleta pela América latina. Eles pedalarão por mais de 8 mil quilômetros, durante 5 anos. Além de incentivar o plantio de sementes naturais, o documentário registra a dominação dos agrocombustíveis no campo e o deslocamento de pequenos agricultores e comunidades indígenas. Foi exibido em 01/03/2011, na Vila das Artes, em Fortaleza. Contou com a presença de Inácio e Ivânia. Fonte: <http://blogs.diariodonordeste.com.br/blogdecinema/cineclubismo/ciclovida-na-vila-das-artes/>

⁴⁷ Cláudia e Gerardo Damasceno.

nem todos os moradores do assentamento utilizem a terra apenas para sua subsistência e se preocupem com a preservação do meio ambiente, existe uma intensidade de processos artísticos e comunicacionais que são compartilhadas no Ponto de Cultura⁴⁸ Cantos da Mata

Figura 5 – Ponto de Cultura Cantos da Mata.



Fonte: Evilene Abreu (2013).

As duas horas, aproximadamente, que fiquei conversando com Ivânia, Inácio e Vângela foram bastante agradáveis. Eles falaram sobre a conquista do assentamento, as ações do Caricultura e do Ciclovida, e as dificuldades que enfrentam no Ponto de Cultura, devido aos entraves burocráticos, uma realidade que é vivida por outros Pontos e que é ressaltada por Turino em seu livro *Ponto de Cultura: O Brasil de Baixo para Cima* (2009). No momento, expressei o desejo de realizar a pesquisa com os jovens em Barra do Leme e todos foram receptivos. Agendamos um retorno, mas as atividades do semestre acabaram adiando a volta para agosto, quando minha vivência no assentamento passou a ser mais prolongada, ficando no mínimo, a cada ida, dois dias em campo.

O trajeto para o assentamento foi se definindo aos poucos. Primeiro, fazia contato com Marta ou Joelma, e ia descobrindo a cada dia as estradas e veredas que me levavam até a “Barra⁴⁹”, bem como os transportes coletivos e os possíveis caminhos que podemos fazer de Fortaleza a Barra do Leme. Para chegar à “Barra”, cada visitante e/ou pesquisador pode

⁴⁸ O Ponto de Cultura faz parte do Programa Nacional de Cultura, Educação e Cidadania - Cultura Viva criado e regulamentado por meio das portarias nº 156, de 06 de julho de 2004 e nº 82, de 18 de maio de 2005 do Ministério da Cultura. <http://www.cultura.gov.br/cultura-viva>

⁴⁹ Forma como os moradores se referem ao assentamento Barra do Leme no dia a dia.

experimental vários trajetos e definir qual o melhor caminho a seguir. Devido o assentamento Barra do Leme, estar localizado na zona rural de Pentecoste, distante 89 km de Fortaleza, capital do Ceará, e a 42 quilômetros da cidade de Pentecoste, o acesso pela BR-020 indo até o Km 53 no sentido Fortaleza-Canindé torna-se mais viável. A distância entre Barra do Leme e Fortaleza é de apenas 69 km.

Figura 6 – Comunidade de Salgado, estrada que dá acesso à Barra do Leme.



Fonte: Evilene Abreu (2013).

De acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas (IBGE), Pentecoste apresenta uma extensão territorial de 1.378,311 Km² e faz limite ao leste com os municípios de Caucaia e Maranguape, tornando o tráfego dos moradores e visitantes do assentamento para Maranguape mais constante do que para Pentecoste. Além de Maranguape ser mais próximo, existe um ônibus que trafega pelo assentamento diariamente, com exceção do período chuvoso, quando não é possível transitar pela estrada carroçável que dá acesso a BR-020. O ônibus sai da rodoviária de Maranguape às 13h, com destino a comunidade Recanto do Massapê, no município de Apuiarés, vizinho a Pentecoste, e retorna por volta das 6h com destino a Maranguape.

No meu caso, após fazer duas viagens de moto por caminhos distintos⁵⁰, cheguei à conclusão que o acesso pelo município de Maranguape era o mais interessante para fazer durante a pesquisa. O trajeto era menor, viajava de ônibus, e quase sempre conhecia algum

⁵⁰ No tópico 2.3.1 *Dos desafios da pesquisa*, apresento os caminhos percorridos nas duas primeiras viagens de moto.

morador do assentamento ou visitante com quem interagia durante a viagem, com exceção das vezes em que cochilávamos em pleno sol escaldante, pois a viagem era muito cansativa. Além do sol, tinha muita poeira, os buracos da estrada e o desconforto do ônibus. Entretanto, posso dizer que, apesar das adversidades, a cada viagem tinha o privilégio de encontrar pessoas encantadoras, ouvir histórias inspiradoras e desfrutar de uma conversa animadora com os muitos passageiros que “iam ou vinham do Sertão⁵¹”.

Figura 7 - Localização do município de Pentecoste.



Fonte: *Google maps*.

2.3 Retomando o leme da pesquisa

Após o estudo exploratório e minha aproximação do assentamento Barra do Leme, percebi a necessidade de construir outros “mapas” da pesquisa. Se antes tinha a compreensão que existia uma produção audiovisual circulando nos assentamentos, o “leme” apontava outro caminho. No assentamento Barra do Leme encontrei uma intensa produção artística com música, xilogravura, contação de histórias, cordéis, dança e teatro, que me convidavam a rever algumas questões e até mesmo a metodologia da pesquisa.

Desse modo, passei a priorizar as relações vividas no assentamento Barra do Leme e a compreender que seria necessário perceber, além das apropriações e os usos do

⁵¹ Expressão que sempre ouvia ser pronunciada no ônibus e até na Rodoviária de Maranguape por passageiros que vinham para comunidades próximas à Maranguape: “Este ônibus vai para o sertão? O Chico vem do sertão?” Perguntou uma das vezes o senhor que sentou ao meu lado e junto com outro amigo começou a falar do período em que morou na comunidade onde nasci e perguntar pelos meus avós que eram contemporâneos a eles.

audiovisual pelos jovens, as inquietações, os desejos, anseios, e os processos artísticos e comunicacionais no assentamento. Norteada a partir dos processos vividos durante o estudo exploratório, das leituras, seminários e orientações da Prof.^a Catarina, fui construindo este percurso. As singularidades e multiplicidades dos processos artísticos e comunicacionais que existiam no assentamento ampliavam meu olhar e me mobilizavam a querer perceber quais eram as relações dos jovens com o audiovisual? Como eles construíam suas intervenções no assentamento? Desse modo, passou a me interessar nesse percurso os acontecimentos que ocorriam no assentamento e que fui sabendo por meio do diálogo com os jovens e moradores. Mais do que dar conta de uma pretensa existência autônoma de produção audiovisual, vi que os processos artísticos e comunicacionais mobilizavam o assentamento.

Marta e Joelma, ainda no nosso primeiro encontro, relataram que, antes das oficinas da ACARTES, aconteceu outras oficinas de audiovisual no assentamento, mas por falta de equipamentos eles não levaram adiante o trabalho. Somente Camilo, um dos jovens que também participou das formações da ACARTES, continuou trabalhando na área. Camilo tem 22 anos, atualmente trabalha em uma produtora em Fortaleza, e nem sempre consegue ir para todas as oficinas da ACARTES. Conheci Camilo na oficina de edição de vídeos em Itaitinga e me chamou atenção o trabalho dele com audiovisual. Durante uma conversa, ele expressou que desde os 14 anos tinha curiosidade pela área de edição.

Nas visitas ao assentamento, também percebi a intensidade que era o trabalho com arte e agroecologia. Existem em Barra do Leme, o Caricultura e o Ciclovida, projetos que integram jovens, crianças e adultos. Também, ao me aproximar do trabalho realizado pela ACARTES e Arte e Cultura na Reforma Agrária com os jovens do assentamento Barra do Leme, passei a compreender melhor como funciona a relação da ACARTES e do Arte e Cultura na Reforma Agrária no assentamento. A ACARTES é uma parceira do Arte e Cultura na Reforma Agrária na implementação das ações voltadas para o audiovisual. A ACARTES ministra as oficinas de audiovisuais e o Arte e Cultura na Reforma Agrária, articula e mobiliza os jovens dos assentamentos para participar das oficinas. Há uma relação ampla do Arte e Cultura com o assentamento, que inclui o apoio as atividades do Ponto de Cultura.

O Ponto de Cultura faz parte da política pública cultural desenvolvida no governo Lula (2003-2010) que possibilitou alguns avanços na área cultural do país. Mas, atualmente, os Pontos enfrentam dificuldades de manutenção por falta de apoio do governo e até mesmo por não terem uma logística que proporcione que os grupos culturais acessem os benefícios desta política. Os entraves burocráticos são os principais problemas apontados tanto pelo

grupo de Barra do Leme como por Turino (2009), que mesmo enfatizando o papel que os Pontos de Cultura assumiram na ampliação das expressões da diversidade cultural brasileira, avalia os desafios que os grupos culturais convivem diariamente.

Em Barra do Leme, o acesso a esta política cultural ocorreu em 2008, quando o assentamento em parceria com o Arte e Cultura na Reforma Agrária elaboraram o projeto do Ponto de Cultura Cantos da Mata para trabalhar com experiências culturais, comunicacionais, artísticas e ambientais na comunidade. O Ponto de Cultura Cantos da Mata ao manter as atividades artísticas e culturais desenvolvidas pelo Caricultura, proporcionou visibilidade ao trabalho do grupo, acesso a formações, infraestrutura, intercâmbios e apoio financeiro. Desde a criação do Ponto de Cultura, o Caricultura com o apoio de parceiros, exibiu seus trabalhos em outros espaços.

Nesse contexto, questiono: como os processos artísticos e comunicacionais (re)inventam os modos de ser dos jovens? Quais são as inquietações e os desejos da juventude rural? Quais as singularidades do grupo na sua relação com os hábitos da vida urbana? Como eles se relacionam dentro e/ou fora do assentamento e constroem suas próprias intervenções?

Nessa conjuntura, o projeto de pesquisa que estava orientado para analisar as produções de sentidos dos jovens criadores de audiovisual e a recepção das produções audiovisuais no assentamento, passou a ter como objetivo principal: compreender como os processos artísticos e comunicacionais (re)inventam os modos de ser da juventude rural, no assentamento Barra do Leme, em Pentecoste. Os objetivos específicos são: a) Cartografar os processos artísticos e comunicacionais realizados com os jovens no assentamento; b) Compreender como os jovens se organizam e constroem a imagem de si e da comunidade através das intervenções que criam, incluindo nesta análise os vídeos produzidos na oficina de audiovisual no assentamento; e c) Problematizar os processos artísticos e comunicacionais, bem como os movimentos campo-cidade, cidade-campo que compõem o universo da juventude rural.

Após a reformulação da proposta, retomei algumas reflexões sobre a temática “jovem rural”, os critérios e características que estava abordando na pesquisa. Nesse ínterim, preferi observar minhas próprias abordagens, e cheguei a conclusão que apesar de, desde o início da pesquisa, apresentar uma percepção de que a “juventude rural” não poderia ser vista apenas pelo viés da dicotomia rural-urbano, por alguns momentos, reproduzi o discurso do senso comum e de alguns programas governamentais de que o jovem deveria ficar no meio rural. Desse modo, conclui que a questão central da pesquisa, não era a permanência do jovem

no meio rural ou a análise das apropriações e usos que os jovens, que vivem em um assentamento rural, fazem de uma política pública, mas compreender como esses jovens se mobilizam em meio às adversidades deste espaço, que ora são vistos como agente de transformação, ora são adjetivados apenas como filho de assentado. Talvez pelo fato de desconhecer os modos de vida de um assentamento rural e de ter como ponto de partida minha própria história de vida, que foi se compondo muito a partir do dilema entre ficar ou sair do meio rural, deixar o aconchego familiar para vir buscar outras oportunidades no meio urbano, não me atentei nas fronteiras da pesquisa.

Porém, é importante destacar que foi por meio das relações vividas em campo que um novo modo de olhar foi se recriando na pesquisa e na minha própria atuação enquanto pesquisadora. Nessa perspectiva, trago como reflexões para a pesquisa os modos de ser dos “jovens rurais”, que assim como os “jovens urbanos” convivem com as contradições e adjetivações que envolvem o tema “juventude”. E, para dar conta do exercício teórico-metodológico, abordei as contribuições da pesquisa-intervenção e do método da cartografia propostos nos estudos de Rosário (2008); Passos, Kastrup e Escóssia (2010); e Aguiar (2011) a partir da cartografia definida por Deleuze e Guattari (1995).

Os dispositivos e procedimentos que se fizeram neste percurso – observação participante, diário de campo, oficinas, entrevistas semiestruturadas, bem como a análise dos vídeos/fotografias produzidos com os jovens e a experiência do convívio no assentamento, proporcionaram conhecer e (re)inventar os processos artísticos e comunicacionais com os jovens. No âmbito da pesquisa, esses processos foram vividos em sentido duplo. Assim como as crianças, jovens e adultos que faziam as intervenções no assentamento, eu me despertei/mobilizei junto com o grupo a pensar nas diferenciações que constituem os modos de ser dos jovens que vivem no meio rural e que estão em constante relação com a cultura e os hábitos do meio urbano.

Como lembra Sales (2006, p. 3), “a juventude rural não é una, mesmo porque existe uma multiplicidade de formas de viver e formas de socialização no campo e, portanto, diversidades de culturas, valores, desejos e expectativas sociais”. Além disso, nos últimos anos, a juventude rural tem estado em constante movimento, os fluxos campo-cidade e cidade-campo se elevaram com o avanço dos meios de transporte, melhoria das estradas e acesso ao conhecimento. Nesse sentido, nosso problema de pesquisa, surge a partir das inquietações sobre a ausência dos direitos básicos da juventude rural. Infelizmente, apesar dos avanços, ainda existem muitas ressalvas para quem mora no meio rural. A educação, as

opções de lazer e trabalho são bastante limitadas. Na maioria das vezes, os jovens que vivem nos assentamentos rurais e/ou envolvidos em Movimentos Sociais e Programas Governamentais são compreendidos apenas como “agentes privilegiados de transformação social” (CASTRO, 2012, p. 437), apresentados pelos pais, lideranças, políticas públicas e instituições como os sujeitos que podem mudar o mundo e dar continuidade as lutas e as memórias do coletivo.

Na experiência do projeto Arte e Cultura na Reforma Agrária, desenvolvido pelo INCRA, temos alguns aspectos desta perspectiva ao ser enfatizado a posição dos jovens como “multiplicadores” da cultura do campo e dos conhecimentos adquiridos no projeto. No assentamento Barra do Leme, os jovens também vivem os dilemas entre o desenvolvimento das suas próprias ideias e sonhos, pois convivem com dois modos de vida bastante antagônicos. De um lado, eles têm um projeto agroecológico, de outro, a agricultura tradicional, que devasta o solo e a natureza. Infelizmente, a prática de queimadas, o uso de agrotóxicos e o corte das árvores para produzir pasto para os animais ainda é visto por muitos agricultores de Barra do Leme e de várias comunidades como a melhor forma de cultivo.

Outro ponto importante na construção do problema de pesquisa foi a própria constituição das pesquisas sobre juventude, que no século XIX foi abordada muito a partir da faixa etária, homogeneizando assim o conceito a partir dos limites máximos do período formal de escolarização básica. Neste viés, percebo que apesar dos últimos estudos priorizarem outros temas como: associação entre juventude, educação e lazer (ABRAMO, 1994); juventude como construção social (CASTRO, 2009); “jovem rural” ainda é, segundo Castro (2009, p. 39), uma posição hierárquica de subalternidade. Para a autora, a juventude rural é percebida como inferior, tanto no meio familiar como na sociedade, pelas escolhas dos jovens e o próprio contexto dos espaços rurais no Brasil.

Dessa maneira, a “juventude rural” convive com as imagens pejorativas que são construídas pela sociedade e a insatisfação por parte de alguns familiares quando os jovens interagem com hábitos culturais ditos urbanos, e, determinados na maioria das vezes, pela mídia. Essa última é vista por lideranças de Movimentos Sociais e até pelos próprios pais como negativo, já que consideram que os produtos divulgados pelos meios de comunicação, especificamente a televisão, não são positivos para os processos de socialização dos jovens no assentamento. Estas questões surgem pelo fato dos adultos apresentarem suas opiniões sobre os jovens, ao invés de ouvir suas ideias e inquietações.

Nesse sentido, a percepção dos “*agenciamentos* (DELEUZE; GUATTARI, 1995, p. 111) dos próprios jovens” e da sobreposição de outros agenciamentos, essencialmente dos adultos, das organizações, dos pais, das políticas públicas e dos próprios Movimentos Sociais, se torna importante para observar as singularidades de cada indivíduo. Deleuze e Guattari (1995) apresentam que os agenciamentos estão intrinsecamente ligados aos desejos e perpassam por agenciamentos coletivos e maquínicos, tendo em vista que envolve as interações sociais, os meios, os desejos e as paixões. No caso dos *agenciamentos maquínicos*, os autores atentam que eles acontecem, “simultaneamente, no cruzamento dos conteúdos e das expressões em cada estrato, e do conjunto dos estratos com o plano de consistência” (DELEUZE; GUATTARI, 1995, p. 114).

No plano de consistência é priorizado somente o que é suficiente para construir intensidades e construir conexões, pois ele “ignora as diferenças de nível, as ordens de grandeza e as distâncias” (DELEUZE; GUATTARI, 1995, p. 110). De acordo com os autores, por conta dos agenciamentos serem da ordem dos afetos, eles criam “uma relação de cofuncionamento, descrita como um tipo de simpatia. A simpatia não é um mero sentimento de estima, mas uma composição de corpos envolvendo afecção mútua” (BARROS; KASTRUP, 2010, p. 57). Desse modo, a abordagem dos *agenciamentos* que constitui as relações dos jovens permite uma aproximação das intervenções produzidas com eles e a possibilidade de conhecer as potencialidades presentes nos modos de ser e agir dos jovens. A percepção dos fluxos que envolvem o cotidiano dos jovens é importante para compreensão de quais são as linhas de fuga existentes. As linhas são tentativas de escapar aos modelos dominantes e resistir aos modelos hierarquizados de viver e se comportar nos espaços.

2.3.1 Dos desafios da pesquisa

Fazer uma pesquisa em uma comunidade rural, a priori, não era vista por mim como uma dificuldade. Como o espaço era muito familiar eu acreditava que não teria muitas limitações, entretanto, após definir o *locus* da pesquisa me deparei com alguns obstáculos. O acesso ao assentamento, sobretudo no período chuvoso, a disponibilidade dos interlocutores, bem como a adaptação ao ambiente foram alguns desafios encontrados no caminho.

A ideia de ficar hospedada na casa das próprias famílias do assentamento, me fez pensar antes de iniciar a pesquisa, como seria minha adaptação quando fosse necessário uma vivência mais prolongada em campo. Mesmo sabendo como são afetuosas e acolhedoras a maioria das pessoas que moram na zona rural, a experiência da pesquisa no assentamento era

diferente de todas as situações já vividas. Cresci vendo os meus pais acolher as pessoas que vinham a comunidade e realizei antes da pesquisa, alguns trabalhos em comunidades rurais, quando me hospedei em casas de famílias e aprendi muito com os momentos de partilha. Mas, a vivência da pesquisa diferia das experiências anteriores. Estava no assentamento sem nenhum intermediador, ou seja, não estava ali porque era de alguma organização ou fosse prestar um serviço para a comunidade, mas sim na perspectiva de fazer um estudo *com* os jovens, sem conhecer o lugar e as pessoas. “Era preciso falar com estranhos” como diz Fernanda Meireles⁵², e nesse caso, da pesquisa “conviver com estranhos”.

Também existia outro ponto, a responsabilidade no ato de pesquisar. Estava muito inquieta no início da pesquisa para definir os procedimentos teóricos-metodológicos. Algumas vezes questionava: quais as contribuições da pesquisa? Como os jovens e os moradores iam ver meu modo de atuar? Estas questões foram entraves superados a partir das vivências em campo e das estratégias teórico-metodológicas abordadas pela Pesquisa-Intervenção e Cartografia que foram primordiais para dar conta deste processo.

O deslocamento para o assentamento inicialmente fiz de moto. Saía de carro ou de ônibus de Fortaleza e ia para casa dos meus pais ou sogros, nas comunidades de Muquém ou Mulungu, em Pentecoste. De lá, seguia de moto⁵³ para Barra do Leme. Esse trajeto era o mais difícil, mas foi o único viável no período chuvoso, pois não tinha como o ônibus que passa no assentamento transitar nas estradas carroçáveis. Quando fazia este trajeto, ia de ônibus até a sede de Pentecoste ou Paramoti, em seguida partia de paus-de-arara ou de moto para casa dos meus pais, distante 32 km de Pentecoste e 14 km de Paramoti. Mesmo Paramoti sendo mais próximo, só existe a opção de um único horário de ônibus, que sai às 15h de Fortaleza e chega às 18h. Outra opção que tinha, mas que não fiz durante a pesquisa, era ir de ônibus até Pentecoste e ir direto para o assentamento nos carros paus-de-arara que levam os moradores do assentamento para a sede do município em alguns dias da semana para fazerem compras, irem ao banco, fazer alguma atividade na cidade. O trajeto feito pelos carros da feira é de 32 km. Em geral, eles saem do assentamento às 5h30min e retornam por volta das 16h ou até mais tarde, dependendo das estradas ou do tempo que os passageiros levam para fazer suas atividades em Pentecoste.

O ônibus que saía da rodoviária de Maranguape com destino a comunidade Recanto do Massapê, no município de Apuiarés, vizinho a Pentecoste, também tinha só um

⁵² Frase apresentada em 2012 por Fernanda, inspirada em Leminski, durante as rodas de conversa da pesquisa “In(ter)venções AudioVisuais com juventudes em Fortaleza e Porto Alegre”.

⁵³ As viagens de moto fazia com meu esposo, pai ou irmão.

horário. Ele passava todos os dias às 6h no assentamento para Maranguape e retornava às 13h, com exceção dos domingos que passava às 12h com destino a Maranguape, e na segunda-feira que apenas fazia o trajeto Maranguape-Recanto do Massapê/Apuiarés. Esse trajeto foi o que considerei mais viável e o que fiz na maioria das vezes que fui para Barra do Leme, apesar de uma vez ter retornado da Rodoviária de Maranguape, devido o mesmo não estar circulando por conta dos atoleiros nas estradas. Quando esse fato ocorreu, fiz o extenso caminho por Paramoti até a casa dos pais e de lá segui de moto para o assentamento. Esta foi uma das viagens mais cansativas, era sexta-feira e fui direto para o assentamento para acompanhar a organização da Feira de Cultura Libertária.

Figura 8 – Estrada que dá acesso a Barra do Leme, período chuvoso.



Fonte: Olga Maria (2013).

A duração da viagem no ônibus que sai de Maranguape era somente de 2h, porém havia uma limitação que é termos somente uma única opção de horário. Em uma das vezes, em que estava fazendo uma disciplina do mestrado, no horário de 7h às 9h, não consegui chegar a tempo na Rodoviária de Maranguape. Minha sorte ou talvez privilégio, é que o motorista do ônibus, Francisco, conhecido por todos como Chico, atendeu minha ligação telefônica e foi muito prestativo. Ele sugeriu que viajasse em outro ônibus até a Lagoa do Juvenal, comunidade que faz parte do município de Maranguape, e de lá fosse de Mototáxi, até o Bar conhecido como “Bar da Farofa”, uma parada habitual do ônibus, onde as pessoas compram lanches, almoçam, vão ao banheiro e interagem umas com outras, pois a maioria dos passageiros são conhecidos. Segundo Chico, eu iria chegar quase igual com ele neste

lugar e seguiríamos a viagem para o assentamento. Assim fiz, apesar de ter ficado alguns minutos indecisa e um pouco receosa por fazer este novo trajeto, principalmente por saber que teria que fazer um percurso de moto. Senti um pouco de medo e insegurança, mas confiei e segui o caminho. A viagem foi tranquila, tanto o motorista do ônibus que fui até Lagoa do Juvenal como o Mototáxi conheciam o Chico e o percurso que gostaria de fazer. Aquela situação era recorrente com outros passageiros.

A disponibilidade dos interlocutores para a pesquisa foi outro desafio que aos poucos fui convivendo e encontrando soluções, pois a questão não é que os jovens não queriam participar da pesquisa, e sim a rotatividade deles no assentamento. Devido a não frequência nas atividades do Caricultura e a saída de alguns deles para morar em outros lugares quase sempre não conseguia encontrar todos no assentamento. A adaptação ao ambiente foi acontecendo aos poucos e considerava inicialmente, um dos maiores desafios, pois ficava hospedada na casa das famílias e pensava que poderia incomodar as pessoas. Essas foram as minhas primeiras impressões, pois comecei a ficar por períodos mais longos, compartilhando os mesmos cômodos da casa com a família. No início, eu me sentia estranha ao ambiente familiar e ao assentamento, mesmo sendo acolhida por todos e até sendo considerada por D.Auri⁵⁴, a dona da casa que fiquei hospedada a maioria das vezes, como mais uma filha, pois era assim que ela se referia quando algum vizinho ou visita perguntava quem eu era.

Nos primeiros dias que cheguei ao assentamento, a maioria das pessoas quando perguntavam o que fazia ali, logo sinalizavam antes da minha resposta, que vinha para o Ciclovida, pois é frequente as pessoas visitarem Inácio e Ivânia. Até mesmo o motorista do ônibus e passageiros que interagiam comigo no trajeto sempre falavam: *“Ah, você vai lá para aquele casal do assentamento que fez a viagem de bicicleta”*; *“Sempre eu levo pessoas para lá”* – dizia o motorista. Como passei a ir com frequência para o assentamento, percebi que comecei a não ser tão estranha ao ambiente e ao ônibus.

Em fevereiro de 2014, durante o 3º Encontro do Ciclovida, alguns participantes fizeram o trajeto no ônibus e eu já não tinha mais a mesma sensação de estranhamento. Não que me sentisse como membro do assentamento, mas pela interação e o relacionamento que fui construindo no percurso da pesquisa, tanto no ônibus quanto na Barra do Leme. Os dias que ia para o assentamento sempre me rendiam muitos diálogos, desde o trajeto do ônibus até

⁵⁴ D. Auri tem quatro filhas. As duas mais velhas, Margarida e Maira, são casadas e moram respectivamente, em Fortaleza e no Assentamento. No início da pesquisa ela morava com o esposo Diassis, a neta Anita e as duas filhas mais novas, Ana Terra e Marta, a última atualmente passa a semana em Acarape, onde faz faculdade.

o horário de dormir. Chegando ao assentamento sempre estava em companhia de uma das filhas da D. Auri ou outra pessoa, passando a ter poucos momentos sozinhos, com exceção das leituras que fazia ao acordar.

A casa de D. Auri ficava na comunidade de Salgado e apesar de todas as vezes que fiquei lá, ir também para Barra do Leme, distante uns 6 km, senti a necessidade de ficar hospedada durante o 3º Encontro do Ciclovida na casa de Inácio e Ivânia, na “Barra”, juntamente com os participantes do encontro. Ficar os dias do evento na “Barra” possibilitou aprofundar o conhecimento do Ciclovida e vivenciar com os participantes o encontro. Os dias que fiquei na “Barra”, (entre 16 e 18 de janeiro; e 31 de janeiro à 02 de fevereiro de 2014), convivi com modos de vida diferente da família anterior. As dificuldades foram desde o acesso a água a adaptação ao espaço e aos hábitos alimentares. Enquanto a casa de D.Auri era um ambiente mais restrito a família, na casa de Inácio e Ivânia, o espaço era coletivo, dividíamos as tarefas, fazíamos rodas de conversa e sempre estávamos planejando e avaliando o que realizávamos a cada dia.

2.3.2 Os colaboradores da pesquisa: breve apresentação

Os colaboradores da pesquisa, assim como *locus* da investigação, foram se definindo no percurso. Apesar do foco principal ser um estudo com os jovens, ao me aproximar de Barra do Leme, precisei tomar algumas decisões quanto ao público que estaria interagindo. Os participantes atuais ou não do Caricultura, eram bastante diversos, pois como o próprio grupo definia, era formado por crianças, jovens e adultos brincalhões⁵⁵ da “Barra”. Desse modo, percebi que não dava para pensar os processos artísticos e comunicacionais que se davam no assentamento somente com os jovens, pois a idade não era o critério determinante para participarem destas atividades e sim o desejo de cada um.

Assim, senti a necessidade de escutar além dos jovens, pois percebi que existia no assentamento uma intensidade de saberes intergeracionais e julguei importante trazer relatos também dos adultos que vivenciaram os momentos de luta pela conquista da terra. Como meu objetivo era conhecer como se construíam as intervenções no assentamento, era interessante saber como e quando os jovens começaram a atuar no Caricultura e de que modo eles vivenciaram a conquista da terra e os processos culturais dentro e fora do assentamento. A maioria dos jovens chegou a Barra do Leme ainda recém-nascidos.

⁵⁵ Maneira como o grupo Caricultura descreve seus participantes.

No total, foram cerca de 35 pessoas que tive a oportunidade de conviver e conversar sobre a pesquisa. Dentre as pessoas que convivi na pesquisa, três contribuíram para a compreensão do trabalho de audiovisual com os jovens: Cláudia, Gerardo Damasceno e Débora. Como integrantes da ACARTES, elas possibilitaram que eu conhecesse como eram as formações audiovisuais da ACARTES e do Arte e Cultura na Reforma Agrária com os jovens dos assentamentos rurais. Na Barra do Leme, colaboraram diretamente, os jovens que participaram das oficinas audiovisuais da ACARTES: Camilo, Joelma e Marta; os participantes da oficina de audiovisual realizada em novembro de 2014⁵⁶; e Mundinha, que durante entrevista relatou como se deu a conquista da terra no assentamento. Indiretamente, contribuíram, D. Margarida, D. Auri, Vanda, Zinho, Raquel, Bia, Lourdes e Diassis, que em algum momento, interagiram comigo e trouxeram reflexões pertinentes para a pesquisa. Estas pessoas não participaram das oficinas nem foram entrevistadas, mas sempre conversávamos e nos encontrávamos no assentamento.

Os três jovens que participaram das oficinas audiovisuais da ACARTES, ao final da pesquisa, nenhum deles estavam mais morando no assentamento. Camilo, 22 anos, morava com a avó materna, em Maracanaú, e trabalhava em Fortaleza. Encontrei ele várias vezes no assentamento, pois sempre aos finais de semana, ou em algum evento ele ia para a casa da Ivânia, sua mãe. A entrevista com Camilo, aconteceu em Fortaleza. Marta, 17 anos, foi morar em Acarape em 2013, após ingressar na Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB). Joelma, 21 anos, foi a última a sair do assentamento. Ela veio trabalhar em Fortaleza em dezembro de 2014.

Os participantes da oficina de audiovisual no assentamento, tinham idades diversas. Entre os 25 participantes, haviam nove crianças com idade entre 1 e 12 anos (Lui, Maiara, Anita, Mizael, Ismael, Ana Terra, Jardel, Mateus e Pedro); nove com idade entre 13 e 29 anos (Maira, Margarida, Viviane, Jameli, Jamily, Leandro, Nathália, Marta, Sandino); e três com idade superior a 32 anos (Vângela, Inácio e Ivânia). Quatro integrantes da oficina que não moravam no assentamento tinham uma faixa etária entre 29 e 32 anos - Majo, Pavão, Mailton e Amanda visitavam o Ciclovida no período da oficina.

2.4 Conhecendo o assentamento Barra do Leme

Aos poucos fui conhecendo o assentamento, algumas famílias e o modo de vida dos moradores e jovens de Barra do Leme. Uma comunidade rural, que não difere muito do

⁵⁶ No tópico 5.4 Oficinando em campo apresento detalhes desta atividade.

lugar em que vivi desde a infância até os meus 19 anos de idade. Localizado no município de Pentecoste, só passei a conhecê-lo após realizar esta pesquisa de mestrado e ter vários encontros com os jovens, moradores e/ou visitantes deste lugar. Ao ouvir as histórias de lutas e os acontecimentos vividos antes e após a formação do assentamento, mas especialmente por duas mulheres assentadas, D. Margarida e Mundinha, mãe e filha, que estiveram ativamente nos momentos da luta pela conquista da terra, fui situando os fatos e conhecendo algumas contradições que compõem o lugar. Os relatos do documentário produzido pelos jovens do assentamento junto com a ACARTES e os estudos de outros pesquisadores sobre Barra do Leme (PINHEIRO 2004; SANTOS, 2009), também foram importantes para situar este encontro.

Embora tivesse ido a Barra do Leme na 1ª Feira Cultural do Ciclovida em abril de 2013, foi somente em agosto do mesmo ano, que comecei a conhecer o lugar, as pessoas, e a compreender como era os modos de ser dos jovens que ali moravam. Quando decidi ir para campo, mesmo depois que Marta comunicou que aquele poderia não ser o melhor dia para minha ida, a ansiedade aumentou, pois imaginava que ela não estaria me esperando. Mesmo assim, às 7h da manhã do dia 14 de agosto de 2013, segui com meu pai⁵⁷ para o assentamento.

Ao chegar ao Ponto de Cultura tudo estava fechado, mas a Escola ao lado estava funcionando. Assim, perguntei onde poderia encontrar Marta e fui informada que possivelmente estaria na casa da Auri, segunda casa após o Ponto de Cultura. Logo imaginei que ela estaria nesta casa porque os pais viajaram, mas aquela era sua residência. Quando cheguei só estavam em casa ela e as irmãs: Ana Terra e Maira. A mãe Aurineide, conhecida como Auri, estava trabalhando. Professora há 16 anos na rede municipal de ensino esteve desde o início participando da conquista do assentamento. D. Auri, ao chegar da Escola, me pareceu um pouco surpresa com minha visita, mas foi bastante acolhedora e logo interagiu comigo relatando suas vivências na área de ensino e que conhecia minha mãe e irmã que também eram professoras⁵⁸ no município.

A primeira manhã no assentamento foi de aproximação da família de Marta, que ao longo da pesquisa me acolheu com muito carinho. No período da tarde fui para o Ponto de Cultura e Escola, onde acontecia as aulas para as crianças. A Escola, denominada Chico Mendes, era pequena, ministrava aulas até o Ensino Fundamental I, tinha sete estudantes pela manhã e 16 no período da tarde. Marta também foi para Escola. D. Auri pediu a filha para ir

⁵⁷ Algumas idas para o assentamento foram feitas de moto da casa dos meus pais. Esta foi uma delas.

⁵⁸ Minha mãe hoje é aposentada e somente minha irmã continua trabalhando. D. Auri em 2014 também se afastou do magistério.

gravar sua aula de Ciência e Informação, pois ela precisava deste material para levar para a reunião de professores em Pentecoste. O tema abordado na aula foi mata ciliar⁵⁹ e apesar de não acompanhar diretamente a aula, fiquei nas intermediações da Escola observando a metodologia que era abordada e a participação das crianças. Para apresentar as crianças o que era mata ciliar D. Auri explicava: “Nossos cílios serve para proteger os olhos, não é? Então, mata ciliar é mata protetora dos rios e açudes”.

Outro ponto que observei na Escola foi a harmonia entre os funcionários e pais. Conversando com D. Vanda, auxiliar de serviços gerais na Escola. Ela relatou que o Prédio Escolar foi construído após a conquista do assentamento. “No começo nós éramos todos voluntários, eu, a Auri, tinha outras pessoas, aí quando foi na gestão do Prefeito Antônio Carneiro é que eu e toda a equipe fomos contratadas e foi construída a Escola”. Além da harmonia, a metodologia trabalhada pelos professores, especificamente por D. Auri, que foi com quem conversei mais e observei sua aula, traz muitas referências do trabalho desenvolvido por Paulo Freire. Nas aulas ela busca trabalhar um tema a partir do cotidiano das crianças no assentamento.

Retornei do Ponto de Cultura e da Escola por volta das 18h. Ao final da tarde havia maior movimentação dos moradores no assentamento, os pais vinham buscar as crianças, pessoas chegavam ao Ponto de Cultura para acessar internet e algumas mulheres faziam caminhada, prática que segundo Marta era frequente, e que passei a ir algumas vezes, pois era também o momento de interagir com D. Auri e Bia, mãe de Raquel, uma das jovens que fazia parte do Caricultura e que veio embora para Fortaleza trabalhar. Ivânia foi quem me falou de Raquel pela primeira vez. Ela descrevia o ambiente de trabalho em Fortaleza e a perda que foi para o grupo a sua saída. Raquel trabalha em um frigorífico com alta jornada de trabalho e sem nenhuma perspectiva de desenvolvimento.

À noite fiquei em casa com a família de Marta, assistimos TV, ao mesmo tempo em que interagíamos com algum vizinho que vinha fazer compras. Estava previsto acontecer uma reunião do grupo Caricultura, porém, Maira e Marta preferiram agendar para o dia seguinte com o intuito de convidar mais pessoas, pois como eles não têm uma agenda permanente de reuniões, sempre articulam o grupo quando tem alguma proposta de atividade. No caso dessa reunião, dois pontos mobilizavam o grupo: a minha presença, pois eles queriam

⁵⁹ Vegetação nativa que fica às margens dos rios e que é muito importante para a sua proteção.

conhecer qual era a proposta da pesquisa, e a apresentação do espetáculo Santos e Demônios na Terra da Luz⁶⁰, no assentamento.

Nesta noite, conheci o padraço de Marta, Diassis, presidente da associação comunitária. Fiquei sabendo da sua atuação quando um vizinho falou do cadastro de um novo morador. Assim, conversamos sobre o trabalho da associação, pois tinha conhecimento das lutas e dificuldades que era atuar em uma associação comunitária. Antes da minha vinda para Fortaleza participei da gestão da associação da comunidade onde morava e da União das Associações do Vale do Rio Canindé (UAVRC), ambas no município de Pentecoste. Diassis compartilhou suas dificuldades e enfatizou o quanto é difícil conseguir projetos de melhoria para a comunidade. “Com o governo Lula muita coisa melhorou, o problema é que depois a esquerda se acomodou. Estamos tentando organizar o poço profundo aqui, mas tá difícil. Com a seca estamos com água apenas dos carros pipas⁶¹ nas cisternas e esta não é saudável para beber”.

O segundo dia no assentamento foi na comunidade Barra do Leme, pois apesar do assentamento ser denominado Barra do Leme ele é dividido em três comunidades – Salgado, Barra do Leme e Macacos. Quando cheguei a Barra do Leme conheci a antiga “casa grande” da fazenda, onde mora D. Margarida e Mundinha. A casa grande é dividida com outras famílias, pois devido a extensão dos cômodos da mesma, os assentados preferiram reutilizar os espaços. Passar o dia na casa de Mundinha foi uma oportunidade para ouvir as histórias de luta da sua família e conhecer os moradores vizinhos; Lourdes, mãe de Joelma, Aldenira; Cláudia; Nathália e Zinho. Mundinha e os irmãos tiveram antes de vir para Barra do Leme, diversos enfrentamentos com fazendeiros e a polícia nos municípios de Madalena e Itatira.

Neste mesmo dia, Mundinha me apresentou e emprestou a dissertação sobre o assentamento produzida por Pinheiro (2004), com o título: Assentamentos Barra do Leme e 24 de abril – Poder e Sustentabilidade, e me permitiu gravar nossa conversa sobre a conquista do assentamento. Embora as conversas sobre os relatos da história de Barra do Leme não fossem pré-agendadas nem seguissem um roteiro de entrevista elas me inspiraram a apresentar ao leitor brevemente como fui conhecendo o assentamento. O assentamento Barra do Leme é constituído por 52 famílias e conta com uma área total de aproximadamente 3.622

⁶⁰ Peça de teatro que irei apresentar e analisar no subtópico 5.2 As conexões com o teatro e outras vivências no assentamento.

⁶¹ Também chamado de caminhão pipa, é um tipo de veículo responsável pelo armazenamento e transporte de água (potável ou não). É frequente o uso de caminhões pipa na região nordeste, onde existe intensos problemas de abastecimento de água para a população.

hectares⁶². Entre as principais atividades do assentamento está a pecuária e a exploração da terra no modelo tradicional, sendo comum o uso de queimadas e arados na preparação do solo para o plantio de milho e feijão, pela maioria⁶³ dos moradores.

Figura 9 – Casa grande em Barra do Leme.



Fonte: Evilene Abreu (2013).

Na conversa com Mundinha ela mencionou que o assentamento quando foi constituído era dividido por três comunidades: Salgado, Barra do Leme e Macacos, e mesmo sendo apenas um cadastro no INCRA ele é composto por duas associações comunitárias: *Mandu Ladino* e Estrela D’Alva. A primeira associação integra os assentados que moram em Barra do Leme e Salgado, comunidades em que se territorializou esta pesquisa, e, a segunda os assentados que moram em Macacos.

Os motivos da divisão do grupo foram segundo Mundinha as divergências de ideias entre os moradores das comunidades. Como o assentamento foi formado por antigos moradores da fazenda Barra do Leme e de famílias vindas de lugares próximos, mas principalmente, por camponeses que vieram dos municípios de Madalena e *Choró-Limão*⁶⁴ que tinham experiência de luta desde a década de 1980, e haviam participado de diversas ocupações eles não compartilhavam de ideias muito semelhantes. Assim, enquanto as pessoas

⁶² Dados do PRA - Plano de Recuperação do Assentamento “Barra do Leme (Estrela D’alva & Mandu Ladino)”, elaborado em 24/11/2005, pela equipe técnica do Convênio INCRA/SEBRAE/FETRAECE.

⁶³ Dados do PRA, 2005.

⁶⁴ Referente ao município Choró, localizado no estado do Ceará, na microrregião do Sertão de Quixeramobim, vizinho a Quixadá.

que moravam na Barra do Leme e Salgado, buscavam uma construção política mais autônoma e tinham suas próprias lutas, as famílias de Macacos tinham outros hábitos de vida, muitos já residiam na comunidade e não tinham os mesmos objetivos dos que vieram de outros municípios.

Para Mundinha⁶⁵ o grupo que tinha participado do acampamento tinha ideias diferentes das famílias que moravam em Macacos, e por esse motivo ocorreu a divisão dos assentados, seguido de uma solicitação ao INCRA para o grupo de pessoas da comunidade de Macacos formarem outra associação. Um dos argumentos apresentados ao INCRA era que os filhos iam crescer e as vagas que sobravam no período da formação seriam ocupadas por eles. Para Mundinha, os moradores do assentamento que viviam nas comunidades não valorizam a conquista da terra.

(...) nós era vinte seis assentados mesmo na época do crédito de habitação. Eu sei que ficou aí, a coisa melhorou mais. Quando você chega no canto que você vem pra ficar, você tem um pensamento diferente. Quando você luta, você sabe o valor do que você conquistou. Muita gente, tanto daqui, como aqui tinha gente assim como do Macaco, também ainda hoje tem, que não deu valor a conquista da terra, pra eles foi de graça, pra nós não foi não, mas pra eles acham que foi. A gente sempre questionou isso. Quando a gente luta, a gente sabe o valor, sabe o quanto foi que custou aquilo pra gente. E a maioria das pessoas que passam por aqui eles não tinham o pensamento de ficar, quando a pessoa tem o pensamento de ficar tenta preservar o que custou. A maioria das pessoas que passaram por aqui, o destino deles é vamos vender a terra, vamos fazer carvão. Pra nós não é assim não, pode dá um bom dinheiro, você pode desmatar uma terra dessa aqui, porque teve quem desmatou, mas o pensamento da gente era de morar aqui até o dia que Deus quiser, der certo a gente vai morar aqui. Mas vamos pegar e vender a madeira da terra todinha, e quando for daqui um tempo, as tempestades que já existe no meio do mundo, tudo que tem que a gente sabe que foi o homem que fez, aí depois vender a areia do rio, não, mais os outros vendem, mas deixa os outros venderem (...)
(*Trechos da transcrição da conversa com Mundinha, 15/08/2013*).

Além da desvalorização da terra por parte de alguns assentados, Mundinha atenta para as questões ambientais que são ocasionadas pela ação do homem. Embora não trabalhe com as práticas agroecológicas, ela defende que é preciso preservar. Vângela em uma das nossas conversas também expressou as diferenças entre as associações:

Aqui (Barra do Leme) temos capacidade para 30 famílias, lá (Macacos) são muitas famílias. Antes era só uma associação, mas a gente viu que as ideias deles era diferente das nossas, tinha envolvimento com política partidária, um vereador a frente, então preferimos nos dividir. Hoje temos 22 famílias, nunca chegamos as 30, algumas vieram atrás, mas como alguns filhos de assentados estavam crescendo, casando, achamos melhor deixar a vaga para eles. (*Anotações no diário de campo - Conversa com Vângela, dia 16/01/2014*).

⁶⁵ Ela participou junto com os irmãos do acampamento e de várias ocupações em outros municípios.

Segundo Pinheiro (2004), a conquista do assentamento Barra do Leme resultou da ocupação da Fazenda Madalena Velha, no município de Madalena/CE, em setembro de 1996. Algumas famílias que participavam da ocupação, em negociação com o INCRA, escolheram a Fazenda Barra do Leme para se estabelecer e mesmo antes de ser dada a posse das terras montaram um acampamento.

Pretendiam organizar uma “liga camponesa”, na perspectiva de que a luta pela terra transcendesse o nível da simples sobrevivência e do produtivismo, assumindo um caráter revolucionário e emancipatório. Assim, esses trabalhadores procuravam discutir politicamente o movimento, inclusive com curso de formação política, tendo como base o marxismo (PINHEIRO, 2004, p. 131).

Esse processo de formação do assentamento que envolveu a participação dos camponeses vindos de outros municípios apresenta de certo modo os anseios existentes até hoje no assentamento, onde a luta pela terra e as demandas por políticas agrícolas, não são as únicas dos assentados. Nas falas de alguns moradores são citadas diversas outras lutas do grupo, dentre elas: educação, comunicação, arte e cultura. Mundinha, conta que vieram em torno de dez pessoas de Madalena.

A gente chegou aqui no dia oito de outubro de noventa e seis, quando foi no dia vinte e seis de outubro, o INCRA veio dar a eleição de posse, só que o INCRA foi sabido na época. Eu acho que com todo mundo eles fizeram isso. O desejo deles era tirar a gente da ocupação, não era pra botar a gente no assentamento, era tirou da ocupação pra eles tava resolvido. Eles disseram pra gente, que quando vocês saírem da ocupação vocês me telefonem, a gente saiu da ocupação direto pra cá, de lá ligaram pro INCRA. Ei nós já chegamos no assentamento. Pessoal vocês são loucos, vocês não podia fazer uma coisa dessa, eu avisei pra vocês que vocês saísse da ocupação me avisasse, pois nós já saímos, nós já estamos no assentamento. Vocês não podem fazer um negócio desses, vocês podem ser expulsos a qualquer hora, porque ele não tinha a permissão de posse ainda, mas se por acaso acontecer alguma coisa, se o proprietário chegar lá vocês avisem, ainda bem que ele num veio. Quando foi em dezembro num teve recurso nenhum, teve as doações, mas do INCRA mesmo, num teve recurso nenhum, eu acho que tinha uma cesta do INCRA, eu acho que tinha essa cesta que era do INCRA que ainda veio depois da posse, mas recurso como habitação, fomento que hoje chama de crédito de apoio, num tinha aparecido nada, aí quando foi em dezembro nós ocupamos o INCRA. *(Trechos da transcrição da conversa com Mundinha – 15/08/2013).*

Nesse trecho Mundinha relata como se deu a chegada das famílias de Madalena e menciona que embora a ocupação não tenha acontecido na Fazenda Barra do Leme, eles ainda tiveram que ocupar o espaço antes da posse, e acamparem no INCRA para conseguir apoio. Durante nossa conversa, Mundinha lembrou que o primeiro crédito de apoio que conseguiram beneficiou todas as famílias, cada um destinou uma quantia para a primeira atividade coletiva do grupo, uma “*bodeguinha*”, ficando uma quantia individual para comprar ferramentas de trabalho (pá, chibanca, enxada, foice, machado, etc), pagamento de diárias e algumas cabeças

de gado. Além da bodega foi criado um armarinho e uma pequena fábrica de bolos caseiros, projetos coletivos idealizados pelo grupo, mas que hoje os que funcionam apresentam outras peculiaridades. A bodega comunitária, mesmo obtendo êxito no passado, e após várias tentativas de fazer um trabalho coletivo com a maioria dos assentados, ela funciona hoje somente com Mundinha e sua irmã Lourdes. O armarinho que vendia roupas, calçados e redes para os moradores do assentamento se desfez após Mundinha e D. Auri perderem algumas mercadorias. A produção de bolos caseiros foi retomada em 2014⁶⁶.

No assentamento, alguns moradores trabalham com práticas agroecológicas, porém a grande maioria trabalha com a agricultura tradicional e criam bovinos e caprinos⁶⁷. Isso acaba gerando conflitos no assentamento e refletindo no próprio modo de ser dos jovens, visto que enquanto um pequeno grupo trabalha com práticas agroecológicas, de conservação do solo e do meio ambiente, a maioria queima a vegetação para formar pastos para os animais, dificultando o florescimento das plantas e desgastando o solo.

Para Mundinha, a agroecologia é um desafio, pois foram acostumados a fazer queimadas para plantar. Na sua fala ela cita a experiência de Inácio e Ivânia e mesmo com uma compreensão dos malefícios que as queimadas causam ao solo, acredita que para ter um bom resultado na plantação é necessário preparar o roçado, ou seja, cortar e queimar.

Eu acho que isso pode até dar certo (agroecologia), é um desafio muito grande. Mas eu defendia assim, toda vida a gente se preocupou, você tira a madeira grossa deixa mais o garrancho, porque você sabe se queimar o garrancho a terra não mata tudo que tem na terra. Porque o fogo mata, eu sei que o fogo mata a terra, todos os seres vivos que têm na terra, na hora que você botar o fogo no roçado vai queimar tudo, aí se você fosse fazendo você preservar aquela planta, aí você vai deixando por conta. Mas numa mata fechada você plantar, pode até dar fruteira, mas milho e feijão eu não acredito não, (...) o roçado nem que seja de três em três anos eu acho que tava legal. (*Trechos da transcrição da conversa com Mundinha – 15/08/2013*).

Essa visão também é compartilhada por outros moradores. Ivânia e Inácio que defendem a preservação do ecossistema do assentamento, durante nossas conversas sempre apresentou esta preocupação, principalmente com aqueles agricultores que estão desmantando a terra para fins comerciais: produção de carvão ou venda de madeira, prática bastante comum nas comunidades em torno do assentamento.

Outra diferença entre a comunidade de Salgado e Barra do Leme é a estrutura das casas. Enquanto no Salgado, as casas seguem o modelo de agrovila apresentado pelo INCRA, na Barra do Leme as construções não são padronizadas. Segundo Mundinha, essa modificação

⁶⁶ Quando fui ao assentamento, em fevereiro de 2014, D. Auri, Maira e seu esposo, Márcio, estavam fabricando bolinhos e comercializando com a comunidade e adjacências.

⁶⁷ Dados do PRA, 2005.

aconteceu aos poucos. A proposta inicial era a construção de todas as casas na Barra do Leme, porém um grupo acabou decidindo após a aprovação do crédito habitacional fazer as casas no Salgado.

Quando a gente chegou aqui, veio todo mundo pra essa casa (Casa grande da Fazenda, que Mundinha mora com outras famílias). Pessoal que veio da Madalena, veio todo mundo pra cá, (...) eu sei que quando saiu o crédito de habitação, nós ia fazer nossa casa aqui. Todo mundo ia fazer a casa aqui, aí tinha o Rui que era o caixeiro da bodega, o Rui era o caixeiro. O Rui tinha hora que era legal demais, mas tinha hora que as decisões da gente ele passava pra trás, ele foi forjou o grupo (...) chamou uma turma, aí chamou lá e conversou. O Rui tirou a conclusão, chamou o restante, quando tava faltando um bocado da nossa turma, (...). Sei que chegando lá no meio da discussão, o Rui foi disse que tinha decidido fazer as casas no Salgado. Eu fiquei com tanto desgosto, eu chega chorei, adorava esse canto, eu chega chorei de raiva sabe, (...). Eu sei que a gente pediu recurso, mas não foi aprovado de jeito nenhum pra que fosse aqui. Aí essa casa, todo mundo foi embora, ficou aqui desabitado, (...). Na época que o açude arrombou, eu era a presidente da associação, aí começamos pelear pra ver se conseguia a reforma do açude. Sei que batalhamos até que nós conseguimos a reforma do açude, (...) convidamos Diassis, eu sei que fiquemos, aqui acolá nós vinha, passava o fim de semana aqui desabitado, não tinha energia, não tinha nada, trazia até água de beber e tudo, eu sei que começamos a conversar com outras pessoas, (...), começamos a trabalhar nessa casa, (...). Sei que o Inácio apareceu, eu sei que nós passamos do mês de junho até dezembro, quase todo final de semana nós tava aqui, tinha vez que vinha, passava a semana trabalhando pelejando com essa casa, (...) aí viemos embora. Na época era eu, Inácio, a Lurdes, a Mariinha, o Bosco e o Diassis, seis famílias que vinha pra cá. Depois Diassis foi embora, aí Margarida depois veio, a Maira casou ficou por aqui também, aí o Zinho casou ficou por aqui também, o Afonso morava mais eu, ficou por aqui também, eu sei que hoje têm oito famílias. *(Trechos da transcrição da conversa com Mundinha – 15/08/2013).*

A vinda do grupo para a comunidade de Barra do Leme, aconteceu tempos depois da conquista do assentamento. Como relatou Mundinha anteriormente, a casa grande ficou despovoada por um certo período, e só depois foi que eles fizeram um multirão e reformaram, oito famílias foram morar na “Barra”. A experiência do multirão, aliada as atividades produtivas que os assentados construíram coletivamente no assentamento nos remete ao objetivo do grupo apontado por Pinheiro (2004).

O objetivo maior era a construção de um ‘assentamento militante’, ou seja, espaço para discussões e atuação política, construção de vivência de um projeto político libertador, visando ao desmantelamento de todas as estruturas de poder, das cercas dos latifúndios, das cercas dos assentamentos (PINHEIRO, 2004, p. 126).

Entretanto, hoje este desejo não é compartilhado por todos os moradores e os mais jovens é que começam a discutir sobre esta visão. Observo que mesmo compreendendo e compartilhando das ideias de Inácio e Ivânia, os jovens não se consideram militantes agroecológicos como Inácio e Ivânia. Marta, durante nossa entrevista, ressaltou a questão do assentamento e do Caricultura ser visto como agroecológico. Ela afirma que os integrantes do

Caricultura e os moradores têm uma formação nessa área, conhecem a importância que é preservar e cuidar do meio ambiente, mas poucos são os que de fato defendem esta causa.

(...) Uma coisa que eu acho muito errado, é porque ecológico aqui é Inácio e Ivânia, Ciclovida ali, então uma coisa que eu acho errado, é a gente ganhar uma fama pelo que a gente não é. Eu sou artista, eu sou atriz, eu quero minha fama por isso, agora uma coisa que eu acho errado. Não vou pegar a fama do meu pai, porque meu pai é famosão, acho que cada um vai lutar e ser reconhecido pelo que é, mas assim, claro que influenciou muito, né? Porque a gente podia ser pior do que é, tanto que no começo, ainda mais quando a gente era mais jovens, mais crianças, assim como eu te falei, as peças estavam direcionadas a isso, a ecologia, por conta das queimadas como eram prejudiciais a terra. Dessa forma a gente estava agindo também, teve a questão do lixo, tinha muito lixo na comunidade, muito, muito mesmo. Então a gente se juntou e começou a limpar. O programa de sábado era cada um pegava um saco desses grandes e ia juntar o lixo de casa em casa, e aí vinham juntando. Tanto as pessoas do grupo fazia isso, como outras pessoas, isso não se tornava um peso. Era uma diversão por conta de tá várias pessoas juntas brincando e por tá fazendo uma ação legal ao meio ambiente. Eu hoje me preocupo, porque a gente tá mais na teoria do que na prática, mas se Deus quiser isso vai mudar. Eu acredito que vai mudar, o inverno vai chegar, a gente vai pensar em projetos massas aí. Mas hoje, a gente tá muito na teoria e provavelmente, quando a gente conseguir sentar um pouco ali, mas também como é que a gente vai fazer, porque num tem água, como é que vou plantar, se não tem com o que aguar. Acho que quando começar a chover, já teve proposta pra isso, pra gente fazer uma horta, fazer coisa tudo aqui no Ponto. Como a gente já tem a feira de roupa, de objeto, incluir verdura, esse tipo de coisa. Em vez de ir comprar lá fora, ter aqui no próprio assentamento. *(Trechos da transcrição da entrevista com Marta – 17/01/2014).*

Na fala de Marta percebo a importância que o teatro tem em sua vida e os desejos de fazer algumas ações no assentamento. “Sair da teoria” como ela diz e executar novos projetos no Ponto de Cultura, um deles citado é a horta, o que demonstra que embora o grupo não tenha um posicionamento claro em defesa do meio ambiente, este é um pilar que conduz a maioria dos projetos que se criam e se fazem em Barra do Leme.

3 PENSANDO A CARTOGRAFIA NA PESQUISA EM BARRA DO LEME

O percurso metodológico desta pesquisa foi norteado desde o início, pelos desejos, inquietações, leituras, aprendizagens e, principalmente, pelas aproximações do objeto pesquisado, que apresentou conexões e experiências bastante diversas sobre o universo da juventude rural. Desde a concepção da pesquisa trazia o desafio de imergir nessa temática, sem ceder aos sentidos que permeiam minha própria história, pois embora tenha vivido no meio rural, os processos que envolviam os sujeitos da pesquisa eram outros, assim como os modos de vida do campo atravessavam outro contexto histórico.

Assim, foi necessário deixar o corpo pleno e agir assim como dizem Deleuze e Guattari (1995, p. 56) como um “corpo sem órgãos”, um pesquisador tátil que consegue se deixar ser tocado, que transita dentro e fora do seu objeto, sem perder as suas intensidades. Esse “corpo sem órgãos não é um corpo morto, mas um corpo vivo, *capaz de desorganizar o que é apresentado e que se deixa atravessar não por invenção, mas pelo que a vida é, um fluxo contínuo de intensidades*” (grifo nosso) (DELEUZE; GUATTARI, 1995, p. 56). Um corpo em que se permite ser habitado pelos acontecimentos, que afeta e se deixa ser afetado pelo que é vivido, interagindo com as possibilidades de determinado espaço, sem perder o seu movimento ou deixar de lado suas reflexividades.

Nesse sentido, optei pela realização de uma pesquisa-intervenção, no intuito de conhecer mais de perto as vivências dos jovens, trocar ideias, construir processos com eles, criar novas problematizações e questões de pesquisa.

A pesquisa-intervenção descortina um modo de fazer pesquisa fecundo na sua articulação entre o que se investiga e como se investiga. Em relação ao campo da infância e da juventude, isso quer dizer que a construção de pesquisas com crianças e jovens, e não sobre elas, determina de modo irretroatável o modo de investigação. Pesquisar crianças e jovens, ou com crianças e jovens, implica diretamente uma reflexão sobre a posição do investigador, sua relação assimétrica – em todos os sentidos – em relação aos pesquisados, e sobre os efeitos de tal assimetria no fazer da pesquisa (CASTRO e BESSET, 2008, p.11).

Nessa perspectiva de realizar uma pesquisa-intervenção *com* os jovens que participaram no período de 2011 a 2013, das oficinas audiovisuais realizadas pela ACARTES em parceria com o INCRA, realizei inicialmente, um estudo exploratório para conhecer os jovens que frequentavam as oficinas audiovisuais, e em seguida, definir qual o caminho a seguir, ou seja, qual o assentamento em que seria desenvolvido o trabalho. Segundo Bonin (2006, p. 35), é possível dizer, de modo simplificado, que “a pesquisa exploratória implica um

movimento de aproximação à concretude do objeto empírico (fenômeno concreto a ser investigado) buscando perceber seus contornos, suas especificidades, suas singularidades”.

Desse modo, o estudo exploratório colaborou com a definição do local da pesquisa, ao mesmo tempo em que apontava que seria necessário “um mergulho na experiência que agencia sujeito e objeto, teoria e prática, num mesmo plano de produção ou de coemergência” (PASSOS; BARROS, 2010, p. 17) para traçar a investigação, direcionada pela cartografia como método de pesquisa-intervenção. No caso deste estudo, os modos de operar e intervir na pesquisa foram atrelados a uma cartografia das atividades do grupo Caricultura (oficinas, reuniões, eventos) e das minhas vivências no assentamento.

A cartografia como aponta Rosário (2008) apresenta como característica principal o uso da subjetividade no método, e nos permite acompanhar percursos de intensidade que trazem novos significados, não separa o espaço do sujeito e se constitui nos lugares de desejo e intensidade. Ou seja, na cartografia é possível o pesquisador construir junto e com os pesquisados procedimentos que vão se constituindo a partir da experiência de pesquisa. Assim, ao optar pela realização de um estudo com esta abordagem metodológica apresento, neste capítulo, as particularidades da cartografia e os procedimentos de pesquisa que conduziram esse processo de estudo. Apesar da cartografia ser utilizada raramente nos estudos de comunicação, ela tem tido grande notoriedade em pesquisas no Brasil e contribuído para que os processos de intervenção nesta área sejam explorados, possibilitando novas construções nos modos de fazer pesquisa.

Para Santos (2002), a ciência moderna passou a viver uma crise com questionamentos a cerca de suas reais virtudes e do valor do conhecimento, que precisa, cada vez mais, abarcar a complexidade da realidade. E a partir de então, tenta agregar a vida e o cotidiano dos sujeitos, para contribuir não só com a produção acadêmica, mas, sobretudo, desenvolver práticas que ampliem as possibilidades de vida. Desde o século XX são feitas diversas críticas ao positivismo e ao dualismo epistemológico, ou seja, a separação radical entre sujeito e objeto. Deste modo, reflito sobre as seguintes questões: como as pesquisas das ciências humanas e sociais contribuem com o cotidiano dos sujeitos e os acontecimentos sociais? Quais os desafios, procedimentos e técnicas de pesquisa que corroboram com a construção de um estudo em que sujeito e objeto não ocupam lugares fixos? “Pelas regras tradicionais do método científico, o sujeito-pesquisador e objeto-pesquisado ocupam lugares fixos, pressupondo-se ainda a sua neutralidade, *perante esse objeto* (grifo nosso), e seu

deslocamento da história, do ambiente social, de seu consciente e do próprio corpo” (KIRST; GIACOMEL; RIBEIRO; COSTA; ANDREOLI, 2003, p. 96).

Essas diferenciações e o teor separatista que compõem os estudos científicos e algumas linhas de pesquisa até hoje, sendo que até o século XIX eram mais fortes, se veem nos dias atuais em declínio, ou pelo menos apresentando fragilidades. Um dos principais motivos é a compreensão de que o ser humano é um sujeito múltiplo, pensante, capaz de sentir afetos e desejos que não fogem as construções de sua pesquisa.

O homem não possui a capacidade que almeja de obter um conhecimento universal e irrestrito, devido às suas contingências, pois estas são tudo que há. Tampouco é possível um saber de lâmina fria, independente das turbulências das paixões. Afinal, como distinguir os afetos do pensar? (KIRST; GIACOMEL; RIBEIRO; COSTA; ANDREOLI, 2003, p. 94).

O paradoxo é como levar em consideração esse estado da sensibilidade do sujeito-pesquisador sem perder a cientificidade, a precisão e o rigor da pesquisa. Desse modo, “a precisão não é tomada como exatidão, mas como compromisso e interesse, como implicação na realidade, como intervenção” (PASSOS; KASTRUP; ESCÓSSIA, 2010, p. 11). Assim sendo, é importante salientar que as relações entre sujeito e objeto, possibilitam avanços na construção do conhecimento, ao permitir que durante uma pesquisa científica, os diferentes níveis, tipos e abordagens de métodos se ajustam ao problema pesquisado.

Na realização desta pesquisa, estive atenta às adaptações do cotidiano dos sujeitos, e por buscar desde o início uma aproximação do campo, foram relevantes as contribuições de Freire (1983) sobre as investigações de um “tema gerador”. Segundo o autor, “investigar o pensar dos homens referido a realidade, é investigar seu atuar sobre a realidade, que é a sua práxis”. Portanto, é preciso um engajamento maior do pesquisador, na medida em que ele é convidado a “se encharcar na pesquisa”, e assumir plenamente uma vontade e uma intencionalidade política (BRANDÃO, 1981, p. 25).

A escolha de fazer uma pesquisa com uma abordagem teórica-metodológica da cartografia e pesquisa-intervenção foi bastante desafiadora, na medida em que diversos elementos implicaram nesta construção. Entre os desafios estão a disponibilidade dos colaboradores do estudo e o tempo de pesquisa referente ao mestrado, que tem a durabilidade de dois anos. Ao mesmo tempo, ter desenvolvido uma metodologia que envolve os processos de subjetivação, foi importante para compreender os processos que interagem comigo na pesquisa e com os jovens no assentamento Barra do Leme.

3.1 Cartografia e pesquisa-intervenção: entrelaçamentos metodológicos

Podendo ser compreendida como um trilhar metodológico, a cartografia apesar de se destacar no Brasil, nas áreas de Psicologia e Educação, tem adentrado à Comunicação nos últimos anos. Como apresenta Aguiar (2011, p. 13) foram contabilizados no site da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), até janeiro de 2011, dez trabalhos da área de comunicação. Nestes estudos, tem se construído mapas de relações, enfrentamentos e cruzamentos entre forças, agenciamentos, jogos de subjetivação que reúnem apontamentos e reflexões do que propomos fazer/ser durante uma pesquisa, que vão além de uma análise midiática dos fatos.

Apresentada por várias dimensões e por autores de várias áreas, a cartografia é abordada pelo viés rizomático pelos filósofos Gilles Deleuze e Félix Guattari (1995), Suely Rolnik (2007) a partir da psicoanálise e em uma perspectiva comunicacional Martín-Barbero (2004) e Nestor Garcia Canclini (1997). Nas formulações de Gilles Deleuze e Félix Guattari (1995), as reflexões da cartografia estão intimamente ligadas aos agenciamentos e ao enfrentamento dos dispositivos definidos por Foucault (1984) como estratégias da relação de força que amparam certos tipos de saber e que são sustentadas por eles. Nesse sentido, Kastrup e Barros (2010, p. 77) nos atenta que a “cartografia, enquanto método, sempre requer, para funcionar, procedimentos concretos encarnados em dispositivos”. Para Kastrup e Barros (2010, p.81) “o dispositivo é, dessa forma, sempre uma série de práticas e de funcionamentos que produzem efeitos”. Assim, eles mantêm o caráter e a busca da interpretação e da compreensão, mas objetivam intervir junto com estes, na medida em que é realizado um duplo movimento entre os sujeitos.

Na cartografia social, assim como na cartografia tradicional ligada ao campo de conhecimento da geografia que aborda os estudos dos territórios de forma precisa, são construídos mapas dos territórios, porém em outros níveis.

O termo “cartografia” utiliza especificidades da geografia para criar relações de diferença entre “territórios” e dar conta de um “espaço”. Assim, “Cartografia” é um termo que faz referência à ideia de “mapa”, contrapondo à topologia quantitativa, que categoriza o terreno de forma estática e extensa, uma outra de cunho dinâmico, que procura capturar intensidades, ou seja, disponível ao registro do acompanhamento das transformações decorridas no terreno percorrido e à implicação do sujeito percebido no mundo cartografado” (KIRST; GIACOMEL; RIBEIRO; COSTA; ANDREOLI, 2003, p. 92).

Nesse sentido, a cartografia social reúne na constituição dos seus mapas os enfrentamentos, as resistências, potencialidades e os jogos de objetivação e subjetivação que atravessam os sujeitos. Martín-Barbero (2004, p. 10) define que os mapas constituídos nas

pesquisas cartográficas não são terrenos, mas sim “mapas noturnos”. O autor defende que estes tipos de mapas

...mudam o lugar a partir do qual se formulam as perguntas, para assumir as margens não como tema, mas como enzima. Porque os tempos não estão para síntese, e são muitas as zonas da realidade cotidiana que estão ainda por explorar, zonas em cuja exploração não podemos avançar se não apalpando, ou só com um mapa noturno. (MARTÍN-BARBERO, 2004, p.18).

Desta maneira, os mapas permitem experimentações mais ancoradas ao real e aproximam as relações constituídas pelos sujeitos durante a realização da pesquisa, ou seja, os afetos e desejos que movem o pesquisador. Segundo Deleuze e Guattari (1995, p. 26), o “mapa não reproduz um inconsciente fechado sobre ele mesmo, ele o constrói”. Ele é

[...] aberto, é conectável em todas as suas dimensões, desmontável, reversível, suscetível de receber modificações constantemente. Ele pode ser rasgado, revertido, adaptar-se a montagens de qualquer natureza, ser preparado por um indivíduo, um grupo, uma formação social (DELEUZE; GUATTARI, 1995, p. 26).

Na experiência de pesquisa *com* os jovens do assentamento Barra do Leme foi imprescindível durante a aproximação do campo a constituição destes mapas. Inicialmente, tinha em mente que iria encontrar novas possibilidades de convívio e de aprendizagem, mas não me dava conta das provocações e transformações sobre as minhas próprias visões sobre o cotidiano e a juventude rural.

Talvez não seja possível, neste trabalho, dar conta do desejo que me moveu a imergir neste objeto, mas sei que os mapas que os constituem têm muito da convivência com os jovens e os moradores do assentamento Barra do Leme. As primeiras idas a campo, foram momentos de descoberta exigente, em que me deparei com outros modos de vida do meio rural, outras relações com a terra e outras narrativas que me apontaram claramente a construção de novos mapas traçados a partir dos ritmos, dos processos e do tempo da pesquisa. Muitas das questões, informações que tinha sobre as oficinas audiovisuais, as quais os jovens do assentamento participavam, foram se reconfigurando no convívio com eles.

Assim, novos olhares foram apresentados no cotidiano, alguns bem diferentes daqueles pré-concebidos antes de adentrar o objeto-pesquisado, que tinha como foco principal as relações dos jovens com o audiovisual. Na convivência com os jovens, visitantes e moradores do assentamento percebi a riqueza que era as atividades de teatro desenvolvidas por eles, há doze anos. O grupo de teatro, denominado Caricultura, articula no assentamento a realização de diversos processos artísticos e comunicacionais, a exemplo a xilogravura e a

exibição de filmes para a comunidade. Todas as atividades tinham como foco o cuidado com a terra, a educação, a arte e a cultura no campo.

Ao pensar cada área trabalhada no assentamento com os jovens como mapas, agreguei novas linhas à pesquisa e permiti que meu próprio olhar e corpo sentissem que o que movia a realizar a pesquisa, não era a análise da conjuntura e dos resultados que um trabalho de uma organização social ou de um programa governamental propiciava a juventude rural. Mas, mais do que isso, encontrar as potências destas ações que geram uma ação política, e que perpassam outra ordem, reunindo indecisões, afetos e envolvimento sócio-político não só dos jovens, mas também dos sujeitos que coordenam as ações.

A partir dos mapas que foram se constituindo, a cartografia acompanhou os processos em cursos, estreitando os laços afetivos e definindo como um “rizoma” múltiplas possibilidades de entradas e de processos que se transformaram na pesquisa, pois assim como se modificam os sujeitos, as relações por ele produzidas se transformam. O rizoma para Deleuze e Guattari (1995, p. 22), “tem formas muito diversas, desde sua extensão superficial ramificada em todos os sentidos até suas concreções em bulbos e tubérculos”. Ele se conecta a qualquer ponto e se diferencia do pensamento arborescente por não ter eixos centrais, mas linhas de fuga e de ruptura. Comparado a uma “erva daninha” não se sabe onde ele vai parar, e em qual intensidade ele afeta os corpos, pois cada corpo é afetado de uma maneira, embora se encontre em um mesmo caminho.

Todo rizoma compreende linhas de segmentaridade segundo as quais ele é estratificado, territorializado, organizado, significado, atribuído, etc.; mas compreende também linhas de desterritorialização pelas quais ele foge sem parar. Há rupturas no rizoma cada vez que linhas segmentares explodem numa linha de fuga, mas a linha de fuga faz parte do rizoma. Estas linhas não param de se remeter umas às outras (DELEUZE; GUATTARI, 1995, p. 26).

Nessa perspectiva rizomática, percebe-se que o pesquisador tem maiores possibilidades de fazer da sua pesquisa um “desdobramento criativo” (ROSÁRIO 2008, p. 206). Todavia, assim como as demais pesquisas, ele precisa estar atento aos limites de sua experimentação. Fischer (2008, p. 234) alerta, que a “regra é nunca esquecer um limiar/limite”, ou seja, é preciso estar atento ao momento de parar mesmo caminhando de maneira aberta e livre na pesquisa. Ao possibilitar o desenvolvimento de uma pesquisa em que o pesquisador não foge do seu objeto, não oculta sua intervenção naquele meio, a cartografia vai de encontro aos paradigmas estruturalistas, e encontra em sua abordagem alguns pontos que devem ser considerados.

Para aqueles que sempre trabalharam com métodos tradicionais, esse modo de atuar da cartografia, nos primeiros momentos podem assustá-los. Diferente de outros métodos, a cartografia não têm um plano pronto e definitivo, e também, o pesquisador ocupa outro lugar, não aquele do detentor do conhecimento, mas do aprendiz, que diariamente está fazendo novos percursos, criando novas relações e construindo novos processos de ensino-aprendizagem. Na cartografia, os planos vão se definindo a partir da observação e experiência com o objeto, que se dão a partir da criação de novas metodologias de aproximação e das diferenças da/na coletividade que compõem a pesquisa.

A escolha da cartografia e da pesquisa-intervenção para conduzir esta pesquisa, partiu do desejo de conhecer as ações desenvolvidas pela ACARTES e o Projeto Arte e Cultura na Reforma Agrária com os jovens rurais, realizar intervenções⁶⁸ com eles. Tal escolha também se dá face às especificidades dos interlocutores da pesquisa, que vivem em processos de transição de espaços, ora estão em Itaitinga, nas formações da ACARTES, ora estão no assentamento ou morando em outra cidade. Essa trajetória de ambos faz parte das maneiras de atuação da ACARTES e do Arte e Cultura na Reforma Agrária, agrupada as singularidades e particularidades de suas vidas no assentamento.

3.2 A pesquisa-intervenção e o caminhar da pesquisa

Segundo Passos e Barros (2010) a pesquisa-intervenção encontra suas bases nos trabalhos desenvolvidos pelo movimento institucionalista, a partir dos estudos de René Lourau (1975) e Guattari (1987). Ambos, juntamente com outros autores franceses ampliaram as visões sobre o institucionalismo que surgiu na década de 1960 na França e se difundiu no Brasil na década de 1970, com especificidades distintas. O movimento institucionalista envolveu na época, profissionais ligados à arte, filosofia, educação e psicologia, e deixou como legado a constituição de novas práticas de investigação que romperam com as formas tradicionais de pesquisas, abandonando alguns conceitos contidos como ‘verdade’ e essenciais no desenvolvimento de uma pesquisa, como a neutralidade e a objetividade.

Para Aguiar e Rocha (2007, p. 655), os referenciais sociopolíticos da pesquisa-intervenção encontram nos “conceitos-ferramentas institucionalistas (franceses e argentinos), os foucaultianos e os esquizoanalíticos”, as bases que constituem o modo de fazer pesquisa-

⁶⁸ Nesse estudo, o termo “intervenção” se aproxima da abordagem de Gorczewski (2007), ou seja, é relacionado aos modos de apropriação feitos pelos movimentos sociais, na perspectiva de reinventar suas práticas. Ele é abordado a partir das práticas comunicacionais que “evocam opiniões, ideias, produzem e agenciam informações e conhecimentos” (GORCZEWSKI (2007, p. 24).

intervenção no Brasil. Estes conceitos-ferramentas inauguraram as discussões de conceitos centrais, a exemplo o de implicação do pesquisador, abordado por Lourau (1975) e a genealogia foucaultiana acerca da produção do real, que apesar de minuciosa “é fragmentária porque recusa qualquer pretensão de totalidade” (LOBO, 2012, p. 17).

Lourau (1975) em seus estudos começou a pensar a desnaturalização das práticas, sobretudo as práticas de pesquisa, ensino e trabalho. Para o autor, “uma intervenção que *implica* o observador supõe a análise dessa implicação” (LOURAU, 1975, p. 16) que se faz a partir das relações com as instituições e os processos interventivos. Esse conceito de implicação abordado por Lourau (1975) é visto como uma das principais contribuições do movimento institucionalista que ao mesmo tempo em que motiva as ações, discute a relação com o instituinte. Como “a análise institucional busca uma nova relação com o saber, uma consciência do não-saber que determina nossa ação” (LOURAU, 1975, p. 16), as possibilidades de construção do conhecimento se ampliam. Segundo Coimbra e Nascimento (2012, p.131), “colocar em análise as implicações permite, portanto, perceber as multiplicidades, as diferenças, a potência dos encontros, sempre coletivos, e a produção histórica desses mesmos objetos, sujeitos e saberes”.

Assim, “a intervenção como método indica o trabalho da análise das implicações coletivas, sempre locais e concretas” (PASSOS e BARROS, 2010, p.19), e o “intervir” não estaria ligado somente a uma ação desenvolvida em campo, mas se relaciona as próprias tensões e implicações que envolvem os sujeitos (pesquisador e objeto-pesquisado). Dessa maneira, o comum construído a partir das singularidades que envolvem o cotidiano do objeto-pesquisado estabelece na construção da pesquisa-intervenção relações diferentes daquelas já definidas em outros períodos pela pesquisa-participante e pesquisa-ação.

Ambas, apesar de serem precursoras da pesquisa-intervenção e fazerem uma discussão sobre o posicionamento do pesquisador em campo apresentaram abordagens distintas. A pesquisa-participante priorizou a relação pesquisador/pesquisado e a pesquisa-ação focou no agir sem identificar as diferenças estabelecidas nas relações dos sujeitos. Enquanto “a pesquisa-intervenção, considerada como um tipo de pesquisa-participante” (ROCHA; AGUIAR, 2003, p.66) buscou ir além, ao “acompanhar o cotidiano das práticas, criando um campo de problematização para que o sentido possa ser extraído das tradições e das formas estabelecidas, instaurando tensão entre representação e expressão, o que faculta novos modos de subjetivação” (ROCHA; AGUIAR, 2003, p.66).

Na pesquisa realizada *com* os jovens em Barra do Leme, percebi que a participação nas oficinas audiovisuais, desenvolvidas pela ACARTES em parceria com o Arte e Cultura na Reforma Agrária, se constituem mais do que relações institucionais. Ao conhecer mais de perto as ações do Arte e Cultura e na Reforma Agrária, observei que as relações dos sujeitos que coordenam o projeto com os jovens assentados envolvem múltiplos afetos e saberes coletivos. É uma relação institucional que agrega as iniciativas artísticas dos assentamentos e busca a continuidade dos processos culturais pelos jovens convidados a participarem das formações, tanto em audiovisual quanto de teatro.

Percebi que o audiovisual, por não fazer parte dos processos históricos e culturais dos assentamentos, apresenta ainda baixa produção nos grupos, exceção para o assentamento Coqueirinhos⁶⁹, que tem o Núcleo de Produção Audiovisual do Coqueirinho (NUAD), um grupo formado por jovens do assentamento que presta serviços para a comunidade e para o próprio INCRA, a exemplo, a cobertura do evento em comemoração aos 10 anos do Arte e Cultura. Nesse sentido, assinalo que o conhecimento das diferenças que constituem os grupos de jovens que participam destas oficinas é múltiplo e amplo, visto que uma das potências da pesquisa-intervenção é a “busca a interferência coletiva na produção de micropolíticas de transformação social” (AGUIAR; ROCHA, 2007, p. 650). Isso implica manifestar que o que me interessava na pesquisa era os conhecimentos que os jovens produzem a partir das oficinas audiovisuais e das produções realizadas durante a formação da ACARTES.

Partindo do pressuposto que na pesquisa-intervenção as dimensões do cotidiano estão para além daquilo que ganhou forma, levamos em consideração os planos (re)inventados e construídos durante a pesquisa. Nas primeiras idas a campo, Camilo, Joelma e Marta apontaram o desejo de trabalhar com os demais jovens do Caricultura que não participavam das oficinas da ACARTES, as lições aprendidas durante a formação em audiovisual. Esta ação é um dos objetivos do Arte e Cultura na Reforma Agrária que envolve outras linguagens artísticas que os jovens participam, a exemplo, as oficinas de teatro que acontecem em parceria com a Escola de Teatro da Terra. Porém, nem sempre acontece este momento de interação no assentamento paralelo a participação dos jovens nas formações, bem como o modo de compartilhar são outros. Os jovens vão construindo o próprio tempo deles e outras

⁶⁹ O assentamento Coqueirinhos está localizado no município de Fortim, distante 135 km de Fortaleza. Em agosto de 2005 foi realizado um curso de Capacitação em Audiovisual para jovens no Assentamento, a partir da parceria entre o Projeto Arte e Cultura na Reforma Agrária/INCRA e a Casa Amarela Eusélio Oliveira. Fonte: <http://arteculturanareformaagraria.blogspot.com.br/2011/06/nucleo-de-audiovisual-do-Assentamento.html>

formas de apresentação do que vivenciam nas oficinas, às vezes em uma reunião, ou até mesmo durante uma conversa.

Na entrevista com Joelma, por exemplo, ela cita o teatro como atividade principal do assentamento e o audiovisual como uma possibilidade de ser agregado ao teatro.

A gente já trabalhava antes das oficinas de audiovisuais com o teatro, e tava pensando em construir uma peça sobre os elementos naturais e o homem, e aí nós pensamos em gravar esta peça para começarmos a ter uma noção. Também começamos a pensar em reunir outros jovens da comunidade e começar a fazer vídeos, e trabalhar o audiovisual junto com o teatro, mas ainda não temos câmera. *(Trechos da transcrição da entrevista com Joelma – 15/08/2013).*

Marta também compartilhava esta ideia. Camilo, embora tenha participado do teatro, tinha outros desejos. Ele citou que gostaria de fazer projetos na área de audiovisual, produzir documentários com amigos, entre outras ações que fortalecesse o trabalho no assentamento. Essa diferenciação dos desejos de cada jovem, acredito está relacionada aos processos vividos por cada um. Marta e Joelma têm mais afetividade com o teatro. Ambas fizeram um curso na Escola de Teatro da Terra, e Camilo, desde criança já “mexia” com algum programa de edição como ele mesmo relatou em nossa entrevista.

3.3 O ato de cartografar e os dispositivos da pesquisa

Ao ampliar as análises da pesquisa, enfrentei alguns desafios na construção da metodologia, ou seja, no processo de invenção do problema da pesquisa. Desse modo, o caminho percorrido foi permeado por inquietações, desejos e até mesmo receios, pois estava me desafiando a construir nesse percurso problematizações sobre o próprio processo de pesquisar. Um desafio que, de acordo com Maldonado (2002) é enfrentado pela área da comunicação, pois “as junções entre a dimensão teórica e a dimensão metodológica exigem uma labor sistemática de construção” (MALDONADO, 2002, p.3). Ou seja, é necessário durante a pesquisa não nos determos apenas na aplicação de ferramentas metodológicas. Precisamos alargar o nosso campo de atuação e perceber o que nos solicita nossos objetos de pesquisa, para assim estabelecermos as estratégias metodológicas.

Na pesquisa realizada *com* os jovens no assentamento Barra do Leme, a cada ida a campo, era surpreendida pelos acontecimentos que se davam, ora acontecia um evento do Caricultura e/ou Ciclovida⁷⁰, ora encontrava visitantes ou até mesmo um aniversário de um morador (a). Dessa maneira, o estudo foi realizado a partir da abordagem “transmetodológica”

⁷⁰ No tópico 5.2 apresento mais detalhes dos processos artísticos e comunicacionais realizados com os grupos Caricultura e Ciclovida.

(MALDONADO, 2002), em que os dispositivos (FOUCAULT, 1984) de análises foram se criando no percurso e juntos apresentando visões heterogêneas e conexões indispensáveis para acompanhar os processos vividos com os jovens dentro e fora do assentamento. Para Maldonado (2010), com a era digital os processos comunicacionais se ampliaram e a produção do conhecimento passou a demandar métodos e estratégias mais dinâmicas. Segundo o autor, o pensamento transmetodológico

parte da premissa de que a investigação científica em comunicação precisa da *confluência* profunda, cooperativa e produtora da estruturação de *métodos mistos, múltiplos*. Por conseguinte, suas lógicas, componentes teóricos, estratégias, táticas, operações e técnicas são redefinidas *indo além* dos métodos de origem, porém respeitando, mediante pesquisa metodológica sistemática, o valor histórico/científico de cada método em seu contexto de origem. (MALDONADO, 2010, p.76).

Nesse sentido, esta pesquisa por ser conduzida pela cartografia como método de pesquisa-intervenção, permitiu que não fosse ao campo com métodos fechados. Vale atentar que tinha a convicção de que na realização deste percurso, seriam múltiplas as intensidades no movimento-pesquisa. Desse modo, a minha postura de pesquisadora foi de que a compreensão não poderia ocorrer separada da intervenção. Assim, estava conectada ao que acontecia no assentamento e/ou o que envolvia o Arte e Cultura na Reforma Agrária. A observação participante estava sempre presente nesse movimento-pesquisa. Na tabela 1 abaixo, apresento as atividades que acompanhei nesse percurso, momentos em que na maioria das vezes intervi com os jovens, exceção as oficinas de audiovisuais em Itaitinga e o evento de Dez anos do Arte e Cultura na Reforma Agrária. As demais atividades foram compartilhadas e vivenciadas junto com os jovens na medida em que eu conhecia/fazia o percurso da pesquisa.

Tabela 1 – Registro das atividades acompanhadas na pesquisa.

| Atividade | Período | Local |
|--|--------------------|--|
| Oficina Montagem de Cenas | 25/01/2013 | Itaitinga |
| 1ª Feira Cultural do Ciclovida | 06/04/2013 | Barra do Leme |
| Oficina de edição de vídeos | 30/06/2013 | Itaitinga |
| Reunião do Caricultura | 14/08 à 16/08/2013 | Barra do Leme |
| Apresentação do Espetáculo Santos e Demônios na Terra da Luz | 02/09/2013 | Barra do Leme |
| Palestra “Teatro Político e Reforma Agrária” | 25/09/2013 | Auditório do INCRA, Fortaleza |
| Seminário 10 anos do Arte e Cultura na Reforma Agrária – palestra, apresentações artísticas, mostra de documentários | 05/12/2013 | Auditório do INCRA e Centro Cultural Dragão do Mar, em Fortaleza |
| Feira libertária | 16/01 à 18/01/2014 | Barra do Leme |

| | | |
|--|--------------------|---------------|
| Feira libertária, Reunião do Caricultura | 31/01 à 02/02/2014 | Barra do Leme |
| 3º Encontro do Ciclovida, Feira libertária | 14/02 à 18/02/2014 | Barra do Leme |
| 3º Encontro do Ciclovida | 21/02 à 23/02/2014 | Barra do Leme |
| Reunião Ciclovida | 13/09 à 14/09/2014 | Barra do Leme |
| Reunião Caricultura – planejamento da oficina de audiovisual | 17/10/2014 | Barra do Leme |
| Reunião para escrita do projeto Edital Comunica Diversidade | 31/10/2014 | Barra do Leme |
| Oficina de audiovisual na “Barra” | 01/11 e 29/11/2014 | Barra do Leme |

Estas atividades/acontecimentos que surgiram durante o processo da pesquisa foram consideradas como pistas para o caminhar. Por meio delas fui conhecendo o universo da pesquisa e (re)formulando as questões do estudo. Passos e Barros (2010, p.30) ressaltam que “conhecer é, portanto fazer, criar uma realidade de si e do mundo, o que tem consequências políticas”. Desse modo, questiono: que processos podem ser criados na própria pesquisa a partir do conhecer? Como o modo de olhar da cartografia pode trazer transformações para o pesquisador e o próprio campo? Se conhecer equivale a caminhar com o próprio objeto que vai se constituindo no próprio caminho, a cartografia apresenta aqui junto com a pesquisa-intervenção a possibilidade do próprio pesquisador se (re)inventar na pesquisa. Os sujeitos que compõem a pesquisa também passam por transformações, que ao invés de ser uma visão iluminista é resultante das afetações que se dão nos processos vividos.

Na aproximação e no convívio com os jovens e moradores de Barra do Leme, a observação participante me possibilitou conhecer a realidade do assentamento e perceber quais eram as conexões que se davam nos processos artísticos e comunicacionais realizados. A observação participante foi essencial ao longo da pesquisa, visto que observar supõe um investimento do observador na análise de seu próprio modo de olhar, necessitando ancorar as relações pessoais em seus contextos.

Segundo Clifford (2008), a observação participante é uma fórmula paradoxal para compreender os acontecimentos, pois de um lado capta o sentido de ocorrências e gestos específicos, pela empatia; e do outro, dá um passo atrás, para situar as intensidades em contextos amplos.

A observação participante não é propriamente um método, mas sim um estilo pessoal adotado por pesquisadores em campo de pesquisa que, depois de aceitos pela comunidade estudada, são capazes de usar uma variedade de técnicas de coleta de dados para saber sobre as pessoas e seus modos de vida. (ANGROSINO, 2009, p. 34)

Nesta pesquisa, a observação participante complementou as análises do estudo. Mas, ao invés de agregar “técnicas de coleta de dados” como menciona Angrosino (2009) ela possibilitou a produção de dados. Segundo Barros e Kastrup (2010, p. 59), a produção de dados na pesquisa cartográfica vai além “de uma mera mudança de palavras, de apenas evitar o vocabulário tradicional, mas de propor uma mudança conceitual, visando nomear, de modo mais claro e literal, práticas de pesquisa que se distinguem daquelas da ciência moderna cognitivista”.

Ao longo da pesquisa no assentamento Barra do Leme, a produção de dados ocorreu em diversos momentos: entrevistas; reuniões; conversas; oficinas; caminhadas; e eventos. Estes momentos acompanhados dos dispositivos da pesquisa dispararam vários sentidos. A partir deles observei os gestos, falas, atitudes e os diversos trajetos. No próprio deslocamento para o assentamento, feito na maioria das vezes no ônibus que faz a linha Maranguape – Recanto do Massapé/Apuiarés, os passageiros, alguns moradores de Barra do Leme ou de comunidades vizinhas, e às vezes os visitantes do projeto Ciclovida eram pessoas simples, que resistiam a todas as intempéries do caminho e da vida. Em uma das viagens que fiz, lembro de uma senhora que levava o filho deficiente no colo que tinha cerca de 16 anos. A alegria e o cuidado dela com o filho me marcou muito. Já tinha ouvido falar que ela era uma das passageiras que sempre fazia o percurso no ônibus, ia para Maranguape levar o filho para fisioterapia. Esta senhora, assim como os muitos que iam e vinham no ônibus, tinham lutas incansáveis no cotidiano, mas estavam sempre com um sorriso alegre e criando outras possibilidades de convivência no meio rural, transformando as dificuldades em desafios, tomados com leveza, resistência e força.

No trajeto até o assentamento observava também a vegetação e o clima, que se modifica ao longo do ano. Em geral, o assentamento não se distingue muito da comunidade que vivi na minha infância e adolescência. Apresenta um clima quente, com predominância da caatinga, se diferenciando um pouco com relação o acesso a água. Como o assentamento não fica próximo ao Rio Canindé, que atravessa a maioria das comunidades rurais de Pentecoste, os moradores dependem do armazenamento de água dos açudes, poços e carros-pipa a maior parte do ano. A falta de água provoca mais dificuldades para as famílias que moram nesta região, tornando difícil o plantio agrícola e a criação de animais. Até mesmo a água de carros pipas é escassa, chegando os preços da pipa d'água serem cotados em valores diferentes, comprometendo a qualidade d'água. Dependendo do valor da pipa que é comprada a água é barrenta e imprópria para o consumo.

De maneira delimitada, observei também o cotidiano dos jovens no assentamento Barra do Leme, até porque como lembra Goldenberg (1999, p. 51) “é irreal supor que se pode ver, descrever e descobrir a relevância de tudo”. Para a autora, no desenvolvimento de uma pesquisa “o pesquisador acaba se concentrando em alguns problemas específicos que lhe parecem importante”. Nesse sentido, não descarto que tenha priorizado algumas questões, apesar da tentativa de fazer do ato de pesquisar uma construção coletiva do conhecimento.

Nos eventos que acompanhei em Fortaleza e na Barra do Leme, percebi que uma característica peculiar dos jovens e das pessoas que moram no assentamento é a articulação com outros interlocutores de outros espaços. Nas falas dos moradores que entrevistei foram relatadas as idas e vindas de jovens, grupos, que visitam o assentamento e moram por um curto período. O jovem Camilo também contou sua vivência em vários espaços.

Penso que este fato pode estar associado à formação do próprio assentamento, que reuniu famílias vindas de outros municípios, mantendo até hoje laços afetivos e familiares. Assim, vejo não só nos jovens, mas em alguns moradores de Barra do Leme o modo “nômade” que Deleuze e Guattari (2012, p. 28) abordam. Eles não se comportam como árvores, com suas raízes fixas, mas como tubérculos que se permitem a espalhar sua história, bem como aprender no convívio com outras pessoas. Assim como o pesquisador “nômade”, eles experimentam e descrevem os sentidos vividos, sem ter um começo ou um fim estabelecido. O cotidiano dos jovens no assentamento é muito diverso, ora eles estão fazendo reuniões com o grupo, articulando a realização de eventos, ora param as atividades, viajam para a casa de familiares, acompanham as atividades em parceria com o INCRA, participam de alguma mobilização em Fortaleza, enfim, fazem ações diversas.

Outro dispositivo importante na pesquisa para agrupar as observações do estudo foi o diário de campo, considerado por Barros e Kastrup (2010, p. 69) como “uma prática preciosa para a cartografia”. As anotações do diário de campo foram essenciais para o processo de elaboração dos resultados. Nele, registrei os processos que acompanhei em campo, acontecimentos, impressões e observações vividas. Neste arquivo, assim como diz Mills (1982, p. 212), procurei abordar o que estava fazendo na pesquisa e o que experimentava como pessoa, pois como afirma o autor, o diário de campo estimula

...a captura dos “pensamentos marginais”: várias ideias que podem ser subprodutos da vida diária, trechos de conversas ouvidos na rua ou, ainda sonhos. Uma vez anotados, podem levar a um raciocínio mais sistemático, bem como emprestam uma relevância intelectual com a experiência mais direta. (MILLS, 1982, p. 212).

Desse modo, as anotações do diário de campo trouxeram relatos sobre as experiências singulares vividas e as possibilidades de refletir e rememorar os acontecimentos e as ideias. Nele revivi alguns encontros com os interlocutores, mas também busquei um encontro comigo mesma, pois segundo Winkin (1998, p. 138) o diário é o “lugar do corpo-a-corpo consigo mesmo, ante o mundo social estudado” e que exerce tanto a função empírica quanto reflexiva e analítica. Para Mills (1982) e Winkin (1998) no diário devem ser anotados todos os fatos e ideias vistos no percurso, pois embora em um primeiro momento eles possam ser vagos, no momento da escrita podem ter outro significado.

Na pesquisa, o diário foi uma das primeiras ferramentas a me acompanhar. Após cada visita, conversa com os jovens, moradores e equipe da ACARTES e INCRA, retomava as anotações. Logo de início elas eram mais extensas, pois a tentativa era trazer o máximo de percepções possíveis, em seguida passei a ser mais pontual, elencando as reflexões e os dados que julgava mais pertinente. É importante ressaltar que apesar dos diferentes modos de fazer o registro, o diário contribuiu para restituir o processo da pesquisa.

No diário de campo além das observações, leituras, reflexões e frustrações, anotei as intensidades e afetos, pois “a escrita do diário de campo é, portanto, uma potente ferramenta para que esses acontecimentos ignorados, tidos como perturbadores e desviantes, sejam problematizados” (COIMBRA; NASCIMENTO, 2012, p.133). Como o diário esteve sempre me acompanhando ele foi uma espécie de guardião da pesquisa. Sentia, diante das páginas em branco, o desejo de rabiscar os meus anseios, medos e sensações perante o vivido, ao mesmo tempo em que procurava ser breve nas anotações para não chamar muita atenção.

Em cada viagem de campo procurava registrar as observações no assentamento, mas nem sempre conseguia fazer. Na maioria das vezes, fiz as anotações após retornar para casa, pois a rotina e o espaço não me permitiam. As entrevistas com os jovens e os moradores também foram se adaptando ao contexto. A tentativa era deixar a pesquisa caminhar sem ceder ao controle desmedido de fazer um leque de entrevistas superficiais. Assim, as entrevistas foram auxiliando os demais dispositivos e proporcionando conhecer mais de perto as vivências dos jovens e os processos artísticos e comunicacionais existentes no assentamento.

De acordo com Guber (2004, p. 220), “en el trabajo de campo antropológico la entrevista se desarrolla com parte indisociable del conjunto de actividades que tienen lugar em la observación participante”. Isso, de certo modo, ocorreu nesta pesquisa, pois as entrevistas assim como os demais dispositivos estavam sempre conectados no processo. A maioria das

entrevistas na pesquisa não tinham um roteiro pronto, com exceção as que abordaram a relação com a ACARTES e o Arte e Cultura na Reforma Agrária, que fiz um roteiro semiaberto⁷¹.

As entrevistas foram bastante flexíveis e o roteiro foi utilizado como ponto de partida para ouvir dos jovens como era a participação deles nas atividades do assentamento, e naquelas que eram promovidas pela ACARTES e o Arte e Cultura na Reforma Agrária. Para aqueles mais tímidos, o roteiro colaborou no processo, e para a maioria a entrevista foi fluindo a partir dos fatos que eles vivenciaram e consideravam importante em suas vidas. Todavia, a “entrevista antropológica” prevaleceu no estudo, na medida em que proporcionou maior interação com as pessoas.

A “entrevista antropológica” abordada partiu da definição de Guber (2004, p. 203) que caracteriza a mesma como uma das técnicas mais apropriadas para conhecer o universo de significações do objeto estudado. Segundo a autora (2004, p. 219) “en la primera etapa del trabajo de campo, la entrevista antropológica sirve para descubrir las preguntas, esto es, para construir los marcos de referencia de los actores a partir de la verbalización asociada libremente”.

Por meio da entrevista antropológica ampliei a reflexividade no campo e a observação sobre o objeto antes de fazer uma pergunta. Com isso, as linhas de associação entre mim e o entrevistado tinham negociações e era possível acrescentar várias pistas da pesquisa, pois nem todas as entrevistas partiram de um questionário, mas de uma conversa, às vezes imprevista.

Nesse sentido Guber (2004), ressalta que

La reflexividad em el trabajo de campo, y particularmente em la entrevista, puede contribuir a diferenciar los respectivos contextos, a detectar permanentemente la presencia de los marcos interpretativos del investigador y de los informantes em la relación, a elucidar cómo cada uno interpreta la relación y sus verbalizaciones; quizás así sea posible establecer um nexo progressivo entre ambos universos, pero no como resultado de observaciones aisladas, sino del proceso global de aprendizaje em campo. (GUBER, 2004, p. 211)

As conversas informais com os colaboradores da pesquisa, os jovens, a equipe da ACARTES/INCRA e os moradores do assentamento Barra do Leme, bem como outros visitantes e pessoas que encontrei no percurso, em conjunto com a observação participante e os demais dispositivos da pesquisa, foram extremamente importante para o conhecimento do

⁷¹ O roteiro das entrevistas está no Apêndice B do trabalho.

campo. Através das informações que trocava a cada ida ao assentamento, ampliava as reflexões do estudo e compreendia melhor o universo dos jovens de Barra do Leme.

Estas conversas, acompanhadas algumas vezes por um gravador, tiveram como foco dialogar com os moradores e jovens do assentamento. Com o intuito de evitar as visões predispostas sobre o assentamento e perceber as transformações que se foram dando neste espaço, procurei ficar atento a cada detalhe dos nossos encontros. As conversas/entrevistas foram uma “instancia de producción de datos” (GUBER, 2004, p. 245) e me possibilitaram definir melhor o percurso da pesquisa.

O oficiar em campo também foi outro dispositivo disparado nesse movimento-pesquisa. Foram inúmeras e intensas as experimentações que vivi ao acompanhar estas atividades/acontecimentos em Barra do Leme. Tanto as reuniões do Caricultura e Ciclovida, como a oficina de audiovisual que planejei com os jovens e o próprio ato de cozinharos juntos, entre tantos gestos e encontros da pesquisa, compõem oficinas desta investigação. Digo isto, porque compartilho do pensamento de Moehlecke (2012, p. 169) que “ao intervir no vivido, ou fazer dançar nas palavras, uma oficina se compõe enquanto maquinação do ser em seu anseio por um mundo em criação”.

Desse modo, ao pesquisar no assentamento Barra do Leme, pude acompanhar as situações vividas pelos jovens, suas singularidades e multiplicidades, e conhecer o universo de forças que compõem o lugar. Na oficina de audiovisual, em específico, fiz uma atividade que possibilitou a contação das histórias de vida das crianças, jovens e adultos. Esta atividade ampliou a percepção de como os jovens se viam dentro do assentamento e possibilitou aos integrantes conhecer e compartilhar experiências consideradas impactantes em suas vidas.

A história de vida por ser uma variante da história oral “procura ver o passado através do microcosmo da vida de um indivíduo” (ANGROSINO, 2009, p. 66). Entretanto, nesta atividade da pesquisa, o objetivo não era reconstruir o passado, mas trazer elementos considerados relevantes na vida de cada um e do coletivo. No uso deste dispositivo, algumas narrativas dos participantes lembraram o passado, falaram do presente e de sonhos futuros. Com isso, não obtive uma totalidade das experiências vividas por cada participante, mas uma amostra dos processos vividos. A noção de “processo” é para Haguette (1992, p. 82) um dos sentidos que a história de vida pode dar, pois fornece uma riqueza de detalhes sobre o que foi vivido pelos sujeitos.

Nesse sentido, a história de vida nesta pesquisa parte da abordagem de Daniel Bertaux (2005), pois entendo que apenas tenho uma versão selecionada da experiência vivida pelos participantes. Segundo Bertaux (2005)

al relacionar numerosos testimonios sobre la experiencia vivida de una misma situación social por ejemplo, se podrán superar sus singularidades para lograr, mediante una construcción progresiva, una representación sociológica de los componentes *sociales* (colectivos) de la situación. (BERTAUX, 2005, p. 36).

A estratégia do autor privilegia os relatos de vida dos sujeitos e se diferencia das abordagens utilizadas, principalmente no campo da história, que busca dar conta de toda a vida do sujeito. Dessa maneira, as histórias de vida compartilhadas na oficina, foram importantes para conhecermos os episódios da vida das crianças, jovens e adultos relacionados com os processos artísticos e comunicacionais do assentamento, e consequentemente, as vivências nas atividades da ACARTES e do Arte e Cultura na Reforma Agrária.

4 REFLEXÕES SOBRE JUVENTUDE

A juventude tem sido um tema emergente no cenário mundial, a partir do século XX. Em 1985, a Organização das Nações Unidas (ONU) comemorou o primeiro Ano Internacional da Juventude, e, em agosto de 2010, lançou mais um ano cuja temática foi “Diálogo e compreensão mútua”, com a finalidade de promover os ideais de paz, respeito aos direitos humanos e solidariedade entre gerações, culturas, religiões e civilizações. Para a ONU, investir e intensificar o diálogo com a juventude é a chave para construção de uma sociedade mais plena e sustentável.

Da mesma forma, os países consideram indispensáveis as contribuições da juventude. No Brasil, com a criação em 2005, da Secretaria Nacional da Juventude (SNJ), do Conselho Nacional de Juventude (CONJUVE) e do Programa Nacional de Inclusão de Jovens (Projovem, Lei nº 11.129), as discussões, projetos e ações voltadas para os jovens tornaram-se mais frequentes. Embora ainda exista uma necessidade de políticas públicas para este público, a construção desses espaços vem possibilitando novos processos e o diálogo com os desejos juvenis.

A ONU define como jovens aqueles com idade entre 15 e 24 anos, já a atual Política Nacional de Juventude (PNJ) do Brasil, considera jovem todo cidadão ou cidadã da faixa etária entre os 15 e os 29 anos. Essa parcela da população representa um grande percentual social e econômico. Os jovens são ousados e integram um conjunto de estratégias do mercado capitalista (mídia, marketing, indústria de consumo e de lazer) na cultura globalizada.

Os jovens são impulsionadores da economia, na medida em que são abordados pelos bens específicos produzidos pela indústria cultural e publicidade, que alimentam e propagam novos hábitos culturais. Mas, eles também são responsáveis pelos processos de mudança na sociedade, a exemplo os movimentos juvenis nos anos 60 no Brasil, que contestavam a ordem política, cultural e moral que estava posto, e, as manifestações de junho de 2013, em prol de melhorias da sociedade.

Desse modo, juventude é uma temática amplamente discutida por diversas áreas, sobretudo pelas Ciências Sociais e Humanas, a fim de encontrar maneiras de abordá-la, envolvendo suas múltiplas dinâmicas sociais e culturais daqueles que assim se identificam. Castro (2010), ao elaborar contribuições para o estado da arte da temática juventude observa que apesar da dimensão ampla, as pesquisas empíricas são fortemente impulsionadas pelas experiências urbanas, aliada as “adjetivações, substancializações ou classificações meramente

descritivas como: *juventude trabalhadora, juventude operária, jovens mulheres*”, entre outras denominações. Definir “juventude” não é tão simples tanto quanto parece. Bourdieu (1983) ainda no artigo: “A juventude é uma palavra”, enfatizou as complexidades que envolvem o termo, destacando que “a fronteira entre a juventude e a velhice é um objeto de disputas em todas as sociedades” (BOURDIEU, 1983, p. 112). O autor indaga que existe uma representação ideológica dessa divisão construída pelos adultos para manter o poder sobre o outro, já que “somos sempre o jovem ou velho de alguém”. Assim, a separação entre jovens e adultos pode evitar certos conflitos geracionais, pois nesta relação existe alguns limites tanto de idades, quanto entre idades.

As contribuições de Pais (1990) sobre “juventude” dialogam com Bourdieu (1983), e se referem à mesma como uma “categoria socialmente manipulada e manipulável”, em que os jovens são vistos como uma “unidade social”, com uma cultura e interesses “comuns”. Essa questão é um pouco complexa e o próprio autor constrói outras abordagens sobre o termo, pois se levamos em consideração, por exemplo, os jovens que vivem no meio rural, que em muitos aspectos são semelhantes a muitos jovens que vivem no meio urbano, encontramos aspectos econômicos, sociais, e principalmente culturais que os diferenciam.

No entanto, a questão central que se coloca à sociologia da juventude é a de explorar não apenas as possíveis ou relativas *similaridades* entre jovens ou grupos sociais de jovens (em termos de situações, expectativas, aspirações, consumos culturais, por exemplo), mas também – e principalmente – as *diferenças sociais* que entre eles existem (PAIS, 1990, p.140).

Nesse sentido, o autor pontua que as representações correntes da juventude, que ora é “tomada como um conjunto social, constituído por indivíduos pertencentes a uma dada fase da vida”, ora é assumida como um coletivo “necessariamente diversificado” (PAIS, 1990, p. 140), requer a construção de outro modo de olhar para a juventude. Assim, o autor denomina de “paradoxos da juventude” os comportamentos, as representações e os modos de pensar e agir que constituem esses sujeitos até “chegar à noção (paradoxa) de juventude como *construção sociológica*” (PAIS, 1990, p. 141).

Para Pais (1990, p. 141), a juventude, histórica e socialmente, é encarada como uma fase da vida marcada por certa instabilidade, que está associada aos determinados problemas sociais que os jovens encontram até chegarem à fase adulta. Alguns dos problemas que a sociedade denomina fazer parte da juventude, como a inserção do jovem no mercado de trabalho, os problemas de drogas e delinquência, e, as dificuldades de relacionamentos na Escola e com os pais nem sempre são vistos pelos jovens como parte de suas vidas. Embora

haja uma ideia de que a juventude é o estágio anterior à entrada na “vida social plena”, (ABRAMO, 1994, p. 11) nos processos de transição há dimensões e características que implicam na construção de cada sujeito, entre estas, as relações familiares e a condição social.

A entrada dos jovens no mercado de trabalho é um exemplo de que nem sempre o que foi pertinente a certo período e grupo social é relevante nos dias atuais. Em certo período e em determinadas sociedades, este problema foi um marco de transição da fase da vida, mas hoje ele não tem a mesma relevância, assim como o casamento, ou o nascimento do primeiro filho, pois ambos não apresentam a mesma linearidade na trajetória de vida dos sujeitos. Atualmente, os jovens já não seguem estes *ritos de passagem*. “Hoje em dia, são mais fluidos e descontínuos os traços que delimitam as fronteiras entre as diferentes fases da vida” (PAIS, 2009, p. 373).

Na sociedade contemporânea, as trajetórias de vida não seguem uma ordem cronológica e a determinação das fronteiras que separam as *fases de vida* têm variado cada vez mais. As *fases de vida* têm se prolongado e invertido, “hoje pode ser-se jovem aos 29 anos ou mais enquanto que, em contrapartida, uns 60 anos, bem conservados, não são necessariamente um atributo de velhice” (PAIS, 2009, p. 373). Desse modo, ser jovem é um “modelo de referência” que passou a ter certa visibilidade a partir do século XX e que nos dias atuais, “um dos traços que mais caracteriza a actual condição juvenil é a situação de impasse vivida por muitos jovens em relação ao seu futuro” (PAIS, 2009, p. 374).

4.1 Juventudes, Juventudes Rurais: uma complexa definição

O termo “juventude” apesar de ter sido bastante utilizado nos estudos do século XIX associado à faixa etária, ganha a partir das décadas de 1980 e 1990, novas abordagens, por não dar conta das especificidades que envolvem a temática. Segundo Abramo (1994) a presença do jovem nas sociedades latino-americanas, que se estruturou nos anos 50 e, que vigorou até os anos 70, esteve bastante articulada aos processos de modernização. Portanto, bastante relacionada à figura do jovem estudante. “Os jovens de setores de baixa renda (principalmente os do meio rural) são vistos como “marginalizados” e como consequência, excluídos da própria condição juvenil” (ABRAMO, 1994, p. 22). Isso se sucedeu devido às diferenças de classe e o pouco acesso da população jovem aos ambientes educacionais.

Com as mudanças expressivas introduzidas no Brasil, a partir da década de 70, as pesquisas sobre juventude transcenderam a questão etária e os movimentos estudantis. E, desde então, “um grande desafio dos estudos sobre “juventude” é o de desubstancializar esta

categoria e procurar compreendê-la em seus múltiplos significados” (CASTRO, 2010, p. 55). Assim, passou-se a falar em “juventudes” com o intuito de realizar abordagens mais heterogêneas (NOVAES, 1998), ressaltando a juventude a partir das “dimensões sociais e históricas das condições juvenis” (ABRAMO, 1994), e também como uma “construção social” (CASTRO, 2009). O termo “Juventudes rurais” também não é novo, assim como “juventude rural”, “jovem rural” “jovem camponês”, “jovem do campo”. Estes termos como apontou Flitner (1968) *apud* Castro (2009, p. 439) foram utilizados desde o século XVIII, sendo acionado na maioria das pesquisas para designar os filhos de agricultores e/ou assentados.

Nas primeiras décadas desse século, outras expressões e manifestações concorrem, para compor o aparecimento público da juventude, e esta vai progressivamente sendo percebida como um sujeito específico, com experiências, questões e formulações particulares, dadas pela sua condição etária e geracional. (ABRAMO, 1994, p. 9).

Nesse sentido, as “juventudes” e/ou “juventudes rurais” foram se constituindo e ocupando os mais diversos espaços, sendo necessária nos estudos na primeira década do século XXI, uma atenção especial para o entrelaçamento da cultura juvenil e a crescente centralidade da mídia (FEITOSA, 2007), bem como de outros elementos contemporâneos que compõem a “*des-ordem* cultural” (MARTÍN-BARBERO, 2008, p. 11). Para Martín-Barbero (2008), o “*des-ordenamento* cultural” é observável por dois ângulos: pela defasagem da Escola em relação ao modelo comunicacional introduzido pelos meios audiovisuais e as tecnologias; e pela emergência de novas *sensibilidades*.

A sociedade contemporânea, em específico os jovens, acrescentou o leque de relações com os dispositivos tecnológicos e ampliou-se cada vez mais os processos comunicacionais. “Estamos, assim, diante de juventudes cujas sensibilidades respondem, não só, mas basicamente, a *alternativas de socialidade* que permeiam tanto as atitudes políticas quanto as pautas morais, práticas culturais e gostos estéticos” (MARTÍN-BARBERO, 2008, p. 13). Também a ideia do meio rural ser o lugar das tradições e dos costumes humanizados e naturais, em oposto a cidade como o lugar do progresso e da modernização, como bem ressaltou Williams (1989, p. 397), vivenciam mudanças na atualidade. Os espaços de socialização se tornam cada vez mais diversos e acessíveis para as juventudes, entre estas as juventudes rurais, que se movem entre o campo e a cidade, conectados com os sons, ruídos, gostos e gestos que atravessam cada sujeito em suas idas e vindas ao campo e/ou a cidade.

Entretanto, acredito que é complexo definir a juventude a partir da faixa etária, ou local onde reside na atual conjuntura, já que cada vez mais tem se reduzido as distâncias entre os espaços urbanos e rurais e aumentado a mobilidade dos indivíduos. Portanto, destaco que os jovens rurais com os quais dialogamos nesta pesquisa, são aqueles que vivem ou viveram parte da sua vida no assentamento Barra do Leme, que por diversos motivos migraram para outro lugar, e mantêm vínculos com a comunidade. Os jovens com quem dialogo na pesquisa, foram delimitados pela Política Nacional de Juventude (PNJ), que os define com idade entre 15 e 29 anos. Contudo, existem exceções que foram motivadas pelo próprio modo de atuar deles no assentamento.

Como aponta Castro (2010, p. 64), a dificuldade em abordar a temática e o lugar da juventude no meio rural, também se defronta com o debate em torno da noção de “juventude” e de “rural” – “antes associado ao “lugar parado”, isolado, passa a ser valorizado como “espaço de vida”, de moradia, não exclusivamente de trabalho, em oposição à cidade grande e à violência” (CASTRO, 2010, p. 72). Mas, apesar da difícil definição, a autora revela que há um movimento de consolidação de um campo de pesquisa sobre juventude rural, a partir dos anos 2000. Ao mapear o campo de estudos no Brasil, Castro (2010) percebe que este campo transita por diversas áreas do conhecimento. Os estudos sobre juventude na década de oitenta focavam principalmente, na análise de experiências de educação do campo, e foram acompanhados na década seguinte pelas análises do êxodo rural e da migração.

Embora o êxodo rural e a migração sejam processos antigos no Brasil, a construção dessas problemáticas associadas à juventude é uma novidade da década dos noventa. A juventude torna-se uma entrada para os estudos do meio rural, o que o coloca ao mesmo tempo como “problema” e a “solução”. Os jovens rurais seriam aqueles que vivem o “dilema” do trânsito entre o campo e a cidade, e sofreriam de forma mais direta as transformações sociais no meio rural (CASTRO, 2010, p. 71).

Desse modo, é necessário lembrar que nos últimos anos houve uma reversão no quadro de migração do campo para a cidade da juventude, estimulado tanto pelas políticas de reforma agrária que vem sendo implementada desde 1985, quanto pelo avanço na mobilidade entre campo e cidade. “A construção de estradas, o melhoramento dos transportes e a ampliação dos meios de comunicação ocasionaram a diminuição das distâncias físicas, espaciais e de estilo de vida entre campo e cidade” (SALES, 2006, p. 149). Com isso, vem sendo construído uma imbricação dos espaços rurais e urbanos e criado outras possibilidades de viver. Williams (1989, p. 19) destaca que “a vida do campo e da cidade é móvel e presente: move-se ao longo do tempo, através da história de uma família e um povo; move-se em sentimentos e ideias, através de uma rede de relacionamentos e decisões”.

Estas modificações do contexto são acompanhadas pelas próprias motivações das juventudes que vivem no campo e na cidade. É necessário pensar que “os jovens podem questionar seus valores e buscar novas referências, experimentar novas pautas de comportamento e novos estilos de vida inspirados em grupos diferentes daquele aos quais pertencem” (ABRAMO, 1994, p. 19). Isso pode perceber não só nos jovens que viviam no assentamento que migraram para a cidade, mas em sentido oposto, nos jovens que saíam dos centros urbanos para o Ciclovida em Barra do Leme.

Segundo Sales (2006), na década de 1990, a participação das juventudes nos eventos do MST era bastante significativa, chegando à linha de frente do Movimento ser composta em sua maioria por jovens dos assentamentos rurais. Porém, apesar da criação do Setor de Juventude e Cultura neste mesmo período, ainda se tinha uma visão do jovem dentro dos assentamentos como o “revolucionário” capaz de operar rupturas e confrontações. Essa visão nos últimos anos tem se modificado na medida em que alguns jovens passaram a não se identificar como os “revolucionários”, e o próprio MST passou até outras questões.

Se até bem pouco tempo os jovens não faziam parte das preocupações do MST, esse fato tem mudado nos últimos anos. A juventude Sem Terra tem ocupado cada vez mais espaço nas discussões e pautas do movimento, especialmente no que diz respeito à educação formal. No que se refere a aspectos mais localizados, de âmbito familiar, a emergência de uma faixa de população jovem têm levado para os lares de Assentamentos discussões referentes à escolha profissional, sexualidade e, culturas urbana e rural (FEITOSA, 2007, p. 14).

Estas preocupações vêm interferindo na construção de novas políticas públicas para as juventudes e perpassam os assentamentos rurais ligados ao MST e à reforma agrária, inclusive o de Barra do Leme. O Arte e Cultura na Reforma Agrária é uma das ações do Estado do Ceará que trabalha a possibilidade de trazer para dentro dos assentamentos rurais, o acesso à cultura, a comunicação audiovisual, a formação e a profissionalização dos jovens, a fim de envolvê-lo na organização e nas atividades do cotidiano. Segundo a coordenadora do Arte e Cultura na Reforma Agrária Silma Magalhães⁷², o acesso dos jovens às ferramentas de comunicação audiovisual “é mais um passo significativo no sentido de possibilitar aos jovens novas oportunidades de formação e de geração de renda, junto com o objetivo de contribuir na

⁷² É coordenadora do Projeto Arte e Cultura na Reforma Agrária (PACRA), desenvolvido pelo Incra no Ceará e responsável pela criação e financiamento do projeto, com recursos da Secretaria de Desenvolvimento Territorial, do Ministério do Desenvolvimento Agrário (SDT/MDA). Apresentou este relato na matéria “Comunicação popular: Projeto incentiva formação de comunicadores em assentamentos rurais” do seguinte site: <http://josepimentel.com.br/comunica%C3%A7%C3%A3o-popular-projeto-incentiva-forma%C3%A7%C3%A3o-de-comunicadores-em-Assentamentos-rurais>

apropriação das novas mídias, não só como consumidores de conteúdo, mas como produtores de conteúdo sobre sua realidade, o seu universo”.

Todavia, faz-se necessário observar como os jovens se apropriam das políticas públicas. No caso específico do projeto Arte e Cultura na Reforma Agrária foi importante perceber como os jovens foram construindo as imagens de si e da comunidade, e quais as relações constituídas com os jovens e os demais sujeitos do assentamento.

4.2 O que dizem os jovens de Barra do Leme

Conhecer os jovens Camilo, Marta e Joelma e ouvir os relatos de suas vivências, possibilitou recompor os desejos e fazeres do cotidiano desses jovens que nasceram no meio rural, e que estão em um movimento contínuo entre campo-cidade. Através de nossas conversas, entrevistas e encontros, pude acompanhar algumas marcas que foram compondo suas histórias de vida. Estas marcas foram externalizadas por cada jovem, na medida em que dialogávamos sobre suas experiências e me fazia presente nas atividades do cotidiano do assentamento.

Camilo, Marta e Joelma são jovens desbravadores, viajantes, que percorrem os caminhos que o leme lhes levam, interagindo e incorporando outros hábitos culturais a sua cultura. Eles não temem as dificuldades e mesmo saindo do assentamento, retornam e compartilham suas experiências, saberes e angústias com o grupo. Nas viagens à Barra do Leme e no encontro com estes jovens percebi a intensidade com a qual eles vivenciaram junto com os pais os processos de conquista da terra, e como eles vão compondo suas histórias.

Os relatos a seguir buscam contextualizar nas narrativas dos jovens, as vivências deles no assentamento Barra do Leme, bem como o percurso que eles foram fazendo ao participar do Projeto Arte e Cultura na Reforma Agrária e como fizeram esse movimento campo-cidade. Nos depoimentos, são apresentados inquietações, as condições de vida e os desejos que movem cada um a querer, mesmo não morando no assentamento, contribuir de algum modo com o lugar. O retorno dos jovens para o meio rural segundo Kayser (1990) *apud* Sales (2006, p. 145), pode ser determinado pelo que o autor denomina de “espírito da terra”. Ou seja, por “uma afeição obstinada, talvez até inconsciente e irracional, à paisagem familiar” (SALES, 2006, p. 145).

Talvez seja este “espírito da terra” que move os jovens de Barra do Leme e tantos outros que migram para os centros urbanos, a retornarem para o meio rural e inventarem

outros modos de vida no lugar. Embora sem dados expressivos, esse desejo de criar outras oportunidades no assentamento, é o que vejo na fala de Camilo, Joelma e Marta.

4.2.1 “Eu não me sinto fixo a um lugar”

Após conhecer Camilo na oficina de edição de vídeos em Itaitinga, perguntei a ele se era possível fazer uma entrevista com ele no assentamento ou em Fortaleza, pois como ele morava com a avó em Maracanaú e trabalhava na capital cearense, de repente poderíamos nos encontrar pela cidade. Assim, fomos nos falando por telefone e programamos nos encontrar.

Depois de uma tentativa do encontro, entrevistei Camilo no dia 14 de janeiro de 2014. Nos encontramos no Bosque do Centro de Humanidades, da Universidade Federal do Ceará (UFC) e, em seguida, fomos para uma sala da biblioteca, onde tinha menos barulho e conversamos tranquilamente. Ao encontrar Camilo apresentei o local que ele ainda não conhecia, fiz uma breve explicação sobre o trabalho que estava fazendo sobre jovens rurais e expressei o meu interesse em conhecer sua história de vida e os processos vividos por ele no Arte e Cultura na Reforma Agrária e no assentamento. Ainda tímido, Camilo perguntou como seria a entrevista, se eu tinha perguntas e que se ele soubesse contribuiria sem nenhum problema. Apesar do roteiro, disse a Camilo que ele podia ficar a vontade para contar o seu relato e a partir da nossa conversa íamos tecendo nossas questões. De início, Camilo trouxe um breve relato da sua história, de onde veio e onde mora atualmente.

É o seguinte: a minha vó, meu vô, eles eram do interior, então, desde pequeno que eu tenho essa ligação com o interior. O interior era Quixadá, aí depois de longos anos, eu acho que eu era pequeno ainda, aí foram saindo do interior, a minha família todinha, desde o tempo da vó e do vô. Hoje no interior, assim, da minha família não tem ninguém, tudo morando em outra cidade, (...) tenho apenas a minha mãe, meu irmão e minha família que moram no interior que é Pentecoste. E assim, quando eu saí de Quixadá aí passei por outras cidades (...). Em 2006, eu fui pra Pentecoste, aí lá eu terminei o meu terceiro ano (...), e eu vim morar com minha vó em 2012, eu vim morar em 2011 aliás, vim morar com minha vó depois de ter terminado o Ensino Médio lá, (...) pra fazer alguns cursos que eu gostaria de fazer. Não com a finalidade de trabalhar, isso foi apenas consequência que eu tava precisando de dinheiro, então eu queria trabalhar em algo que eu realmente gostava. *(Trecho da transcrição da entrevista com Camilo, 14/01/2014).*

Foi interessante ouvir este relato de Camilo porque ele apresentou seu percurso até chegar ao assentamento e a própria condição que fez com que ele, após vim morar com a avó materna em Maracanaú, não continuasse estudando. Apesar de Camilo ter chegado ainda criança no assentamento, as marcas que compõe a vivência dele na Barra do Leme, é de 2006 a 2011, período em que ele volta para o assentamento e conclui o Ensino Médio. Por participar e morar em diversos lugares vejo que Camilo traz um pouco do modo “nômade”

que Deleuze e Guattari (2012, p. 28) abordam. Ele, assim como outros jovens e moradores de Barra do Leme não tem um ponto fixo. É ousado e cria outras possibilidades de viver.

Olha, a minha vivência não foi em um lugar só, foi em vários lugares entendeu, não foi apenas em Madalena, (...), nem apenas em Pentecoste, foram Quixadá, Acarape, Maracanaú,...). Assim, eu nunca busquei ter um local fixo entendeu, a minha mãe realmente é assentada, mas assim, ela mora no interior, ela gosta muito de lá, ela não se desliga de lá, isso eu acho até legal, mas como eu te falei eu não me sinto fixo a um lugar, é difícil. *(Trecho da transcrição da entrevista com Camilo, 14/01/2014).*

Como Camilo enfatizou em sua fala, ele tem dificuldades de falar da sua relação com o assentamento, pois ele não se sente fixo em um lugar e são estas múltiplas vivências que foram compondo sua história e suas perspectivas futuras. Observando suas falas, fica até confuso o leitor compreender como é esta relação de Camilo, pois mesmo não se sentido fixo ao lugar, é para o assentamento Barra do Leme que Camilo sempre retorna e diz ter aproximações: *“Tenho uma ligação muito forte lá (Barra do Leme), até porque já morei lá, e sempre que eu tenho disponibilidade eu sempre vou lá no interior de Pentecoste, apenas não só lá, porque tenho ligação com vários lugares, mas a ligação lá é maior, (...)”*.

Ao conversar com Camilo sobre os planos futuros, mesmo parecendo confuso, ele expressa o desejo de trabalhar com audiovisual e enfatiza a falta de oportunidades para os jovens que moram no assentamento.

Cara, eu não posso te dizer um plano concreto, até porque eu não tenho, mas sempre que surgir oportunidade de estar estudando cinema, audiovisual, eu estarei fazendo isso, mas um plano concreto pra te dizer assim, eu não tenho. A única coisa que posso te dizer é que estarei estudando cada oportunidade que tiver de audiovisual. (...) eu acho que tem muito jovem que sai do interior já por isso, já por falta de oportunidade. Eu nem me sinto que saí de lá, até porque eu nunca me senti em nenhum lugar, preso a nenhum lugar. Por exemplo, eu tô morando em Maracanaú hoje, mas eu também nem me sinto morando aqui. Eu tô aqui, mas amanhã já posso não está, não me sinto que eu saí de lá por isso, não me sinto preso em nenhum lugar *(Trecho da transcrição da entrevista com Camilo, 14/01/2014).*

Quando Camilo falou da falta de oportunidade para os jovens, ele relatou a sua própria experiência. Quando ele morava no assentamento participava das reuniões e eventos sobre agroecologia, discutia sobre os direitos do jovem que mora no campo e lutava com o grupo por melhorias que, infelizmente, quase nunca foram atendidas. *“A gente já foi até ocupar a Prefeitura, participei também do grupo Caricultura junto com os jovens de lá, pessoas que já eram membros dessas participações de resistências. Coisas que governante não faz, então a gente procurava chamar atenção pra isso”*, dizia Camilo.

Aprofundando o debate sobre a falta de oportunidade para o jovem que vive no meio rural, perguntei se no assentamento e dentro do Caricultura é discutido sobre a

autonomia da juventude. Ele me respondeu que acredita que sim, pois a questão do jovem querer sair para cidade é discutida até dentro do Caricultura. Entretanto, ele complementa que mesmo o jovem saindo do assentamento, ele continua se sentindo parte dos processos artísticos e comunicacionais do assentamento.

É difícil definir isso que você falou (se os jovens continuam se sentindo parte do assentamento mesmo quando saem), porque esse jovem que saiu, apenas um que conheço, outro que tá pensando em sair, são muito ligados, entendeu? Eu acho que a saída deles não tem tanto contato assim porque não moram mais lá, até porque é uma questão de tempo e tal. Eu acredito que se eles puderem contribuir para o grupo, eu acho que eles contribuirão, por isso é difícil definir se eles saíram totalmente (*Trecho da transcrição da entrevista com Camilo, 14/01/2014*).

Nos depoimentos de Camilo, vejo o quanto é complexo falar sobre o que move os jovens a ficar ou sair do assentamento e como é participar do grupo Caricultura, e de repente sair para vim morar em outro lugar. Desse modo, ele mesmo diz que acha que se tivesse mais oportunidades, mais jovens permaneceriam no assentamento, não que eles não devam sair, mas sim que o meio rural poderia possibilitar iguais oportunidades para os jovens. Como o próprio Camilo ressaltou, não existem muitas diferenças quanto aos benefícios dos que moram na periferia daqueles que moram na zona rural (interior).

Eu acho que assim como na periferia, o interior é esquecido pelos governantes, (...). É tratado da mesma maneira, se não pior. Eu num sei nem se é pior, esquecimento total, entendeu? (...) eu vejo essas pessoas caladas, que quando mais se cala, pior é. Eu acho que no interior de Pentecoste, o único grupo que não se cala é o Caricultura. Aí o povo é abandonado, na verdade os jovens. Aí vem a questão que terminam os estudos, o Ensino Médio, aí eles querem vim pra cidade, eu não acho tão interessante, eles virem pra cidade. (*Trecho da transcrição da entrevista com Camilo, 14/01/2014*).

Nesse viés, ao questionar Camilo sobre quais as prioridades considera importante para juventude, ele menciona que não tem como elencar, pois considera que é inexistente as oportunidades para os jovens. “*Não é nem que num falte atenção, é que não tem atenção nenhuma para os jovens continuarem lá, entendeu, é isso é começar do zero mesmo, porque quando os jovens terminam o Ensino Médio, não tem nenhum tipo de opção*”. Como ele mesmo abordou, o Caricultura tem mobilizado o assentamento para buscar melhorias para os jovens. Isso integra, de certo modo, o processo de formação do grupo, que mesmo tendo como foco a cultura, discute as questões políticas e busca dialogar com o poder público e a comunidade sobre as oportunidades para que os jovens vivam no assentamento com dignidade. Existe um desafio para as lideranças e os jovens do assentamento que é dar oportunidades para os jovens, para que a saída deles para os centros urbanos não seja

motivada, principalmente, pela ausência de acesso a educação, trabalho e lazer para a juventude. Percebe-se que muitos optam por sair devido esse déficit de oportunidades e querem continuar colaborando com o Caricultura, inclusive Camilo.

Então, pra mim é muito prazeroso pertencer ao grupo. Desde que começou, desde quando eu era criança, foi algo que eu fiz sempre gostando do que eu fazia, até porque se não gostasse eu não estaria ligado até hoje, então eu faço isso realmente gostando mesmo. E faço lá no grupo Caricultura, apesar de hoje eu ajudar mais, apesar de ser pouco, mas o que a gente pode, a gente faz. *(Trecho da transcrição da entrevista com Camilo, 14/01/2014).*

Atualmente, Camilo tem um modo singular de atuar dentro do grupo Caricultura. Na sua fala e nos seus gestos observa-se que ele é um jovem que ao estar em contato com múltiplos lugares aspira continuar em Fortaleza ou outra cidade experimentando outras vivências, algumas com o audiovisual, com a perspectiva de atuar no assentamento.

4.2.2 “Não existe o lado bom e o lado ruim”

O encontro com Joelma foi bem espontâneo, ela é uma jovem que preza pelo coletivo e que desde que a vi pela primeira vez em Itaitinga, conversamos sobre a atuação dos jovens no assentamento e a participação no grupo Caricultura e nas atividades do Arte e Cultura na Reforma Agrária. Joelma é a primeira filha de Dona Lourdes, e desde quando a conheci, vivia o dilema entre continuar morando no assentamento ou ir para Fortaleza em busca de trabalho.

Como ela já tinha concluído o Ensino Médio, existia uma certa cobrança dos familiares para que a mesma fosse trabalhar em Fortaleza. Fato que ocorreu, ao final da pesquisa de mestrado, e que fez com que a mesma não participasse da oficina que planejamos juntos. Entretanto, Joelma trouxe muitas contribuições para pensar a participação dos jovens do assentamento nas oficinas de audiovisuais da ACARTES. Segundo Joelma, a ida deles para estas oficinas foi motivada pelo convite do Arte e Cultura na Reforma Agrária para os jovens do assentamento, e ela, Camilo e Marta se prontificaram a ir. Joelma e Marta, participavam das oficinas de audiovisuais promovidas pela ACARTES e das atividades da Escola de Teatro da Terra, sendo maior a proximidade delas com o teatro do que com o audiovisual. O relato de Joelma traz um pouco sobre como era as oficinas de audiovisuais.

No início, foi assim mais conversas, algumas oficinas que teve pra gente conhecer mesmo o próximo, histórias que um ia começando, um ia contando e outro ia complementando em roda. (...) é bem parecido com o teatro, talvez mesmo pra gente propriamente se conhecer e depois a gente ia se dividindo em grupos pra trabalhar o que foi falado dentro de cada oficina e às vezes em dupla. E quando foi agora, na

parte de edição, eu e a Marta não tinha muita noção de como seria, então a gente deixou mesmo que o Camilo levasse. Ele ia fazendo e a gente ia escutando e a gente acabou contando um pouco da história do assentamento. Quando foi a parte das gravações, os meninos vieram: Damasceno, Marcelino, Anderson. (...) e nos mostraram como mexer na câmera, como mexer em alguns equipamentos, (...). Logo no primeiro momento, a gente fez um vídeo, a gente foi mesmo mais pelo ator e a gente acabou fazendo uma pequena encenação de 30 minutos, (...) a gente já trabalhou parte de câmera mesmo, foi muito boa. *(Trecho da transcrição da entrevista com Joelma, 15/08/2013)*

Para Joelma, as oficinas de audiovisual trouxeram algumas relações com o teatro, pois eles às vezes atuavam nos vídeos e buscavam, por meio do audiovisual, expressar uma história. No caso deles, escolheram contar a história do assentamento. A experiência desse trabalho com audiovisual foi pioneira para Joelma, o que demonstra um pouco a dificuldade que ela e Marta tiveram no processo de edição. Mesmo assim, Joelma expressa o desejo que tem de fazer um trabalho com esta linguagem no assentamento.

A gente tava pensando de construir uma peça, a gente acabou trabalhando sobre os elementos e o homem, os elementos naturais e o homem. E a gente pensou em gravar pra gente ter mais ou menos uma noção e tudo. (...) a gente também pensou em fazer vídeos, a gente tinha uma camerazinha, acho que essa câmera não existe mais, eu acho. A gente acabou perdendo também uma câmera de fotos, foi um baque muito forte do grupo, a gente tá tentando trabalhar a parte do audiovisual, mas por a gente não ter câmera ainda, e por ser um pouco longe de pegar câmera, pedir emprestado mesmo, é um pouco complicado. *(Trecho da transcrição da entrevista com Joelma, 15/08/2013)*

Nas falas de Joelma sempre se ouvia as dificuldades e também as possibilidades de construir um trabalho no assentamento. Ela afirmava que *“não existe o lado bom e o lado ruim, mas tem uma meta muito boa, assim pra gente trabalhar dentro do grupo”*. Nesse caso, Joelma se referia a minha pergunta sobre como ela gostaria de atuar no grupo, se tinha preferência, por edição, câmera ou produção. De imediato, Joelma respondeu que o mais importante eram as metas coletivas do grupo. Para Joelma, o espírito coletivo era essencial nos processos artísticos e comunicacionais. Por ter vivenciado o surgimento do Caricultura ainda criança, esta marca era muito forte e sempre lembrada.

Entretanto, meu encontro com Joelma foi na fase em que ela era pressionada a ir trabalhar em Fortaleza, e se afastar do grupo Caricultura, já que este não daria retorno financeiro a ela. Essa situação era ainda mais motivada pelo fato dos primos terem feito esta trajetória, sendo Joelma, a próxima na lista. Em que lhe renderia principalmente, em termos financeiros, continuar no assentamento? Questões como estas motivaram Joelma decidir vim morar em Fortaleza para trabalhar.

4.2.3 “Eu tenho é orgulho de morar aqui”

Marta foi uma grande anfitriã da pesquisa, é uma jovem com um grande potencial artístico. Meu encontro com ela ocorreu junto com Joelma, em Itaitinga. Desde lá, foi quem me acompanhou na maioria das visitas ao assentamento, quem me acolheu e me apresentou ao grupo e ao assentamento. A história de Marta tem seguido uma trajetória diferente de Camilo e Joelma, pois mesmo saindo do assentamento após concluir o Ensino Médio, ela tenta conciliar o retorno aos finais de semana para casa dos pais com a semana que estuda na Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB).

Logo nas primeiras conversas com Marta, ela compartilhou comigo como se sente por ser filha de assentados e quais as perturbações que isso lhe traz.

Pra mim é muito bom (ser filha de assentados), já teve alguns preconceitos com outras pessoas antes. Eu não entendia essa história quando as pessoas falavam, ah, você é do sem terra, (...) antes eu me chateava com isso, mas hoje não, hoje eu tenho orgulho de morar aqui. Eu acho que a gente se beneficia muito, que toda a luta, toda aquela coisa valeu a pena. É bem melhor morar no assentamento, ter todos os direitos que a gente tem, do que morar sendo morador de uma fazenda, é muito complicado isso. Aqui cada um tem seu pedaço de terra, cada um planta, pode criar coisa. Assim, cada um tem seu canto, acho bem melhor morar aqui. Sobre a infância aqui, a gente brincava muito, muito mesmo. Acho até que já comentei contigo que o grupo surgiu das brincadeiras, que os adultos começaram a participar, foram começando a contar a história sobre o assentamento. Apesar de ter conseguido a terra, o que tava acontecendo, queimadas, caça, desmatamento, esse tipo de coisa, aí foi surgindo a vontade de expressar a nossa visão em cima desse tema que foi quando a gente começou a formar as peças de teatro. Tu viu as fotos ali mostrando sobre a festa da reforma agrária, sobre várias coisas e a gente pensou: se agente lutou tanto pra conseguir esse pedaço de chão e agora a gente tá destruindo ele. Então esse foi basicamente o tema de uma das nossas primeiras peças que os mais velhos, principalmente Inácio e Ivânia, sempre contavam história sobre o assentamento e demonstravam a visão política que eles tinham fazendo com que a gente tivesse essa visão também. Foi muito bom pra nossa formação, pra não ser só mais um que aceita tudo, que deixa tudo como tá, como tem muitos por aí que não tem coragem de falar, de defender suas ideias. *(Trecho da transcrição da entrevista com Marta, 17/01/2014).*

Marta expressa em sua fala e na forma como se posiciona nas reuniões do grupo sua visão política com relação a luta por seus direitos. Apesar de se considerar uma sonhadora, seu desejo enquanto membro do Caricultura, é que os jovens tenham acesso a cultura, ao lazer, trabalho e educação no próprio assentamento.

...o meu desejo é que a gente, jovens, adultos, crianças sejam felizes nessa terra. Felizes como: fazendo o que gosta, sem precisar de ir pra fora, claro vai precisar, com certeza. Por exemplo, eu vou precisar estudar lá fora, por mais que eu queira ajudar aqui no assentamento, eu tenho que ir buscar lá fora pra trazer pra cá. Eu vou fazer isso e também ajudar os jovens a ter esses pensamentos, essa visão, sabe, de que é preciso a gente ao invés de ir, buscar lá fora o que não tem aqui. Buscar e não ir querendo ir pra fora, ir buscar o que tem lá fora pra cá, que é a educação, a cultura. Claro, a gente já tem cultura, mas a gente pode melhorar cada vez mais, eu tenho

muita vontade que os jovens se dediquem mais a arte, a cultura e ao que eles gostam de fazer. Se não gosto de fazer teatro, mas gosto de jogar bola, que bom, vamos investir nisso. Eu acho que cada pessoa que vem ao mundo, nasce assim com um dom. Eu posso não ter o dom de fazer uma coisa, mas outra eu tenho. É como eu falava na Escola também, que às vezes, eu como sempre prestei atenção queria fazer o dever, os professores criticavam muitos os outros alunos. Só que eu tinha uma visão que eu não era melhor do que ninguém, enquanto eu sabia ler e interpretar aquilo, o meu colega que não sabia fazer isso, jogava bola como ninguém, que eu não chegava aos pés dele quando o assunto era bola. Então, cada pessoa veio ao mundo com um dom, eu acho que seria bom se a gente conseguisse descobrir cada dom que as pessoas tem aqui e poder usar isso aqui na nossa terra. *(Trecho da transcrição da entrevista com Marta, 17/01/2014).*

Percebo que Marta está sempre buscando trazer para dentro do assentamento uma discussão sobre a juventude e elencando os desafios e ideias que podem contribuir para a construção de um espaço para os jovens. Quando se refere ao comportamento dos jovens na Escola, do acesso a cultura, Marta é enfática em dizer que não existem pessoas mais sábias que outras ou que eles não têm acesso a cultura. Nesse caso, ela considera que os jovens que vivem no meio rural são limitados a outras experiências e têm uma dependência financeira maior dos pais, o que colabora com a saída da juventude do assentamento.

...porque todo jovem, todos, isso não é errado né?, sonham com a independência, ser independente dos pais. E no assentamento, são pouquíssimas as oportunidades que esses jovens encontram pra realizar esses sonhos, e muitos não querem estudar e acabam pegando qualquer emprego. Já vai fazer aquele ciclo de ir morar na cidade, isso tudo aí, e o meu sonho, e eu acho que o sonho de muita gente aqui, é a gente poder dar essas oportunidades aos jovens. *(Trecho da transcrição da entrevista com Marta, 17/01/2014).*

Estas limitações compõem algumas marcas dos jovens que vivem no meio rural. Como bem ressalta Marta, mesmo quando eles buscam criar oportunidades não conseguem muitos avanços, pois as políticas públicas para o meio rural ainda são restritas. Ela acredita que os próprios jovens poderiam dar aulas de dança, teatro, música no próprio assentamento, mas eles precisariam ter o mínimo de apoio financeiro. “*A Prefeitura, nem nada, nem ninguém, investe nisso, (...) se a gente não fizer, é como eu te falei, se a gente não fizer, se a gente não lutar por isso, ninguém não vai lutar, ninguém vai dar nada na nossa mão não*”.

Marta, Camilo e Joelma acreditam que por meio da luta é possível existir políticas públicas acessíveis para as pessoas que moram no campo. Eles também querem interagir com outros espaços, aprimorar seus conhecimentos, ter acesso ao lazer, a cultura, ao trabalho.

5 PROCESSOS ARTÍSTICOS E COMUNICACIONAIS NA “BARRA”: MODOS DE CARTOGRAFAR E INTERVIR EM CAMPO

Neste capítulo apresento os processos artísticos e comunicacionais que acompanhei na Barra do Leme, bem como os modos de intervir com os integrantes do grupo Caricultura e Ciclovida. As conversas com as crianças, jovens, adultos e/ou visitantes, as minhas andanças pela “Barra” foram um convite para emergir no emaranhado de fios que constitui a história da conquista da terra e compreender as multiplicidades dos modos de ser dos jovens. Ao conhecer suas narrativas de luta, lugares e acontecimentos vividos antes e após a formação do assentamento observei que os processos artísticos e comunicacionais compõem o cotidiano não só dos jovens, mas das crianças e adultos.

A partir de agosto de 2013, quando intensifiquei as minhas idas a Barra do Leme⁷³, acompanhei e vivenciei, com as crianças, jovens e adultos, alguns processos artísticos e comunicacionais. Revelo que nesse período inicial da pesquisa, fui tomada por duas situações que me fizeram gaguejar (DELEUZE, 1997, p. 122). A primeira foi quando recebi um recado⁷⁴ de Marta, informando que talvez não fosse interessante ir para o assentamento na data agendada. A segunda foi uma crise de garganta quando fui ficar três dias no assentamento. Logo no primeiro dia em que cheguei, senti muita dores na garganta e fiquei quase sem voz, culminando para que ficasse somente dois dias em campo. Esta situação acredito ter sido criada pelo meu próprio corpo implicado na pesquisa, pois era a primeira vez que ia ficar por dias mais prolongados em campo. Tais circunstâncias me fizeram “gaguejar” e ao mesmo tempo em que me desequilibraram, me convocaram a criar uma saída⁷⁵.

A gagueira criadora é o que faz a língua crescer pelo meio, como a grama, o que faz da língua um rizoma em vez de uma árvore, o que coloca a língua em perpétuo desequilíbrio: *Mal visto mal dito* (conteúdo e expressão). Tanto é assim que dizer bem nunca foi próprio nem a preocupação dos grandes escritores. Há várias maneiras de crescer pelo meio ou de gaguejar. (DELEUZE, 1997, p. 126)

Nesse sentido, as maneiras de gaguejar criadas por mim foram conduzidas pelas próprias afetações da pesquisa. Ao ficar com crise de garganta e quase sem voz, a fala que era um dos instrumentos da pesquisa cedeu lugar ao ouvir, prática que já havia sido solicitada

⁷³ Como estava cursando as disciplinas do mestrado, não consegui ir com muita frequência no primeiro semestre de 2013 para o assentamento. Não dava para conciliar as aulas com a ida para o campo.

⁷⁴ Como meu trajeto nesta ida foi pela comunidade de Muquém, onde mora meus pais, distante 26 km da Barra do Leme, e Marta estudava no mesmo colégio que meu irmão, ela mandou um recado pelo meu irmão.

⁷⁵ Barros e Zamboni (2012, p. 121) afirmam que gaguejar não deve ser tomado em sentido negativo, mas como pontos de corte que nos convoca aos seus ritmos e a esboçar saídas.

pela minha orientadora em outra ocasião⁷⁶. A decisão de ir para o assentamento mesmo quando Marta avisou que Inácio e Ivânia não estariam presentes naqueles dias, fez com que o encontro com Barra do Leme fosse intermediado pelos próprios jovens. Marta e Ana Terra, foram quem me apresentaram o assentamento.

Em Barra do Leme, os processos artísticos e comunicacionais apresentam como singularidade a heterogeneidade dos participantes. Participam das atividades artísticas e comunicacionais as crianças, os jovens e os adultos. Nesse sentido, no convívio no assentamento acompanhei as diversas atividades do grupo, reinventei e criei o próprio caminhar da pesquisa, na tentativa de apreender como os processos artísticos e comunicacionais intervinham nos modos de atuar dos jovens.

Os processos artísticos e comunicacionais⁷⁷ que acompanhei com os jovens na pesquisa (reuniões, feiras, apresentações teatrais, oficinas, encontros) aconteceram em momentos e lugares diversos. Mas, ambos foram reunidos nos itens seguintes, na tentativa de apresentar ao leitor como foi se compondo o movimento-pesquisa. Primeiro, apresento como abordo os processos artísticos e comunicacionais. Em seguida, apresento as conexões com o teatro e outras vivências no assentamento; e, como fui afinando em campo. Mesmo priorizando como território de pesquisa o assentamento Barra do Leme, as relações dos jovens com a ACARTES e o Arte e Cultura na Reforma Agrária foram importantes para compor o estudo.

No assentamento, nas minhas idas a campo, ficava na comunidade de Salgado e Barra do Leme que fazem parte da Associação Comunitária *Mandu Ladino*⁷⁸. Em Salgado, visitava o Ponto de Cultura e a Escola, que ficam próximos da casa de D. Auri, onde fiquei hospedada na maioria das vezes, e na Barra do Leme, passei a frequentar a casa de Ivânia e

⁷⁶ No evento de Dez anos do Arte e Cultura na Reforma Agrária, em Fortaleza, a minha orientadora sugeriu exercer mais a capacidade de ouvir os interlocutores da pesquisa, ao invés de trazer logo meu ponto de vista.

⁷⁷ A maioria das atividades que acompanhei foi de maneira espontânea, com exceção da oficina de audiovisual que planejamos juntos. As demais atividades como não tinha agenda, eu me incluía em alguma tarefa, ajudar na limpeza, fazer registro fotográfico, lavar louça e/ou colaborar com os preparativos das refeições.

⁷⁸ Consoante os assentados, a escolha desse nome foi em homenagem a um índio que ajudou a organizar a resistência contra as crueldades dos fazendeiros na chapada da Ibiapaba no século XVIII. Afirmam que *Mandu Ladino* foi criado por padres e cresceu vendo a crueldade dos fazendeiros com os índios, principalmente os insubmissos, contra os quais era feita a “guerra justa”, apoiada pela Igreja. Os aprisionados eram escravizados e os que não dessem para a escravidão eram mortos de forma violenta, em grandes currais onde eram colocados. O índio era obrigado a correr, e dois homens montados em cavalos competiam para ver quem conseguia decapitá-lo. Isso era feito mediante aplausos por parte da população branca. Inconformado com essa realidade, *Mandu Ladino* fugiu para “mata”, para ajudar na construção de resistência. Organizados, os índios insurgiram contra os fazendeiros por volta de 1708 e 1710, incendiando fazendas e derrubando Igrejas. Os portugueses tentaram por várias vezes derrotá-los, mas sem sucesso. Os missionários, contudo, trouxeram da Paraíba e do Rio Grande do Norte índios tabajaras, que partindo de Viçosa do Ceará, ajudaram a massacrar o povo de *Mandu Ladino* por volta de 1712. (PINHEIRO, 2004, p. 135).

Inácio, onde fiquei abrigada algumas vezes; a casa grande, onde vive Mundinha e outras famílias, e; a casa de Maira, onde aconteceu a reunião de planejamento da oficina de audiovisual. A distância entre Salgado e Barra do Leme é de 6 km, e na maioria das vezes eu ia de moto ou a pé, acompanhada de outras pessoas.

5.1 Os processos artísticos e comunicacionais que se fazem no assentamento

Compreendendo que os processos artísticos e comunicacionais dos quais se dispõe o assentamento Barra do Leme são para além dos meios, e que ampliam-se através do Caricultura e do Ciclovida, as reflexões sobre arte e ecologia aliadas a comunicação foram pertinentes para esta análise. Ao levar em consideração os lugares do qual parte as relações e de que maneira os sujeitos se relacionam com os meios de comunicação, os estudos de Martín-Barbero (2009) sobre a “teoria das mediações” e a abordagem de Freire (2011) a respeito da comunicação, contribuíram para que eu pensasse de maneira abrangente a comunicação, incluindo fatos culturais e políticos que compõem o ato de comunicar.

Para Martín-Barbero (2009, p. 28), “a comunicação se tornou uma questão de mediação mais que de meios, questões de cultura e, portanto, não só de conhecimento, mas de reconhecimento”. Este reconhecimento do outro lado dos sujeitos, ou seja, aquele que tem acesso às mensagens, surgiu a partir da observação de que nas entrelinhas dos meios de comunicação existem diversos conflitos que interferem na produção de sentidos. Freire (2011, p. 88) ao discutir a relação comunicacional entre o agrônomo e o agricultor, ele enfatiza que “na comunicação, não há sujeitos passivos”. Todos os sujeitos estão implicados no processo comunicacional, e desse modo, as relações socioculturais vividas por cada um compõem o arcabouço de mediações.

Nesse contexto, mesmo sendo a comunicação frequentemente abordada pelos viés dos meios de comunicação midiáticos como rádio, televisão, cinema e internet, é pertinente relacionarmos que outros elementos podem atuar como mediadores comunicacionais no assentamento. O teatro, as feiras, as oficinas, a música, o cordel e a xilogravura, entre outras expressões culturais produzidas em Barra do Leme, são formas e instâncias de comunicação que se criam de maneira dialógica, “na medida em que não é a transferência de saber, mas um encontro de sujeitos interlocutores que buscam a significação dos significados” (FREIRE, 2011, p. 91).

A maneira como o grupo Caricultura produz suas peças de teatro exemplifica este processo. Como não existe a figura de um diretor, cada integrante colabora na composição

dos textos de uma peça teatral e do figurino. Desta maneira, a partir da visão de cada integrante sobre um determinado tema é concebido o que se deseja comunicar. Assim, tanto os processos artísticos quanto os comunicacionais proporcionam que a interação entre os próprios produtores da mensagem e a comunidade ocorra em diversos momentos.

Diante dos processos artísticos e comunicacionais produzidos, a arte e a ecologia insere-se como um elemento fundamental para compreender as mensagens comunicadas no assentamento. Nesse sentido, o conceito das três ecologias (social, ambiental e mental), elencadas por Guattari (1991), auxiliam na compreensão das relações que se produzem e atravessam os participantes desses processos ético-político e estético. Guattari (1991, p. 8) ao afirmar: “O que está em questão é a maneira de viver daqui em diante sobre este planeta”, convoca-nos a refletir e agirmos interligados, pois é insustentável vivermos desarticulados das três ecologias. Faz-se necessário então, que os indivíduos reiventem os seus modos de viver em sociedade, criando possibilidades heterogêneas e novas práticas micropolíticas no cotidiano. Para o autor:

As três ecologias deveriam ser concebidas como sendo da alçada de uma disciplina comum ético-estética e, ao mesmo tempo, como distintas uma das outras do ponto de vista das práticas que as caracterizam. Seus registros são da alçada do que chamei *heterogênese*, isto é, processo contínuo de re-singularização. Os indivíduos devem se tornar a um só tempo solidários e cada vez mais diferentes. (GUATTARI, 1991, p.55).

Sob a luz destes conceitos, considero que em meio as divergências de ideias que compõem as trajetórias dos moradores do assentamento, os processos artísticos e comunicacionais produzidos com os integrantes do Caricultura e do Ciclovida, discutem de maneira lúdica e política as questões ligadas a terra e as práticas agroecológicas, buscando fazer esta interligação das ecologias. Ambos os processos estetizam a vida através da arte, sendo que o Ciclovida⁷⁹ aprofunda ainda mais o debate socioambiental, preservando as sementes nativas e praticando o ciclismo ecológico.

Para Inácio, “*Ciclovida é uma ação prática, não é você ser simpatizante, achar bonito, é fazer acontecer. Se você tem os mesmos ideias das pessoas que fazem o Ciclovida, você começa a participar do grupo*”. O foco principal do grupo é construir uma nova relação com a terra, uma questão que surgiu após várias experiências de lutas sociais e ocupações de

⁷⁹ O Ciclovida surgiu em 2006, paralela as atividades do Caricultura, após Ivânia e Inácio fazerem pequenas incursões de bicicletas com um grupo, entorno do assentamento, e decidirem fazer uma viagem de bicicleta pela América do Sul. A viagem aconteceu no período de 2006-2007, motivada pela preservação das sementes naturais. Ivânia e Inácio contam que no início da viagem havia outros participantes e que por problemas de saúde e família acabaram desistindo, ficando somente o casal na estrada.

terra que resultaram na legalização dos assentamentos. Definido como um grupo que atua nos espaços urbanos e rurais, em prol da causa sócio-ecológica, o Ciclovida parte das seguintes preocupações:

A primeira preocupação é o fato de termos mudado a terra de dono e não termos mudado as relações de produção, mantendo a mesma lógica produtivista com queimadas, agrotóxicos, herbicidas, etc (sem uma discussão política de produção e apropriação, permanecendo o trabalho alienado e com fins comerciais), e sem uma discussão sobre como devemos nos comportar frente ao esgotamento dos recursos naturais, inclusive da terra. A segunda preocupação é com o desaparecimento das sementes originais, as quais nós plantávamos, colhíamos e da nossa colheita plantaríamos novamente. A maioria das sementes passou por um processo de hibridação que nos fez perder o controle das nossas lavouras, pois temos que comprar todas as vezes que quisermos plantar as hortaliças, principalmente. A liberação dos transgênicos nos foi a gota d'água, a qual nos fez decidir arribar mundo afora para travar debates sobre esta realidade. *(Trecho de um relato disponível no blog do Ciclovida⁸⁰).*

A partir dessas inquietações do Ciclovida e da minha vivência no assentamento percebi que existem muitas semelhanças entre Caricultura e Ciclovida, o que acredito que muitas vezes pode até perturbar o leitor e o visitante. No meu entendimento, por ser dois projetos que surgiram a partir do debate sobre a relação dos agricultores com a terra, as diferenças são os participantes e o modo de atuar. O Ciclovida agrega pessoas de vários Estados e países⁸¹, já o Caricultura reúne as pessoas do próprio assentamento e atua no local. Segundo Ivânia, o Caricultura foi formado em 2005, após ela e Inácio, começarem a brincar com as crianças do assentamento.

Quando a gente voltou do Acarape (Ivânia e Inácio moraram por um tempo neste assentamento que foi conquistado no mesmo período que Barra do Leme) encontramos uma realidade muito triste, as crianças todas na televisão. Antes as crianças eram pequeninhas e brincavam nos terreiros. Nossa! Tudo estava diferente. Cada morador tinha sua TV, não tinha mais a conversa a noitinha, ai foi quando agente começou a brincar com as crianças menores de roda, pega-pega e aos poucos elas foram saindo da televisão. Depois os maiores foram vindo, e ai começamos a conversar sobre a nossa história. Como era a vida no início do assentamento? O que mudou? Quais eram as dificuldades? Um dia alguém deu a ideia da gente contar essas histórias no teatro. A gente não sabia fazer teatro, mas inventamos. *(Registro da conversa com Ivânia, 09/09/2013).*

Desse modo, as brincadeiras continuaram e as crianças cresceram convivendo com as contradições presentes dentro da própria família. Nas peças teatrais eles alertavam sobre as queimadas e o desmatamento, mas viam no cotidiano os pais causarem estes danos ao meio ambiente. As primeiras peças de teatro retrataram a história e a situação vivenciada

⁸⁰ <http://projetciclovida.blogspot.com.br/>

⁸¹ Não é possível mencionar todos os Estados e países, pois o Ciclovida não é um grupo fechado e a cada dia novas pessoas vão se integrando. Mas aqui elenco os lugares das pessoas que encontrei durante a pesquisa: São Paulo, Rio de Janeiro, Fortaleza, Brasília, Santa Catarina, Estados Unidos, Chile, Argentina e Venezuela.

no assentamento, e tiveram como tema a luta pela terra e os velhos hábitos⁸² dos novos donos. Na época, o grupo já alertava sobre a continuidade dos mesmos costumes dos patrões pelos pequenos agricultores. Isso fez com que os pais passassem a interferir na participação dos filhos, principalmente quando ficavam jovens. Mesmo assim, as atividades do Caricultura se ampliaram e o grupo começou a realizar algumas oficinas e convidar outras crianças. Marta relata que o nome do grupo surgiu por acaso. Inácio convidou uma criança para uma oficina de xilogravura e caricatura e antes da oficina a criança perguntou quando seria a oficina do “caricultura”, fazendo uma mistura de caricatura com cultura, um nome que eles gostaram e escolheram para o grupo.

A palavra inventada “Caricultura” foi criada a partir da realidade vivenciada no assentamento e remete a caricatura, cara e cultura, apresentando múltiplos significados. Ela expressa os propósitos do grupo, que brincando e fazendo caricaturas por meio do teatro, chama atenção para as questões do lixo, do desmatamento, das queimadas, da preservação da cultura popular e da história do Assentamento. Com o lema “Arte, Luta e Cultura para cuspir na estrutura”, o Caricultura apresenta um dos seus diferenciais na arte de fazer teatro. Eles produzem uma arte para si mesmo, ou seja, as peças teatrais do grupo por terem um objetivo de transformação, permite que os participantes do coletivo sejam os primeiros a refletir sobre determinada situação, e só depois o público assiste, não havendo tantas preocupações quanto à quantidade de espectadores.

O Caricultura, assim como tantos outros grupos, surge perante uma situação política em que a comunidade se encontra. Em seu teatro, busca-se uma mudança na realidade da comunidade, seja por qualquer motivo, mas sempre há um desejo maior, que não é somente o de fazer teatro, mas de alertar a comunidade em que se vive sobre uma determinada situação problema, nesse caso, as queimadas e toda a questão ambiental (LIVRO NÔIS DE TEATRO, p. 46).

Nesse sentido, as ações do Caricultura são para além do teatro. Além das peças teatrais outras intervenções acontecem. As ideias e as invenções no assentamento circulam rizomaticamente, ou seja, elas não param de se multiplicar, de se alongar em diferentes planos e de irromper com o que está posto. Sendo assim, eles atuam diferente de outras formas de organização, deslocalizam-se no tempo e se apresentam em planos múltiplos. Em 2004 o grupo se mobilizou para limpar o lixo no assentamento, e em 2010, fizeram reuniões para debater sobre o Plano de Manejo, que previa cortar 600 hectares de madeira em 15 anos.

⁸² No folder do projeto é elencado os hábitos que passaram a existir após a conquista da terra: desmatamento, queimadas, agropecuária extensiva, endividamento do agricultor e má qualidade de vida.

Durante a pesquisa também acompanhei a mobilização em prol da continuidade da Escola na comunidade.

Figura 10 – Integrantes do Caricultura juntando lixo no assentamento.



Fonte: Registros do Caricultura (2004).

Desse modo, o Caricultura reinventa as brincadeiras de roda nos terreiros, e através de contações de história, fala das vivências e lutas do assentamento, refletindo sobre os temas agroecologia, saúde e educação no campo. Nos últimos anos, o grupo fez as seguintes atividades: espetáculos de teatro; exibição de vídeos, noites culturais; feiras culturais (venda de objetos usados e alimentação); produção de cordéis, músicas; e, oficinas de teatro, audiovisual, xilogravura, cordéis, encenação teatral dos cordéis, entre outras linguagens artísticas para as crianças e os jovens da comunidade.

Para Maira, Margarida e Inácio, o Caricultura possibilita que a população do campo tenha acesso a cultura e se expresse através da arte em seu próprio espaço. “A população e principalmente os jovens, antes desta iniciativa, haviam se distanciado de suas expressões culturais, como o reizado, as quadrilhas, as danças, visto que com a modernização do campo muitos elementos da sua cultura foram se perdendo”⁸³. Entretanto, uma outra questão vivida pelo grupo atualmente é a saída dos jovens do grupo, motivada pela migração para os centros urbanos em busca de qualificação profissional e trabalho.

⁸³ Trecho do projeto escrito para o Prêmio Comunica Diversidade 2014, elaborado por Maira, Margarida e Inácio. Também ajudei a compor a escrita deste material.

A permanência dos jovens no assentamento é hoje um desafio para o grupo, porque a própria família pressiona os jovens a sair do grupo e do assentamento em busca de um trabalho. Mesmo com a parceria do projeto Arte e Cultura na Reforma Agrária do INCRA, e a aprovação do projeto do Ponto de Cultura Cantos da Mata em 2009, os jovens continuam saindo do assentamento em busca de melhores oportunidades. Há uma expectativa por parte de alguns jovens que o fortalecimento do Ponto de Cultura e a criação de projetos sustentáveis possa contribuir com a permanência dos jovens.

Desde sua fundação, o Ponto de Cultura busca dar continuidade as atividades artísticas e culturais que eram desenvolvidas pelo Caricultura. A proposta⁸⁴ do Ponto de Cultura Cantos da Mata é divulgar a metodologia de cultivo de sementes crioulas, abordando questões ambientais no Ceará e no Brasil; difundir o legado de Chico Mendes; desenvolver trabalhos artísticos com jovens moradores de áreas de reforma agrária e comunidades rurais, nas áreas do teatro, da literatura, da música e da produção e gestão cultural, reforçando o diálogo entre a arte e a prática ecológica; e, valorizar a cultura popular e os brinquedos populares.

Nas minhas idas ao assentamento observei que nem todas as atividades apresentadas na proposta do Ponto foram realizadas e que eles têm algumas dificuldades para implementar, não por desconhecer ou por não trabalharem com a temática, mas devido às questões burocráticas. Na fala de Inácio e Ivânia e de outros membros do grupo, sempre ouvi relatos sobre as obrigações que o Ponto de Cultura traz para eles e que não estão acostumados a administrar, por exemplo, a prestação de contas. Apesar de reconhecer a importância do financiamento que veio para trabalhar com cultura na comunidade, Ivânia relata que antes do Ponto de Cultura eles eram mais livres, não precisavam construir uma agenda. Eles se reuniam no dia que as pessoas podiam e não tinha nenhum problema. Com o Ponto, eles começaram a ter reuniões mais frequentes e novas pautas, como administrativo e financeiro.

Nas minhas últimas idas ao assentamento recordo que Maira, Marta e Margarida estavam muito engajadas para fazer um planejamento das atividades e envolver os participantes do Caricultura, pois as atividades estavam praticamente paralisadas. Apenas a sala de inclusão digital era aberta esporadicamente, sem disponibilidade de uma agenda periódica e de voluntários. Segundo Maira, a iniciativa do Projeto Arte e Cultura na Reforma Agrária, possibilitou além da formação, compartilhar suas vivências e interagir com diversos jovens que trabalham com comunicação e cultura em suas comunidades.

⁸⁴ Informação do blog do PACRA: <http://arteculturanaformaagraria.blogspot.com.br/2011/06/ponto-de-cultura-cantos-da-mata.html>

Particpei de diversos eventos culturais, um deles em 2009 o Festival Terra Viva, Terra de Arte, um encontro que reuniu grupos de teatro de rua do meio urbano e rural, organizado pelo Pontão de Cultura do Assentamento Todos os santos de Canindé. Nesse festival apresentei juntamente com jovens do assentamento um espetáculo de teatro e participei de oficinas que foram muito importante para minha formação e atuação dentro da comunidade. O Arte e Cultura na Reforma Agrária possibilita participar de formações em várias linguagens artísticas, a exemplo o audiovisual, que despertou o desejo de socializar através desta linguagem os temas abordados pelo Caricultura com mais pessoas, bem como registrar as atividades do próprio grupo em vídeo. *(Texto elaborado por Maira para o projeto do Edital Comunica Diversidade 2014).*

O desejo de trabalhar com o audiovisual foi compartilhado na oficina que realizamos no assentamento, e pelos jovens que fizeram as oficinas na ACARTES: Camilo, Marta e Joelma. Quando estive na casa da Joelma ela apresentou e assistiu comigo os vídeos feitos pelos jovens como atividade prática da oficina linguagem básica de vídeo, em Itaitinga. Os dois curtas-metragens que assistimos foi BL52.7 e os Espertinhos. Ambos os vídeos foram a primeira produção do grupo e trazem determinados estereótipos sociais.

No vídeo Espertinhos apresentam situações cotidianas de esperteza das pessoas, e em BL52.7 mostram jovens em uma festa, envolta de bebidas, apresenta cenas de violência e o preconceito com homossexuais. O título BL52.7 remete a um tipo de substância que causa a morte de um personagem, após ser colocado em sua bebida. Após assistir os vídeos, Joelma ficou conversando comigo sobre a participação nas oficinas de audiovisual e a maneira como eram realizadas.

Logo no primeiro momento a gente fez um vídeo, a gente foi mesmo mais pelo ator e a gente acabou fazendo uma pequena encenação de 30 minutos quase isso. Essa foi muito curta a experiência e quando a gente concluiu cada um teve um vídeo, a pessoa escolhia os vídeos, (...). A gente poderia copiar esses vídeos de curta e longa metragem. A gente trabalhou mais a parte de câmera mesmo, foi muito boa. *(Trechos da transcrição da entrevista com Joelma – 15/08/2013).*

A maneira como a ACARTES ministrava as oficinas audiovisuais me fizeram pensar sobre as inúmeras formas de produção audiovisual que surgiram no Brasil nos últimos anos, desde as práticas sócio-comunicativas de grupos alternativos a produção independente. O documentário, uma das principais práticas audiovisuais emergentes e que desperta interesse de realizadores e pesquisadores, foi também o gênero escolhido por cada assentamento.

Assim, refletindo que desde a década de 1980 os movimentos sociais populares começaram a se apropriar da comunicação audiovisual para registrar e difundir suas ideias, ações e lutas, considero que as produções dos jovens com a ACARTES também são maneiras de reinventar os processos comunicacionais e de contar o que é vivido. Segundo Santoro

(2010, p. 49), se antes existia uma crença na revolução social por meio da comunicação ou da educação popular através do uso do vídeo, recentemente, ele passou a ser utilizado como meio de expressão de grupos sociais.

5.2 As conexões com o teatro e outras vivências no assentamento

No encontro com os jovens do assentamento Barra do Leme, percebi logo nas primeiras conversas que as experimentações com o teatro atravessavam suas trajetórias de vida. Os jovens que conheci na pesquisa, a maioria foram as crianças que encenaram as primeiras peças teatrais sobre a história do assentamento. Em 2004, ainda criança, o grupo pensava a arte como libertária e manifestava o desejo de se comunicar com os moradores por meio do teatro.

Nesse sentido, o teatro produzido pelo Caricultura, caracterizado como Teatro da Terra⁸⁵ tornou-se referência para pensar outras intervenções no assentamento, a exemplo as feiras de cultura libertária, e, para outros grupos que trabalham com arte. Entre as experiências que observei essa aproximação com o Caricultura, cito a residência artística⁸⁶ do grupo Nós de Teatro, que resultou na montagem do espetáculo “Sertão.doc”⁸⁷, e o espetáculo Santos e Demônios na Terra da Luz produzido pelos jovens da Escola de Teatro da Terra⁸⁸.

O espetáculo “Santos e Demônios na Terra da Luz” foi apresentado em setembro de 2013 no assentamento e traz importantes reflexões sobre as lutas e conflitos existentes no meio rural. Com a participação de Marta e Joelma, jovens de Barra do Leme, o espetáculo aborda os problemas causados pelo uso de agrotóxicos e fertilizantes solúveis que vem atingindo a população mundial e os assentamentos rurais. E, discute sobre as relações de gênero, conflitos familiares e a politicagem presente no Sertão. Este último, uma prática que

⁸⁵ Designação dada pelo grupo Nós de Teatro, de Fortaleza, que fez uma residência artística no assentamento e publicou o livro: A arte que vem das margens: 10 anos de nós de teatro, 2012.

⁸⁶ A residência aconteceu em dezembro de 2009. Quatro artistas integrantes do Nós de Teatro pesquisaram sobre os modos de fazer teatro do Caricultura. Esta atividade foi uma ação do Prêmio Funarte Interações Estéticas com Pontos de Cultura. Tinha o objetivo de discutir e estudar o “Teatro da Terra”, denominação dada pelo Nós de Teatro, para se referir ao teatro produzido por comunidades rurais. Fonte: A arte que vem das margens: 10 anos de nós de teatro, 2012.

⁸⁷ Este espetáculo foi inspirado nos processos vividos pelos jovens residentes no assentamento Barra do Leme. Acompanhei a apresentação do grupo, no dia 13 de março de 2014, em frente ao Teatro José de Alencar, em Fortaleza. Observei que na peça, o grupo aborda questões que envolvem a sociedade camponesa brasileira, como a reforma agrária, o latifúndio, as perseguições políticas e o agronegócio, refletindo sobre os impactos sociais que a humanidade vivencia com os avanços dos processos industriais.

⁸⁸ A Escola de Teatro da Terra é uma ação de formação desenvolvida pelo PACRA/INCRA, em parceria com a Associação do Assentamento Todos os Santos, em Canindé. Traz como eixo base a especificidade da arte produzida no campo, tratando-a como singular, inserida num contexto de encantamento do homem com a terra. O espetáculo é resultado de 6 (seis) meses da formação em teatro dos jovens. Fonte: Panfleto de divulgação da Escola.

envolve a história de coronelismo da região abordada também no filme “Deus e o Diabo na Terra da Luz⁸⁹” de Glauber Rocha. Se relacionarmos esta peça com o filme “Deus e o Diabo na Terra da Luz” encontramos elementos similares entre ambos. Mas, fui informada por Marta que ela não conhecia o filme e que os jovens não discutiram sobre estas aproximações. É possível que os professores, que colaboraram no processo de escrita e escolha do nome da peça, conheçam o trabalho de Glauber.

Segundo a equipe e os jovens, o espetáculo foi construído pelo coletivo, a partir da realidade vivida por cada jovem. Assim, os personagens da história apesar de terem nomes fictícios representam a história de muitos participantes. O foco principal da peça são os danos causados à saúde das pessoas, pela utilização de agrotóxicos nas plantações. Eles fazem uma crítica ao uso de agrotóxicos e apresentam outras questões que envolvem o cotidiano dos jovens como: violência doméstica, gênero, homossexualidade, relação de poder de vários níveis: político e familiar, emancipação juvenil, terceira idade, movimentos sociais, direitos trabalhistas, descomprometimento das autoridades políticas, ocasionando um déficit na saúde e educação da população e apoio por parte das famílias aos jovens.

“Santos e Demônios na Terra da Luz” trabalha com uma linguagem do cotidiano, gírias e modos de se expressar bastante local. Com um elenco de personagens do dia-a-dia, o espetáculo mobiliza o público a pensar sobre as relações internas e externas ao assentamento. Entre os personagens da peça, destaco: o jovem Miguel, filho de Tereza, que questiona a participação do filho no grupo de teatro; e o prefeito Cícero, figura emblemática que ao invés de apoiar a classe trabalhadora, defende apenas o interesse das grandes empresas.

No trecho abaixo, Miguel discute com a mãe sobre as atividades teatrais. Tereza, não compreende a importância do teatro e as condições financeiras da família requer a ajuda do filho para complementar a renda. A necessidade e a urgência para que o jovem tenha um trabalho impossibilita, na maioria das vezes, que os pais vejam que as expressões culturais podem criar outras possibilidades de viver.

Tereza: E você chegando tarde. Eu já disse que é perigoso ficar andando por aí até altas horas. Onde você estava?

Miguel: Na escola! Ensaiando com o meu grupo de teatro!

Tereza: Você não acha que deveria, era está estudando e não perdendo tempo com essa besteira de teatro?

Miguel: E a senhora pensa que no teatro a gente não estuda, não é? Pois fique sabendo dona Teresa, que a gente estuda sim e ainda cria arte, viu?

⁸⁹ Filme produzido entre 1963-64, que conta a saga de um jovem casal sertanejo, Manoel e Rosa, que vivem uma situação de miséria envolta de um fanatismo religioso. O sonho de um dia ter um pedaço de terra e as injustiças cometidas pelo patrão, motivaram Manoel matá-lo. Após o ocorrido, ele e a mulher, em busca do paraíso após a morte, se juntaram a um grupo de religiosos que lutavam contra os latifundiários.

Tereza: Para encher o bucho de quem? Já está bom da gente discutir como é que você vai organizar a vida, não acha Miguel? Como conciliar estudos, teatro e os meios de sobrevivência! Só com teatro você vai encher o bucho de quem?

Miguel: O bucho de ninguém, mas vai alimentar a alma dos espectadores e animar a vida para grandes transformações.

A circunstância do personagem Miguel é uma realidade de muitos jovens do assentamento e de atores que compõem o espetáculo. No assentamento Barra do Leme, foram vários os relatos de Ivânia sobre casos de jovens que participavam ativamente do grupo, mas que por pressões familiares deixaram de frequentar.

Figura 11 - Apresentação Santos e Demônios na Terra da Luz em Barra do Leme.



Fonte: Evilene Abreu (2014).

O prefeito Cícero, personagem que no cotidiano, está ausente fisicamente dos assentamentos é abordado muito a partir do impacto de sua atuação. Na peça, Cícero dialoga com o empresário, Fontes, e o líder comunitário, Almir, que tem posicionamentos antagônicos com relação as questões sócio-ambientais. Enquanto Fontes defende o agronegócio, Almir luta em defesa do meio ambiente.

Cícero: Dr. Fontes! O que traz a sua ilustre figura aqui?

Fontes: Umas pedras no caminho, Prefeito! Umas pedras no caminho!

Cícero: Pois vamos dinamitar essas pedras, excelentíssimo senhor!

Fontes: Pois prepare seus detonadores porque está acontecendo umas coisas que não estão me cheirando bem.

Cícero: Pois vamos acabar com essa podridão! No que posso ser útil?

Fontes: Estou sabendo do tal de um Almir, que se intitula líder comunitário ambientalista botando títica na cabeça do povo. Esse sujeito tem realizado uns movimentos em nome da justiça socioambiental e está pondo merda na cabeça da população inclusive dos meus funcionários, o que pode vir a ser ruim para os meus negócios. Fale com o delegado pra fazer uma ficha criminal pra esse baderneiro.

Neste trecho, o grupo aborda as relações de poder e enfatiza as injustiças sociais que ainda permeiam as comunidades. Almir, por defender os direitos da comunidade é visto como um bardeneiro, uma situação que é vivida também pelas lideranças dos assentamentos, quando se posicionam contra os interesses que são postos pelo Estado.

O espetáculo também apresenta elementos da indústria cultural, por exemplo, a música da cantora Anita: “Show das Poderosas”, utilizada na abertura da peça com um novo significado. No dia da apresentação da peça, observei que antes de iniciar o espetáculo um dos jovens estava cantando a música junto com um grupo de crianças, uma delas tinha o mesmo nome da cantora. Entretanto, assim que a mãe da criança os ouviu cantando fora do contexto da peça, reclamou por considerar a música imprópria para a criança. Esta concepção da mãe modificou-se após ver os jovens utilizando a música na peça. Ela comentou o quanto foi interessante a maneira como o grupo utilizou a música para convocar a atenção do público para peça.

Desse modo, observo que a indústria cultural, cada vez mais, tem estado presente no meio rural, e os costumes, os modos de se vestir e se expressar dos jovens que vivem no assentamento não são tão diferentes dos que vivem no urbano. O interessante é perceber que grupos como este do espetáculo e do Caricultura, ressignificam alguns produtos da indústria cultural, enriquecendo os processos culturais com os elementos vividos na comunidade. Outro exemplo dessa ressignificação é a Feira de Cultura Libertária existente no assentamento.

A Feira é um espaço de consumo e um instrumento de comunicação local. Na época da sua criação, em 2003, o objetivo principal, era divulgar a importância do cultivo das sementes nativas e fazer trabalhos artísticos com as crianças e jovens. Aos poucos, as ações foram se ampliando e ela tornou-se uma ferramenta de sustentabilidade para o grupo. Na medida em que são vendidos, por um preço acessível, os produtos (roupas, sapatos, acessórios) doados, é arrecadado recursos financeiros para o Caricultura.

Além da sustentabilidade, a Feira é um momento de encontro com a comunidade. Alguns moradores fazem compras, mas a maioria, inclusive as crianças e os jovens veem como um evento de entretenimento e lazer. Nas feiras além das roupas, calçados, acessórios e lanches que são vendidos, encontra-se música⁹⁰ ao vivo ou transmitida na caixa de som. Observo que a feira é um ponto de encontro entre os moradores do assentamento e com pessoas que moram em comunidades vizinhas. Mesmo não acontecendo todos os sábados, a feira compõe a rotina dos moradores. Quando o Caricultura retoma esta atividade, ela é

⁹⁰ As músicas ouvidas são selecionadas pelo grupo e priorizam a cultura popular e as lutas do grupo. São músicas que refletem sobre os direitos humanos e as causas ambientais.

sempre lembrada e visitada por todos. No dia anterior a feira, é comum as pessoas passarem no Ponto de Cultura e perguntarem quais serão as novidades.

Figura 12 - Dia de Feira no Ponto de Cultura Cantos da Mata.



Fonte: Chapolin (2014).

Figura 13 - Venda de produtos usados na Feira de Cultura Libertária.



Fonte: Chapolin (2014).

Outro ponto que tenho observado é o momento anterior à feira, quando uma equipe se reúne para olhar os objetos doados e juntos definir os preços. Nesse momento, os moradores são motivados a fazer suas compras no dia seguinte. Nesse processo, vejo além da

atividade de lazer, o consumo e a ressignificação que é feita dos produtos que são doados. Em uma das feiras, aconteceu um evento cultural a noite no assentamento. Durante o evento, uma jovem estava usando a roupa e a sandália comprada na feira e enfatizou que gostou muito dos produtos expostos neste dia.

Mesmo sendo um espaço de interação, a feira não é uma atividade frequente. De tempos em tempos o grupo se mobiliza para realizá-los. Durante a pesquisa acompanhei o período de retomada e de paralisação desta atividade. Também, observei a dificuldade de recolher os materiais doados.

Figura 14- Momento de interação na Feira, comunidade de Salgado.



Fonte: Chapolin (2014).

Os eventos anuais do Ciclovida também são momentos intensos na comunidade. Em fevereiro de 2013, acompanhei o 3º Encontro do Ciclovida em Barra do Leme. Nele, conheci um grupo de pessoas que busca construir uma forma de viver autossustentável e aprendi por meio de oficinas e conversas as possibilidades de contruir “uma relação nova com a terra⁹¹” e fazer bio-construção. Nos dias do encontro trabalhamos na construção de uma casa de argila, discutimos sobre permacultura⁹², agrofloresta⁹³, remédios naturais, convivência com o semiárido, e como gerarmos outras formas de energia. Sobre o uso de geradores de bike-

⁹¹ Fala de Ivânia, que explica que essa relação se perdeu quando o capitalismo passou a intervir no campo, modificando a relação que os agricultores tinham com a terra. Antes, os agricultores tinham autonomia e conhecimento das sementes naturais, da cultura, hoje isso está se perdendo e sendo controlado pelo agronegócio.

⁹² Permacultura é um conceito prático que pode ser aplicado tanto na cidade como no campo e em áreas de vida silvestre. Seus princípios estimulam a criação de ambientes equilibradamente produtivos, ricos em alimentos, energia, abrigos e outras necessidades materiais e não materiais, o que inclui infra-estrutura social e econômica. Fonte: <https://permacoletivo.wordpress.com/permacultura/>.

⁹³ Agrofloresta ou Sistema Agroflorestal (SAF) é uma forma de cultivo que combina o plantio de árvores e culturas agrícolas, em uma mesma área e ao mesmo tempo.

power (energia de bicicleta) em específico, aconteceu uma oficina, a qual não consegui acompanhar.

Figura 15 - Casa de argila em construção no assentamento.



Fonte: Evilene Abreu (2013)

Entre os participantes do evento, estavam jovens de São Paulo, Brasília, EUA e Fortaleza, sendo que os de Fortaleza eram em menor quantidade e não estiveram presente em todos os dias. Do assentamento, eram poucas as pessoas que participavam, pois durante o dia todos seguiam suas rotinas de trabalho e estudo. Algumas vezes, no período da noite, Nathália, Zinho e Maira vinha participar. Eles estiveram na oficina de percussão.

Este encontro ampliou minha compreensão sobre o Ciclovida e as relações com a comunidade. Antes desta vivência, tinha em mente que nem todos os moradores de Barra do Leme concordavam com as ideias do Ciclovida e estranhava a falta de interação dos próprios visitantes com os membros da comunidade. Isso me fez pensar sobre a desvalorização que os moradores do assentamento e das comunidades de Pentecoste dão a esta prática, que consegue impactar pessoas que vivem em lugares mais distantes, mas que pouco mobiliza o seu entorno. Alguns moradores de Barra do Leme que conhecem a atuação do grupo, não acreditam que é possível fortalecer e ampliar as condições de permanência no campo, com autonomia e sustentabilidade, sem agredir o meio ambiente. Talvez o desconhecimento dos propósitos do Ciclovida pela maioria das pessoas de Pentecoste, em conjunto com o posicionamento anarquista do Coletivo, impossibilitem o diálogo e a construção de novos processos.

Figura 16 - Mural do Projeto Ciclovida, Barra do Leme.



Fonte: Evilene Abreu (2014).

Na perspectiva do que é apresentado pelo mural do Ciclovida (Figura 16) de que “um outro mundo é possível” procurei na vivência do evento e durante a pesquisa, me permiti a estender minhas questões e perceber outros agenciamentos que envolvem o cotidiano no assentamento. Isso me possibilitou ampliar o meu olhar e interagir com outros jovens pesquisadores da Universidade de São Paulo (USP) que estavam no evento. O Encontro do Ciclovida me fez deparar com outros hábitos alimentares. A maioria dos participantes eram veganos, alguns eram crudívoros e vegetarianos. Nos dias do evento, colaborei nas tarefas realizadas na cozinha e nas atividades de bio-construção, realizadas no sol “escaldante”, como carregar e amassar barro. Também participei das rodas de conversa e das atividades culturais.

Uma das principais dificuldades que vivemos nesses dias foi a falta de água, pois devido o período de estiagem, o assentamento depende dos carros pipas para abastecer, e estes nem sempre estão disponíveis e/ou interessados em ir até a Barra do Leme, que fica distante da sede do município. Com a demora do caminhão pipa, o grupo passou quase uma semana esperando a água, tendo como solução apenas utilizar o mínimo. E, com a quebra do dessalinizador em Salgado, passamos a comprar galões de água. Nesse contexto, à espera da chuva e enfrentando essas dificuldades, o grupo passou a discutir sobre o acesso à água e programou que no encontro de 2015 este seria o tema. Inácio sugeriu como solução a construção de aquíferos a fim de terem melhor armazenamento de água no solo. Esta foi uma possibilidade pensada pelo grupo, que se propôs a pesquisar alternativas para esta questão e apresentar no próximo encontro.

5.3 Oficinando em campo

Embora considere que desde o início da pesquisa estava a officinar em campo, neste tópico apresentarei e analisarei os processos de singularização da oficina que planejei com Inácio, Maira, Margarida, Marta e Joelma no assentamento. Diferente das demais atividades que realizei na pesquisa, a oficina criou uma situação interventiva e apesar de também ser um desejo dos jovens, ela foi motivada desde o princípio pela minha posição de pesquisadora. Ainda na minha primeira reunião com o grupo em Barra do Leme, disse para os jovens que a proposta da pesquisa era construirmos juntos a pesquisa. Poderíamos planejar oficinas, palestras, ou nenhuma atividade específica. Mas que fosse do nosso desejo vivenciar esta experiência de um outro modo, para que a pesquisa produzisse intervenções em nossas vidas. Mesmo assim, quando ia a campo, acompanhava os processos que estavam ocorrendo, perguntava quando teríamos outro evento ou quando poderíamos planejar alguma atividade.

Após o 3º encontro do Ciclovida⁹⁴ Maira e Marta falaram do desejo de organizar uma oficina com as pessoas do Caricultura na tentativa de motivar os jovens a participarem do grupo. A sugestão delas é que fosse uma oficina de audiovisual. Um convite que veio após a qualificação da pesquisa e que confirmou uma questão que vinha discutindo, que embora o audiovisual não fosse a principal atividade do grupo Caricultura, havia várias manifestações e desejos de aproximação desta ferramenta comunicacional. Sempre que conversava com Joelma e Marta elas diziam que queriam fazer as oficinas de audiovisuais para os demais jovens do assentamento, mas por vários motivos não realizaram.

(...) como a gente poderia passar se a gente não tem câmera. A câmera profissional, como a gente trabalhava lá. Então ficaria um pouco difícil, mas eu acho que a gente vai começar a pegar e a gente vai tentar passar da melhor forma que a gente aprendeu, (...) e vamos trabalhar da melhor forma possível pra passar para o grupo e depois tentar trabalhar com todo o grupo e não só com duas ou três pessoas, mas todo o grupo. (*Trechos da transcrição da entrevista com Joelma, 15/08/2013*).

Para Joelma, Maira e Marta esta oficina poderia reaproximar os participantes do grupo e começar uma nova fase do Caricultura. Além da oficina, elas falaram do edital do Prêmio Comunica Diversidade 2014⁹⁵ e perguntaram se seria possível ajudá-las a escrever o projeto. Maira, Marta e Margarida, estavam sempre expressando o desejo de ver as atividades artísticas do grupo acontecendo no assentamento. Elas sempre estiveram presentes nas reuniões do grupo, colaborando na organização das peças teatrais, nas atividades do Ponto de

⁹⁴ Apresentei anteriormente as vivências no encontro.

⁹⁵ O objetivo do Prêmio era reconhecer e incentivar ações de comunicação para a cultura protagonizadas por jovens e que dão visibilidade a expressões da cultura brasileira.

Cultura, algumas vezes na limpeza, na mobilização, comunicação, ou pensando alguma estratégia para motivar os jovens, as crianças e até mesmo os adultos para participarem das atividades culturais no assentamento. Na entrevista com Marta, ela cita a atuação das duas irmãs no grupo:

Quando o Inácio e a Ivânia foram fazer aquela viagem para a Argentina, o grupo meio que desandou um pouco, ficou um pouco mais parado, aí depois a Margarida veio, deu umas ideias, e aí a gente começou a montar. Pronto, o Maracatu, aquele que tem a coroação, Inácio e Ivânia não estavam aqui, mas a gente fez, era mais ligado, não muito a ecologia, era mais a cultura e outras coisas, (...). No mesmo dia, mesmo evento, a gente também apresentava poesia que se relacionava com a terra. Pronto, tinha a mãe terra, tinha a água que era a rainha das águas, alguma coisa assim, tudo relacionado a isso, a terra que era a destruição depois de ter dado tudo ao homem mesmo depois disso tudo o homem fica destruindo. Teve a questão da água, dos peixes, eu lembro que eu até fiz a água e fiz a terra. (...) quando eles (Inácio e Ivânia) saíram, os jovens que tinha que era da nossa idade de hoje conseguiram segurar, não como diretores, mas como responsabilidade por serem os mais velhos. Tinha uma responsabilidade maior de mobilização, eu acho que se Inácio e Ivânia se ausentarem, eu acho que a gente consegue continuar. Pronto, a Maira, ela era uma jovem que conseguiu segurar nesse tempo. Ela se ausentou um pouco das peças e agora ela tá voltando mesmo com tudo. É muito bom, porque ela tem muitas ideias e ação. Como na escola, ela prefere mais a prática do que a teoria. *(Trechos da transcrição da entrevista com Marta – 17/01/2014).*

Observei que Maira é realmente assim como disse Marta, uma jovem muito decidida e capaz de mobilizar o grupo em determinada ação. Quando ela pensa uma ideia, logo articula o restante do grupo, discute a possibilidade de desenvolver e planeja como executar. Foi assim com a oficina que planejamos juntas e com a escrita do projeto para o Edital Comunica Diversidade. Depois que definimos a data da reunião, mesmo com o pedido de uns salgados para um aniversário⁹⁶ ela preferiu fazer a reunião em sua casa do que remarcar para outro dia. No dia da oficina, Maira também acabou não indo com o esposo para o aniversário da sobrinha Rafaela, porque tinha se comprometido com o grupo. Como ela mesma disse: *“Eu vou com a minha responsabilidade até o fim. Se eu concordar aqui, eu vou até o final, independente de vim uma, duas ou três pessoas”*.

Maira define que além do teatro o Caricultura é um grupo de formação política. Jovem, mãe da pequena Maiara, de três anos, ela tem o sonho de *“realizar uma experiência agroecológica de grande impacto, que chame a atenção dos agricultores e jovens da comunidade para uma nova relação com a terra”*. Maira e seu esposo, Márcio, participam desde criança do Caricultura e buscam uma vivência agroecológica.

Dividida em dois dias, a proposta da oficina era (re)aproximar os integrantes do Caricultura, e, por meio do audiovisual contarmos a história do grupo. Este desejo partiu dos

⁹⁶ Maira faz salgados e doces aos finais de semana e vende na comunidade.

jovens, mas acredito ter sido gerado por dois motivos: o primeiro - que eu tinha como proposta da pesquisa discutir a relação dos jovens com o audiovisual, e o segundo - era a inscrição para o Prêmio Comunica Diversidade que o grupo se inscreveu e foi premiado. Dentre as 297 propostas habilitadas, o grupo ficou entre os 60 premiados, sendo do Ceará apenas três jovens escolhidos. Maira foi a jovem indicada para representar o grupo no prêmio.

No primeiro dia da oficina compartilhamos nossas histórias de vida. Estive facilitando esta atividade, fizemos uma dinâmica para a contação das histórias e todos foram motivados a escreverem seu memorial e/ou fazer um desenho que expressasse alguma experiência que marcou sua vida. No segundo dia da oficina, contamos com a colaboração de Viktor Braga⁹⁷, estudante do curso de Cinema na Universidade Federal do Ceará (UFC) e de Pedagogia na Universidade Estadual do Ceará (UECE). Viktor tem experiência com oficinas audiovisuais com crianças e jovens. Durante o segundo dia da oficina, discutimos a relação dos participantes com o audiovisual, e produzimos fotografias e vídeos. Nesta atividade, os participantes ficaram livres para expressarem o que desejariam comunicar. Em grupo, eles decidiram entre si, qual a temática do vídeo, roteiro, quem conduziria a câmera, entre outras decisões.

Tínhamos o desejo de realizar mais de uma oficina, mas devido o tempo da pesquisa e as dificuldades materiais (não tínhamos câmeras para as oficinas, a ideia era utilizar o celular, porém nem todos tinham) realizamos apenas uma oficina.

5.3.1 A preparação com os jovens da oficina de audiovisual

A reunião de preparação da oficina aconteceu na casa de Maira. Paralelo a produção dos salgados, fomos discutindo como seria a oficina. Foi uma tarde animada e de muitas conversas. A oficina foi planejada por mim e cinco participantes do grupo: Joelma, Marta, Margarida, Maira e Inácio. Outras pessoas foram convidadas, mas por motivos diversos não vieram a reunião. No início da reunião cada participante falou quais eram suas ideias para a oficina com o grupo, e mesmo apresentando abordagens diferentes, o propósito de ambos era retornar as atividades do Ponto de Cultura, do Caricultura. Joelma dizia que queria “*reestruturar o Ponto, começar algo junto, todo mundo ou uma parte*”. “*Todo mundo ou uma parte*” se refere aos participantes do grupo Caricultura, que brincavam juntos desde criança: Camilo, Raquel, Joelma, Marta, Margarida, Nathália, Sandino, Maira, Márcio, Zinho, entre outros jovens que foram citados, que não frequentam mais o grupo.

⁹⁷ Conheci Viktor quando participava da Pesquisa In(ter)venções AudioVisuais com juventudes em Fortaleza e Porto Alegre, e reencontrei ele no assentamento, quando ele visitava o Ciclovida.

Figura 17 – Encontro para planejar a oficina (Da direita para esquerda: Maira, Marta, Evilene e Joelma).



Foto: Margarida Lima.

A memória dos momentos vividos por cada participante na reunião foi algo bastante recorrente. Desse modo, sugeri como uma das atividades da oficina que cada jovem contasse sua história de vida, e a partir desta construímos a história do grupo. Como a ideia era fortalecer o grupo, acreditava que compartilhando as histórias, aumentariam os vínculos entre os participantes, pois ao falar das emoções, sonhos, dificuldades e aprendizagens vividas, poderíamos criar um ambiente de compreensão mútua. Maira concordou com a ideia e falou que achava interessante a proposta para retomar as atividades do Caricultura. Joelma sugeriu fazer um cordel sobre a história do grupo para anexar na inscrição do Prêmio Comunica Diversidade. Elas, juntamente com Inácio, estavam planejando uma proposta para esse edital.

Na ocasião, não conhecíamos o edital do Prêmio, mas eles queriam trazer alguns elementos de comunicação que o grupo fez. A sugestão era enviar as fotografias dos momentos de exibição da sala de cinema que o grupo fazia e da oficina de audiovisual que íamos realizar. Devido não sabermos informações do período de inscrição e os critérios para participar do Prêmio, o primeiro encaminhamento da reunião, foi pesquisarmos o edital e cada participante fazer um levantamento do material produzido pelo grupo, pois um dos pontos discutidos na reunião é que o Caricultura produziu muitos trabalhos: cordéis, peças de teatro, músicas, vídeos, mas este material está disperso.

Nos comprometemos a pesquisar o edital e ver como incluímos a proposta que discutimos para a oficina, sendo que foi escolhido fazer a inscrição no nome da Joelma focando nas atividades do teatro, e se fosse possível enviar outra proposta, seria no nome da Marta para trabalhar com o audiovisual. Após discutirmos sobre o histórico do Caricultura e listarmos as peças produzidas, definimos que esta oficina poderia ter como finalidade a organização do material produzido – fotos, cordéis, peças de teatro e vídeos. A sugestão era no primeiro dia da oficina cada participante trazer materiais que tivesse sobre o grupo e contar sua história de vida e a relação com os objetos que traziam: cordel, fotos, cartaz, textos da peças, etc.

Ainda na reunião, fizemos um pouco desse exercício e todos começaram a se divertir ao lembrar dos seus personagens no grupo na infância. A reunião, que já era parte da oficina, foi uma alegria. Cada um falava das histórias vividas no grupo. Marta lembrou da primeira peça que participou que contava a história dos pais. Em seguida outras apresentações foram citadas: “Senhor cidadão”; “Luta pela natureza”; “O lixo”, etc. Todas as encenações eram lembradas com muito contentamento. Maira sugeriu: “como seria bom apresentarmos estas peças hoje”. Ela também falou da oficina que tiveram com o grupo Nós de Teatro⁹⁸, em que eles contaram a história do Caricultura através do teatro.

Essa oficina com o Nós de Teatro foi realizada durante uma residência do grupo no assentamento e resultou na produção de um DVD, que seria divulgado nos Pontos de Cultura. Entretanto, os integrantes do Caricultura não autorizaram a divulgação na época. Desse modo, questionei na reunião porque não foi autorizado e se não seria interessante apresentar. Eles explicaram que hoje entendem que havia uma questão externa ao Caricultura. Na época, um outro grupo de teatro que também era próximo ao Caricultura dizia que o DVD produzido pelo Nós não representava o Caricultura. Maira expressou que acredita que o Caricultura não agiu bem com o Nós de Teatro, pois havia uma disputa entre dois grupos de teatro de Fortaleza, e o Caricultura tomou para si essa questão. “*Eu tenho críticas, mas acho que fomos injustos*”. Marta também lamentou essa questão: “*Eu queria que a oficina fosse hoje, porque sei que aproveitaria de forma diferente*”.

A fala de Marta condiz com o momento em que ela vive atualmente. Ela e Joelma participam da Escola de Teatro, é apaixonada por teatro. “*Eu sou artista, eu sou atriz*”, assim se definiu Marta durante nossa entrevista, na qual ela expressa sua função dentro do grupo.

⁹⁸ Grupo de teatro de rua existente desde 2002 na periferia de Fortaleza - Ce. Nesses 13 anos, o grupo resiste em sua comunidade desenvolvendo projetos culturais no Território de Paz do Grande Bom Jardim tornando-se referência nacional de trabalho artístico desenvolvido em periferia. <http://noisdeteatro.blogspot.com.br/>

(...) teve a escola de teatro agora, e um dos desejos de quem organizou isso era que os jovens que fosse pra lá que se transformasse sei lá, como é a palavra que a gente diz, em mobilizadores aqui. Por exemplo, foi eu e a Joelma daqui, então nosso dever, como a gente foi muito incentivada sabe a fazer teatro, a ter outras oficinas, tudo aquilo, a gente veio com a função de mobilizar os outros que não tiveram essa oportunidade (...) antes da Escola a gente já tinha essa função de mobilizar, antes da escola eu acho que já era a nossa missão mobilizar é como eu te falei tentar mostrar essa visão da terra conseguir um meio de sobrevivência aqui na terra. *(Trecho da transcrição da entrevista com Marta – 17/01/2014).*

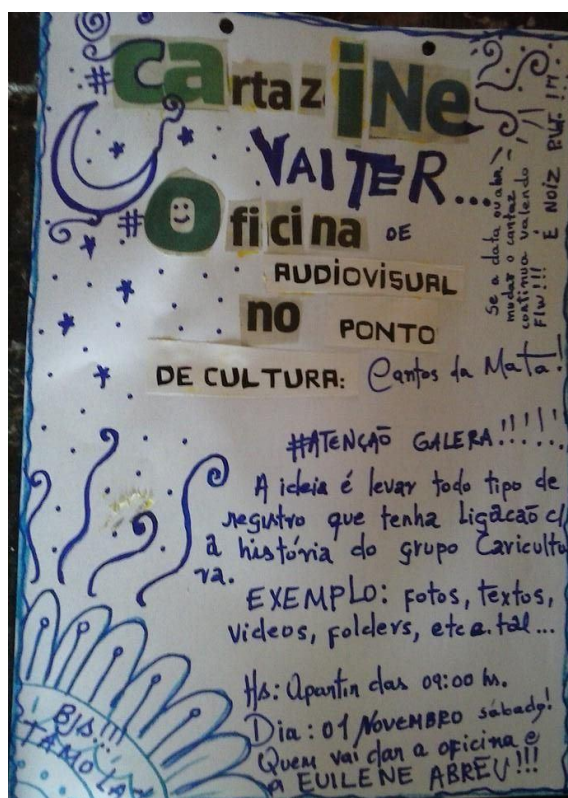
Posteriormente, tiramos os encaminhamentos sobre a oficina. Após a reunião poderíamos nos comunicar por telefone ou internet, mas seria mais difícil. Para Inácio, esse contato era quase inviável, ele logo expressou que “gosta do cara a cara”. Mas, para Margarida e as demais, a internet era muito importante. Margarida foi incisiva sobre os encaminhamentos da oficina: “Precisamos definir bem a metodologia, dividir as tarefas, quem pode fazer o quê, digitalizar, usar as ferramentas, precisamos explorar mais a internet para nos comunicarmos”. Desse modo, tiramos os seguintes encaminhamentos:

- Pesquisar e elaborar a proposta do edital (fazer o mais rápido, trocar ideias pelo Facebook, telefone).
- Fazer a oficina em dois finais de semana, aos sábados, no Ponto de Cultura, nos seguintes horários – manhã 8h30min às 11h30min e tarde 13h30min às 16h30min. No primeiro dia cada participante será motivado a levar materiais que tenham em casa sobre o caricultura - fotos, cd, dvd, vídeos, cordéis e etc, que tivesse relação com sua história de vida e com o grupo e, no segundo dia, íriamos produzir o vídeo, a partir do roteiro definido no primeiro encontro.
- Combinamos fazer o almoço no Ponto de Cultura. Cada pessoa ficou de levar algum alimento para partilhar, incluindo sucos, água.
- Margarida se propôs a fazer um cartazine para divulgar a oficina.
- Marta e Joelma iam compartilhar as vivências nas oficinas de audiovisual que participaram na ACARTES.
- Marta se propôs a levar dinâmicas para a oficina.
- Eu fiquei responsável por facilitar no primeiro dia a contação das histórias de vida, e como não tínhamos equipamentos audiovisuais, também me prontifiquei a convidar Viktor, para trazer sua experiência com produção de vídeo em celular. Mas, como nem todos os participantes tinham celular consegui duas câmeras cibershot para utilizarmos neste processo.

- Ao final da oficina propomos fazer uma exposição do material organizado e apresentar um vídeo. Na reunião não discutimos sobre a data da exposição e como seria. Sobre o vídeo propusemos gravar o áudio e algumas imagens da oficina, mas não decidimos roteiro, nem como seria essa construção.

Encerramos a reunião compartilhando os salgados feitos pela Maira e muito animados para o dia da oficina. E, seguimos na preparação da oficina, pesquisando o edital e escrevendo algumas ideias para o projeto. Margarida produziu o cartaz e divulgou no Facebook. Maira convidou os jovens, pediu ajuda na preparação do almoço e um dia antes da oficina fui para o assentamento de ônibus. A ideia era nos reunir para concluir o projeto do prêmio, pois o prazo de envio do edital estava finalizando.

Figura 18 – Cartaz divulgado no Facebook.



Fonte: Facebook Margarida.

O cartaz da oficina produzido por Margarida denominado Cartazine, convidava os jovens para oficina de audiovisual no Ponto de Cultura Cantos da Mata. Margarida trabalha na Prodisc⁹⁹, como produtora cultural em Fortaleza, mas no período da pesquisa, estava no assentamento de licença maternidade.

⁹⁹ A Associação dos Produtores de Disco do Ceará (Prodisc) foi fundada em 2001, é uma sociedade civil sem fins lucrativos com objetivo de difundir e mostrar a importância da produção cultural e fonográfica com qualidade técnica, artística e visão de mercado. Fonte: <http://www.prodisc.org.br/oktiva.net/1379>, acesso em 25/03/15, às 23h34min.

Ainda na rodoviária de Maranguape, encontrei Joelma. Ela estava voltando de Fortaleza e tinha planos diferentes do que combinamos no nosso último encontro. Joelma veio fazer uma entrevista de emprego e no domingo já viria morar em Fortaleza para trabalhar. A notícia dada por Joelma me surpreendeu e senti que a mesma ainda estava se acostumando com a ideia de deixar o grupo, de não se inscrever mais para o prêmio. Na viagem Joelma falava que os motivos da sua ida para trabalhar em Fortaleza eram a falta de trabalho no assentamento e a própria cobrança por parte da família, que não via muito futuro nela continuar sem trabalho na “Barra”.

5.3.2 Experimentações e desdobramentos da oficina

No primeiro dia da oficina, a proposta era contarmos a história de vida de cada participante, e construímos a história do Caricultura. A expectativa é que os jovens que viessem para a oficina tivessem participando da criação do Caricultura, e conseguíssemos atingir os seguintes objetivos: compartilhar as histórias de vida de cada jovem; construir uma memória coletiva do grupo Caricultura; inspirar os jovens, de forma a motivá-los a continuar participando do Caricultura; e, produzir um material para o Prêmio Comunica Diversidade. Esperávamos, ao final, escrevermos o memorial de cada jovem e produzir um vídeo sobre o Caricultura, com a possibilidade de agrupar materiais para uma exposição em 2015, dos 12 anos do grupo.

Entretanto, a maioria dos participantes que vieram para a oficina tinham entre 9 e 16 anos, eram crianças e jovens que participavam do Caricultura há uns dois ou três anos. Para este grupo, a relação com o Caricultura era bem diferente da vivida por Maira e Margarida, a exemplo, que estavam desde a formação do grupo, em 2002. A vinda dessas crianças e jovens nos suscitou duas questões: a primeira é que teríamos que reprogramar a nossa proposta da oficina e a segunda é que o Caricultura estaria vivenciando um novo período geracional.

Inácio, um dos incentivadores e idealizador do grupo, apresentou na oficina a seguinte reflexão:

Eu vejo o seguinte - eu tava até dizendo, eu ainda tenho uma oficina para dar, é uma oficina que tinha que ser com pessoas mais adultas, com mais tempo, mais experiência. Não é fácil, por exemplo xilogravura, eu não vou pegar os objetos cortantes e colocar nas mãos dessas crianças. Eu penso, eu só posso dar esta oficina para adultos, para quem já tem um pouco de domínio. Essa oficina de xilogravura tem esses momentos aqui, mas quando a gente for para madeira vamos trabalhar com objetos cortantes. Fizemos outras oficinas de poesia, de várias coisas, que só compareceram as crianças, aí o que eu fiz, valorizar os que vieram. Porque o

Caricultura começou assim, eles eram todos piralhos, e hoje tem gente em Fortaleza, tem outro no meio do mundo, tem outro que diz: ah, eu não vou não porque tenho muita coisa para fazer, tô lavando roupa. Para mim é valorizar e respeitar os que querem. Se eles disserem que vem a gente continua com as crianças. Inclusive achei muito interessante esta atividade, que você conseguiu fazer a atividade com esta diversidade. Desde as crianças como Lui (9 meses) até o Inácio (53 anos). Se eles vem, a gente continua. Isso pode até ser relatado no seu trabalho, que é a dinâmica e a rotatividade que acontece no grupo. Hoje ela (Viviane) pediu um ingresso (risos) para entrar no grupo. Ela perguntou: Como pode entrar no Caricultura. Margarida complementou: “É só passar em frente que já é do Caricultura”. Inácio respondeu: É sim. *(Trechos da transcrição da fala de Inácio na oficina – 01/11/2014.)*

A fala de Inácio expressa o quanto era diverso o grupo nesta oficina e o atual contexto em que vive o grupo. Como ele ressalta existe uma dinâmica e uma rotatividade dos participantes do Caricultura, que pude observar desde o meu primeiro contato com o grupo.

Figura 19 - Primeiro dia da oficina, Inácio compartilhando sua história para o grupo.



Foto: Amanda (2014).

Durante a oficina procurei usar os elementos que tinha e adequar um pouco a metodologia. A proposta era formar grupos de três participantes e dividir entre eles as seguintes funções: animador, relator e contador de história de vida, sendo que eles alteravam suas funções a medida que contava sua história. Para esta atividade levei cadernos para cada grupo escrever as histórias de vida, pontuando as várias fases da vida (infância, adolescência, período de escola, trabalho, juventude, adulto, experiências no Caricultura, etc). Também levei canetas, lápis, pincéis, cola, tesoura e cartolinas, pois a ideia era que neste momento eles expressassem junto com a escrita do memorial a relação com o objeto pessoal que traziam (fotos, vídeos, cordéis, etc) sobre o Caricultura.

Imaginava que cada jovem iria trazer algo que poderia expor, assim levei estes materiais. Entretanto, ninguém trouxe os materiais impressos. Maira e Margarida haviam

selecionado umas fotos e compartilhado na noite anterior, quando escrevíamos o projeto do Prêmio, na casa da D. Auri. Inácio também estava selecionando uns cordéis, mas tinha como objetivo digitá-los para expor na Feira Internacional do Livro, em Fortaleza. Maira e Margarida também trouxeram umas fotos no celular, mas compartilharam somente no segundo momento da oficina, no dia da produção do vídeo. Assim, trabalhando com os materiais que tinha, sugeri que formassem grupos de três pessoas, e que todos escolhessem como gostaria contar sua história, incitando a começarem falando do porque da escolha do seu nome. Aqueles que desejassem escrever no caderno seria interessante porque o mesmo iria depois compor a exposição dos 12 anos do Caricultura; os que optassem apenas por contar de maneira oral, expressar em um cordel ou desenho, também não teria problema. As crianças adoraram a ideia do desenho, e mesmo todos relatando suas histórias no grupo, ainda fizeram os desenhos.

Figura 20 - Primeiro dia da oficina, crianças compartilhando sua história para o grupo.



Foto: Amanda (2014).

Após as atividades nos grupos, recolhemos o memorial escrito, os desenhos, e cada participante começou a contar a história de um colega para os demais participantes da oficina. Nesse momento ouvimos o colega relatar nossa história e falamos do que sentimos ao contar nossa história e vê outra pessoa contar. Também fizemos perguntas e avaliamos esta atividade, que se encerrou ao meio-dia. A ideia era, após esta atividade, elencarmos no período da tarde, os elementos que compunham a história de cada um que eram similares a um determinado período da história do Caricultura. A partir desta atividade iríamos fazer um registro do que foi feito nos doze anos do grupo. Mas, devido os participantes da oficina terem objetivos diferentes, no momento do fechamento desta atividade, discutimos como

encaminhamento que no período da tarde iríamos concluir o projeto do Prêmio, pois esta atividade era urgente para o grupo. Combinamos com as crianças e os adolescentes dar continuidade a oficina em outro dia e motivamos para aqueles que tivesse, celular trouxessem.

Desse modo, eu, Maira, Margarida e Inácio passamos a tarde no Ponto de Cultura officinando de outro modo. Apesar da atividade técnica, que era a escrita do formulário do edital, assim como na noite anterior, fomos discutindo cada questão que era solicitada e produzindo o texto. Ao final da tarde, encaminhamos para Silma Magalhães, coordenadora do PACRA, as informações e logo obtemos um retorno. Silma enviou para o grupo alguns pontos que ela considerava importante ser modificado, e Maira junto com os demais conduziu esse processo. Após três meses, eles comunicaram que o resultado foi positivo.

Figura 21 – Segundo dia da oficina, apresentação dos participantes.



Foto: Evilene Abreu (2014).

Para o segundo momento da oficina, contamos com a colaboração de Viktor, e diferente do primeiro momento que nos surpreendemos com os participantes que foram, por serem a maioria crianças, neste fomos preparados para interagir com a meninada. Assim, uma das características do grupo é essa heterogeneidade dos próprios participantes. Não dar para pensar o Caricultura como um grupo formado somente por jovens. Inácio, Ivânia e Vângela são adultos que sempre estão participando com as crianças e os jovens das atividades. No segundo dia da oficina, além deles três, Mailton, Pavão e Majo que visitavam o Ciclovida participaram com as crianças e os jovens.

Essa oficina foi muito importante para a pesquisa e para o próprio grupo. No primeiro momento problematizamos o contexto em que vive o grupo, e no segundo, vimos que o audiovisual é uma ferramenta que mobiliza as crianças, os jovens e os adultos. Percebe-

se que o Caricultura vive um novo período geracional, a maioria dos jovens que iniciaram as atividades no grupo, alguns não vivem mais no assentamento ou não participam das atividades.

5.3.2.1 “*Mesmo próximo não conhecemos muitas histórias da vida do outro*”

Cada participante do Caricultura viveu diferentes experiências em sua vida e também no grupo. Essas experiências deixaram marcas na vida de cada um, e quando compartilhadas no grupo possibilitaram diversas reflexões. Ouvir a história de vida das crianças, dos jovens e dos adultos presentes na oficina nos ajudou a compreender as relações constituídas dentro do próprio assentamento. “*Mesmo próximo não conhecemos muitas histórias da vida do outro*” disse Maira quando avaliávamos a atividade. Viviane, 13 anos, também expressou a importância do momento: “*Eu gostei porque conheci a história do Sr. Inácio, porque eu não conhecia*”.

Assim como Maira e Viviane, muitos participantes disseram que desconheciam muitas histórias contadas. Isso nos faz refletir que esse desconhecimento pode ocasionar com a falta de compreensão das lutas de cada um. Um exemplo muito pertinente, é a história de Inácio. Apesar dele ser conhecido por todos e ser um dos idealizadores do Caricultura, muitos não conheciam sua história. Escutar o seu relato nos ajuda a compreender alguns dos processos que levam Inácio a lutar pelo direito a terra.

E a nossa luta hoje é a condição dos sertanejos e dos seus filhos, para que eles não tenham de ir embora para sobreviver, para fortalecer nossa força. A água, a terra e a semente são três suportes para garantir nossa resistência no sertão (*Trecho do memorial escrito por Inácio*).

Inácio é um paraibano de Cajazeira, migrante desde criança, ficou órfão de mãe aos seis anos. Na infância conviveu com as adversidades das secas que assolam o sertão. Seus pais viviam sempre de um lugar a outro em busca de melhoria. No início dos anos 80 ele chegou ao Ceará, e mora desde 1996 em Barra do Leme. Para Inácio, três acontecimentos marcaram muito sua vida no Ceará: o nascimento das três filhas e a criação do Caricultura e do Ciclovida. Nos dois grupos ele discute as questões ambientais que comprometem o futuro de uma nova geração, a exemplo, o aquecimento global, o uso de agrotóxico e a poluição dos lençóis freáticos. Ele e Ivânia implementaram no assentamento uma experiência de sistema agroflorestal com cultivo orgânico de sementes crioulas. Esta experiência tornou-se referência no desenvolvimento de trabalhos artísticos com jovens moradores de áreas de reforma agrária

e comunidades rurais, no teatro, na literatura, na música e na produção e gestão cultural, reforçando o diálogo entre a arte e a prática ecológica.

Entretanto, devido a falta de chuvas, a agrofloresta não resistiu e hoje eles continuam resistindo e buscando uma convivência harmoniosa com o semiárido. Ivânia lamenta muito a perda da agrofloresta, pois era uma experiência que estava dando frutos e incentivando outros moradores a produzirem agroecologicamente. Compartilhar minha história de vida com o grupo também foi muito importante, apesar do convívio no assentamento há uns dois anos, este momento foi uma oportunidade para nos aproximarmos e percebermos algumas singularidades que compõem a nossa história. As dificuldades de acesso a escola, os desejos de permanecer na comunidade foram pontos elencados pelos jovens atravessados pela minha história. A maioria das crianças e jovens falaram que estudam na Escola Maria Ivoneide Moura, em Providência, e que sentem saudade do período em que estudava na Escola Chico Mendes, no assentamento. A saída deles para outra Escola é causada pela ausência das séries subsequentes do Ensino Fundamental.

Na entrevista com Marta, ela já havia relatado essa questão, e em 2013, vi a luta dos pais no assentamento para que a Escola Chico Mendes continuasse funcionando. No ano de 2013, a Prefeitura Municipal de Pentecoste propôs fechar a Escola e transferir as crianças para a Escola de Providência, distante 14 km. Essa proposta não foi acatada pelos moradores do assentamento, e resultou em uma mobilização com outras comunidades do município, que viviam a mesma situação, para reivindicar o funcionamento da escola com as turmas do Ensino Infantil e Fundamental I. Reivindicação que foi conquistada após uma assembleia na Câmara Municipal de Pentecoste.

Porém, este problema do acesso a Escola no meio rural é recorrente na maioria das comunidades rurais de Pentecoste e de outros municípios do país. A cada ano, novas crianças, adolescentes e jovens precisam ir estudar em outra comunidade ou até mesmo na sede do município, porque não é disponibilizado nem mesmo o Ensino Fundamental II.

Eu estudei aqui desde pequena (assentamento), eu estudava aqui no colégio Chico Mendes sempre foi muito bom a educação mesmo, de qualidade, todo mundo sabe e reconhece, pelo menos quem mora aqui. Não é muito reconhecida pelos representantes políticos lá fora, mas aqui os pais reconhecem, os próprios alunos reconhecem, foi muito bom, estudei aqui até o quinto ano quando é o sexto infelizmente a gente não tem Ensino Fundamental II nem o Médio, a gente tem que se deslocar pra Providência que já começa a mudar as coisas, mas eu sempre tive essa coisa de estudar da minha mãe, do meu pai, o teatro mesmo me ajudou a me interessar também. *(Trecho da transcrição da entrevista com Marta – 17/01/2014).*

Em Barra do Leme, embora a Escola continue funcionando com as turmas do Ensino Infantil e Fundamental I, percebemos que muitas crianças lamentam não poderem continuar nas séries subsequentes na Escola. Na oficina, Viviane, 13 anos, disse que um dos pontos marcantes em sua vida foi ter estudado na Escola Chico Mendes. Algumas crianças contaram também no relato o quanto é importante participar do grupo Caricultura, fazer teatro, viajar, conhecer pessoas e lugares diversos. Na ocasião, eu também partilhei além da minha história de vida os processos que me levaram até o assentamento e a importância da pesquisa. “Eu morava tão próximo a Barra do Leme, mas só a partir do trajeto da pesquisa é que encontrei o grupo”.

5.3.2.2 “Todo mundo sabe fotografar” e fazer vídeo

O segundo dia da oficina nos trouxe muitos encontros com o audiovisual. Na dinâmica de apresentação, os participantes expressaram a presença do audiovisual em suas vidas ao citar um último produto que consideraram interessante. Destaco que a maioria das crianças assistem aos programas televisivos, os jovens e adultos diversificam o consumo audiovisual. Além dos programas televisivos eles veem filmes e/ou documentários.

Após este relato cada participante foi estimulado a produzir algum tipo de imagem que julgava interessante. Apesar de não termos muitas câmeras, a atividade foi possível ao dividirmos em cinco grupos, que entre si, eles intercalavam o uso da câmera. Essa atividade nos rendeu muitas fotografias e a empolgação dos participantes, principalmente das crianças. Ao exibirmos as imagens para todo o grupo, cada participante ia falando qual era sua foto e o que ela significava. A maioria das fotos expressavam o lugar onde eles viviam, e algumas eram dos próprios colegas e até familiares, pois aqueles que os pais moravam mais próximo ao Ponto de Cultura, foram até a casa fotografar os pais.

As fotografias que o grupo fez expressavam o lugar onde viviam, e os desenhos¹⁰⁰ feitos no momento da contação da história de vida foram referentes ao que é externo ao cotidiano deles. Nos desenhos as crianças trazem o Parque de Vaquejada, o jogador de futebol, uma caçamba, elementos que estão presentes no entorno do assentamento. As caçambas por exemplo, são responsáveis hoje pelo extrativismo de areia dos rios da região. Também, são diversos os caminhões que passam pelo assentamento carregados de madeira, um outro problema ambiental. Poderíamos desta maneira pensarmos que a fotografia suscita

¹⁰⁰ Vê no Anexo B, p. 141.

nos jovens e principalmente nas crianças olhar para a sua realidade? As fotos feitas eram de pessoas, das casas, da natureza e do espaço que compõe o cotidiano e a história de cada um.

Figura 22 – Montagem de fotos produzidas na oficina.



Foto: Banco de imagens da oficina (Dezembro, 2014).

No momento da apresentação das fotos, eles enfatizaram a importância desse registro para a história deles e do próprio grupo, pois ali eles traziam uma imagem referente ao que era vivido. Uma das primeiras fotos do grupo foi a do juazeiro, símbolo de resistência do verde em meio à caatinga e que dizia muito dos processos que ali estavam compondo a história de cada um. O juazeiro expressava a resistência das pessoas que ali viviam com as dificuldades do período sem chuvas na região, e também a pouca participação dos jovens no grupo. Em meio a todas essas adversidades eles resistiam, o juazeiro, a comunidade e as atividades do grupo Caricultura, porque o que percebe-se em Barra do Leme é que mesmo com a seca as pessoas continuam resistindo.

As seis crianças que participaram deste momento e fizeram uso da câmera, ficaram bastante empolgadas com a atividade. Durante a exibição das fotos, como não foi possível denominar quem foi o autor, cada um com muita empolgação ia dizendo qual era a sua foto. Em alguns momentos, eles disputavam entre si, quem era o autor da foto, até que em um dado momento Ivânia ressaltou: *“Todo mundo sabe fotografar”*. E, além de fotografar, todos produziram vídeos na oficina. Com os poucos recursos que tínhamos quatro vídeos foram produzidos pelo grupo.

O primeiro vídeo foi “Tizio sobrou na curva” produzido por Mizael, Mateus, Jardel e Pedro com orientação técnica do Viktor. No vídeo as crianças representaram o

personagem Tizil, do Programa Policial Nas Garras da Patrulha¹⁰¹, citado por eles no início da oficina. A exposição das crianças a este programa é inquietante, pois em julho de 2014, o Ministério Público Federal do Ceará ajuizou ação civil pública contra a emissora de televisão responsável pelo programa, notificando que a classificação indicativa fosse alterada, visto que o conteúdo de violência é exposto sem qualquer critério.

Figura 23 – Still do vídeo: Jardel entrevistando Tizio.



Fonte: Vídeo Tizio sobrou na curva, 2014.

O segundo vídeo foi denominado Rastros do Êxodo. Inácio, Mailton, Pavão e Majo, os três últimos, visitantes no assentamento e membros do Ciclovida, trouxeram uma reflexão sobre o modo de se locomover das pessoas na modernidade. Inácio ressalta que com o avanço do capitalismo cada vez mais as pessoas tem deixado de andar a pé. Hoje é comum, inclusive na zona rural, as pessoas andarem somente de moto ou de carro. Antigamente, as pessoas caminhavam mais, eram mais saudáveis, e hoje muitos só caminham quando são recomendados por um médico. Dessa forma, tem se reduzido cada vez mais os rastros de pessoas na região. Mas Rastros do Êxodo, também nos remete a própria saída do homem do campo para a metrópole, a chegada das novas tecnologias e as mudanças culturais.

Os dois últimos vídeos abordaram as vivências no Caricultura. O primeiro produzido por Ivânia, Ismael, Ana Terra, Vângela e Júlia apresentou em depoimentos a relação de cada um com o grupo, incluindo os momentos marcantes em suas vidas e o que

¹⁰¹ Programa exibido na TV Diário que faz uma sátira dos acontecimentos policiais nacionais e internacionais. O Programa é apresentado por bonecos, que representam vários personagens: Chico Pezão, Coxinha, Sinira Beijuda, Tizil, entre outros. <http://tvdiario.verdesmares.com.br/programas/nas-garras-da-patrulha>

eles esperam do Caricultura. Os participantes do grupo relataram sua experiência no Caricultura a partir das questões elaboradas pelos colegas. Tanto as perguntas quanto as respostas foram apresentadas no vídeo.

O vídeo História do Caricultura inicia com Ana Terra perguntando porque eles gostam de participar do grupo. Júlia, 9 anos, diz que gosta de participar do Caricultura porque é legal e divertido, acessa Internet, brinca, participa de oficinas, reuniões e viagens, elementos que são trazidos pela maioria das crianças e jovens na ficha de inscrição da oficina. A partir da resposta de Júlia outras questões são abordadas e o vídeo segue abordando os desejos de cada um. A maioria diz que quer vê o Caricultura como em outros períodos, com pessoas engajadas, reuniões e atividades mais frequentes. Chama a atenção no vídeo os diálogos que são construídos entre as crianças e os adultos. No relato abaixo, temos Ismael, 11 anos, falando para Ivânia seus desejos:

Ivânia: Você disse que gosta das brincadeiras do Caricultura, que é divertido e que brinca e tudo. E para o futuro, o que você espera do Caricultura, o que pode melhorar pra ficar mais legal?

Ismael: Pra mim, pode entrar mais pessoas, a biblioteca ser construída, e que viajamos muito, porque gosto muito de viajar.

Ivânia: O que você acha que pode atrair, cativar mais pessoas pra entrar, o que que a gente precisa?

Ismael: Eu acho que precisa de ir pra lugar diferente, pra pessoa que não tenha visto ainda o teatro.

Ivânia: O que é que mais te agrada, que você não encontra em outro lugar?

Ismael: O trabalho em equipe, a valorização de pessoas.

(Trechos da transcrição do vídeo História do Caricultura, 06/12/2014).

Em seguida, as posições são invertidas. Ana Terra, 12 anos é quem faz perguntas para Vângela e Ivânia, invertendo a posição e trazendo a heterogeneidade de visões de cada um. Sendo similares as respostas sobre as viagens promovidas pelo Caricultura. Ismael e Vângela consideram as viagens um marco em suas vidas.

Ana Terra: O que é que você ver no futuro para o grupo?

Vângela: Vejo coisas melhores para o grupo, enquanto tá entrando novas pessoas a gente tá chamando e o pessoal tá começando a chegar no grupo. Antes a gente chamava o pessoal pra reunião, e o pessoal não vinha, e agora a gente tá se reunindo mais, com mais pessoas, pode até ser que daqui uns dias, no futuro, a gente consiga o que a gente tinha antes, dois, três anos atrás, chegue igual o que a gente era.

Ana Terra: Qual foi o momento muito feliz que marcou sua vida no grupo Caricultura?

Vângela: O momento mais feliz foi logo quando eu entrei no grupo, que começou os outros grupos vim pra cá, e tinha teatro, a gente começou a viajar. Um dos momentos bons que eu achei foi a nossa ida a Canindé e depois a gente foi pro Escambo, em São Luís do Gostoso, pro Rio Grande do Norte. Passamos uns dias lá e de lá a gente veio sobrecarregado de atividades. Chegamos aqui, trabalhamos bastante, mas foi um trabalho muito proveitoso, muito bom, foi um momento que me senti muito alegre no grupo.

Ana Terra: E o momento mais triste no grupo?

Vângela: O momento mais triste foi quando houve aquele desmoronamento do grupo, todo mundo se afastou e até hoje a gente tenta ser o que era antes.

Ivânia: Acho que teve vários detalhes desses onze anos, vários momentos muito fortes. Esses momentos que a gente brincava intensamente, antes mesmo do Ponto de Cultura e brincava muito. Mas eu lembro um momento muito forte, foi quando a gente se reuniu pra fazer um ano de homenagem a Chico Mendes, e a gente se reuniu pra fazer uma poesia em homenagem a Chico Mendes. E uma poesia ia ser feito por todo o grupo. Cada participante, fez uma música em homenagem a Chico Mendes de um pedaço de noite, foi muito lindo, foi um momento muito mágico mesmo. Um momento muito triste, foram notícias com relação ao Ponto de Cultura, que houve um desmoronamento por causa de notícias burocráticas, de problemas burocráticos, que as crianças não compreendiam isso, não tinham condições de compreender e de resolver os problemas que foram levantados que a gente tenta até hoje levantar.

(Trechos da transcrição do vídeo História do Caricultura, 06/12/2014).

O segundo vídeo denominado “Um breve relato”, Margarida, Maira, Marta e Nathália fizeram uso de outros recursos que trouxeram para a oficina (arquivos de celular, gravação de músicas das crianças, depoimentos, fotos históricas de atividades do Caricultura que foram digitalizadas). No vídeo, as crianças, Maiara e Anita, cantam uma música, em seguida são apresentadas fotos de vários períodos históricos do Caricultura com uma voz off relatando a importância do grupo.

Eu sou Margarida e estou no grupo Caricultura há uns 10 anos. Eu acho que o grupo tem uma importância grande dentro da comunidade, porque foi através do grupo que a comunidade teve acesso mesmo a algumas manifestações culturais que era difícil pra qualquer um aqui dentro da comunidade, como pra nós também. Por exemplo, o teatro, música, cinema que passava aqui no Ponto de Cultura. Até o Ponto de Cultura que existe aqui, porque já existia o teatro, foi uma articulação do Caricultura junto com os pais que conseguiram, então tem uma importância muito grande. Outra coisa que a gente vai falar aqui são as crianças dentro do grupo, eu sou a mãe da Anita e do Lui. Eles estão desde que nasceram, já trago nos braços, mamando. Então, é uma coisa super natural, porque a gente já estava com eles pequenininhos, fica ali, eles vão aprendendo e depois a criatividade deles já tão dentro disso dentro do teatro. Tanto que a Maiara estava fazendo música aqui, super natural, porque já faz parte dela, porque ela sempre conviveu, ela sempre viu a gente fazendo música, teatro. De certa forma, a criatividade já fica melhor para as crianças. E a gente tem, eu tenho trazido mais a Anita e o Lui pra dentro do grupo porque é muito forte a questão da televisão. Por exemplo, se deixar, a criança vai o dia todo assistindo televisão, então o grupo tem a importância grande também nesse aspecto, porque ela vem pra cá passa uma tarde, já é um dia que tá desligado da Globo, de outros programas que as vezes nem é tão educativo para as crianças como uma tarde aqui, eles brincando, elas tendo acesso a tudo isso aqui *(Transcrição do depoimento de Margarida no vídeo - Um breve relato, 06/12/2014).*

Nesse vídeo, bem como nas oficinas, a questão intergeracional está muito presente. Mesmo com os desafios de fazer um trabalho com um público tão heterogêneo vemos a potência que existe no grupo. Ivânia e Vângela ressaltam inclusive os problemas burocráticos do projeto Ponto de Cultura que dispersou as crianças do grupo.

O PONTO A QUE CHEGUEI

Compreendendo que não existe uma conclusão final da pesquisa, pois como ressalta Rosário (2006, p. 62), “uma pesquisa, um trabalho de conclusão, uma dissertação ou uma tese dificilmente se encerram definitivamente”, acredito que aqui seja uma pausa para quem sabe em outro momento seguir em busca de outras “ilhas desconhecidas”.

Desse modo, compartilho o ponto a que cheguei neste movimento-pesquisa, que exprime um tanto do que vivi e dos caminhos teórico-metodológicos percorridos. A pesquisa com os jovens e moradores de Barra do Leme foi um processo vivido com muita intensidade, permeado de inquietações, encontros, alegria e aprendizagem. Foi uma experiência que me possibilitou conhecer e dialogar com pessoas que mesmo tão próximas éramos distantes, reconhecer outros modos de se relacionar com a terra, confrontar ideias e desvendar autores. Tudo isso, me trouxe além do conhecimento intelectual, a vivência da luta cotidiana para construir uma “*nova relação com a terra*”, por viver e estabelecer sempre novos processos independente do que os governantes e/ou a sociedade moderna especifica. Isso me revelou o desejo de criar novas formas de atuar no mundo e a compreensão ainda mais do quanto um grupo de pessoas é capaz de mobilizar e lutar por seus direitos.

A temática juventude rural e comunicação audiovisual que foram o fio condutor do estudo foram se atualizando na pesquisa de diferentes maneiras. As discussões sobre juventude foram se dando em diálogo com a história dos jovens que conheci no assentamento e as vivências no Caricultura e Ciclovida. E, na tentativa de abranger as várias formas de comunicação presentes no cotidiano dos jovens, a comunicação audiovisual deixou de ser a principal questão da pesquisa para dialogar com as diversas maneiras de se comunicar no assentamento. Desse modo, a compreensão de que os processos artísticos e comunicacionais do Caricultura e do Ciclovida eram formas de comunicação com a comunidade, percebi a intensidade e o papel que eles desenvolvem nos processos de mobilização e formação das crianças e jovens.

Sendo assim, as percepções vistas na pesquisa é que o grupo Caricultura apresenta um panorama dos jovens que vivem no meio rural e aborda a relação com o corpo (através do teatro), com a aprendizagem (processo de construção das peças) e com o audiovisual (fotografia, gravação, exibição de filmes). As relações comunicacionais entre jovens e moradores primam pelas relações intergeracionais, em que o grupo está sempre aberto a novos diálogos, tendo como pautas principais as questões de gênero, relação com a terra, as práticas culturais e agroecológicas.

Entre as principais questões vivenciadas pelos assentados está a saída dos jovens do assentamento, temática que desde o início da pesquisa me esquivava de abordar, mas que fui solicitada a dialogar com a mesma, já que o próprio objeto me convidava a discuti-la. Quando conversava com Ivânia e Inácio e com os jovens Camilo, Marta e Joelma, uma das principais preocupações que eles tinham era os jovens que saíam do Caricultura para ir em busca de emprego e financiar grandes empresas. Outro desafio era a seca, que reflete na vida de todos os moradores e do próprio modo de atuar dos grupos Caricultura e Ciclovida. Sem água, o projeto de sustentabilidade do Ciclovida e as propostas do Caricultura se apresentam como inviáveis, ficando mais difícil para os jovens colocar em prática suas ideias.

Entretanto, jovens e moradores de Barra do Leme são abundantes de desejos, de afetos, de sonhos e de novas perspectivas de vidas. Eles resistem a todas as intempéries e buscam a continuidade da vida. Mesmo diante das dificuldades, a alegria por se estar e permanecer onde se deseja é pulsante no cotidiano dos moradores. Para os jovens, a possibilidade de conhecer novas experiências e retornar ao assentamento para compartilhar o que tem vivido é uma realidade. Nem todos alcançam, mas aqueles que o fazem saem do enquadramento e criam novas possibilidades.

No entanto, o desejo de viver em harmonia com a terra, com as pessoas, animais e plantas, com o mundo, é o que mobiliza cada sujeito que mora no assentamento. Cada um a seu modo vivencia com leveza, resistência e força os desafios de morar no assentamento. As diferenças entre os moradores e jovens são pulsantes e fundamental para a construção da história do assentamento e dos grupos Caricultura e Ciclovida. Sem elas, acredito que muitas provocações não seriam possíveis e não tinham se construído tantas mobilizações e intervenções artísticas e comunicacionais no assentamento.

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

ABRAMO, Helena Wendel. **Cenas juvenis: punks e darks no espetáculo urbano**. São Paulo: Editora Página Aberta, 1994.

_____. Considerações sobre a tematização social da juventude no Brasil. In: **Juventude e Contemporaneidade**. Brasília: UNESCO, MEC, ANPEd, 2007, p. 73-90.

AGUIAR, Lisiane Machado. **Processualidades da cartografia nos usos teóricos metodológicos de pesquisas em Comunicação Social**. Dissertação de pós-graduação em Ciências da Comunicação. UNISINOS, 2011.

_____. Cartografia: deriva metodológica. In: **Perspectivas metodológicas em comunicação: desafios na prática investigativa** / Alberto Efendy Maldonado, Jiani Adriana Bonin, Nísia Martins do Rosário (org.). João Pessoa: Ed. Universitária da UFPB, 2008, p. 239-253.

AGUIAR, Katia Faria de; ROCHA, Marisa Lopes da. **Micropolítica e o exercício da pesquisa-intervenção: referenciais e dispositivos em análise**. *Psicol.cienc. prof.* v.27 n.4, Brasília, dez. 2007.

ANGROSINO, Michael. **Etnografia e observação participante**. Trad. José Fonseca. Porto Alegre: Artmed, 2009.

BARROS, Laura Pozzana de; KASTRUP, Virgínia. Cartografar é acompanhar processos. In: **Pistas do método da cartografia: Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade/orgs.** Eduardo Passos, Virgínia Kastrup e Liliana da Escóssia. Porto Alegre: Sulina, 2010, p. 52-75.

BARROS, Maria Elizabeth Barros de; ZAMBONI, Jésio. Gaguejar. In: **Pesquisar na diferença: um abecedário** / Tania Mara Galli Fonseca, Maria Lívia do Nascimento. Cleci Maraschin (org.). Porto Alegre: Sulina, 2012, p. 121-123.

BERTAUX, Daniel. **Los relatos de vida**. Barcelona (ESP): Bellaterra. 2005

BONIN, Jiani Adriana. Nos bastidores da pesquisa: a instância metodológica experienciada nos fazeres e nas processualidades de construção de um projeto. In: Nísia Martins do Rosário, et all.. (Org.). **Metodologias de pesquisa em comunicação: olhares, trilhas e processos**. Porto Alegre: Sulina, 2006, p. 21-40.

BOURDIEU, Pierre. A “juventude” é apenas uma palavra. In: **Questões de Sociologia**. Rio de Janeiro: Editora Marco Zero, 1983, p. 112-121.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues (Org). **Pesquisa Participante**. 4. ed. Editora Brasiliense, São Paulo, 1981.

CAIAFA, Janice. **Comunicação da diferença**. Revista Fronteiras – estudos midiáticos, vol VI, nº 2. Programa de PósGraduação em Ciências da Comunicação. Universidade da Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, RS, 2004.

CANCLINI, Nestor Garcia. **Culturas Híbridas**. São Paulo: EDUSP, 1997.

CASTRO, Lúcia Rabello de; e BESSET, Vera Lopes. Pesquisa-intervenção na infância e juventude: construindo caminhos. In: CASTRO, Lúcia Rabello de; e BESSET, Vera Lopes (Orgs.). **Pesquisa-intervenção na infância e juventude**. Rio de Janeiro: Tarepa/FAPERJ, 2008, p. 9-12.

CASTRO, Elisa Guaraná. **Entre ficar e sair**: Uma etnografia da construção social da categoria jovem rural. Tese do Doutorado em Antropologia Social na Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2005.

_____. [et al.]. **Os jovens estão indo embora?:** juventude rural e a construção de um ator político. Rio de Janeiro: Mauad x; Seropédica, RJ: EDUR, 2009.

_____. **Juventude do Campo**. In: CALDART, Roseli Salette, et al. (orgs.) Dicionário da Educação do Campo. Rio de Janeiro/São Paulo: EPSJV-Fiocruz/Expressão Popular, 2012, p. 437-444.

_____; CORREA, José Gabriel; MARTINS, Maíra; FERREIRA, Salomé Lima. A categoria juventude rural no Brasil: o processo de construção de um ator político - Contribuições para um estado da arte. In: **Jóvenes, cultura y política en América Latina**: alguns trayectos de sus relaciones, experienciais y lecturas 1960 – 2000. Compilado por Sara Victoria Alvarado y Pablo A. Vommaro. Rosario: Homo Sapiens Ediciones, 2010, p. 55-87.

CLIFFORD, James. **A experiência etnográfica**: antropologia e literatura no século XX. 3. ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2008.

COIMBRA, C.M. Rebouças; NASCIMENTO, M. Lívia do. Implicar. In: **Pesquisar na diferença**: um abecedário / Tania Mara Galli Fonseca, Maria Lívia do Nascimento. Cleci Maraschin (org.). Porto Alegre: Sulina, 2012, p. 131-134.

DELEUZE, Gilles. 1925-1995. **Mil Platôs**: capitalismo e esquizofrenia 2, vol.1/Gilles Deleuze, Félix Guattari; tradução de Ana Lúcia de Oliveira, Aurélio Guerra Neto e Célia Pinto Costa. São Paulo: Ed. 34, 1995.

_____. **Mil Platôs**: capitalismo e esquizofrenia 2, vol.5/Gilles Deleuze, Félix Guattari; tradução de Peter Pál Pelbart e Janice Caiafa. 2. ed. São Paulo: Ed. 34, 2012.

_____. Gaguejou... In: **Crítica e clínica**/Gilles Deleuze; tradução de Peter Pál Pelbart. São Paulo: Ed. 34, 1997, p. 122-129.

DIÓGENES, Glória. **Cartografias da cultura e da violência**: gangues, galeras e o movimento Hip Hop. 2.ed. São Paulo: Annablume, 2008.

FEITOSA, Sara Alves. **Televisão e juventude sem terra**: Mediações e modos de subjetivação. Dissertação da pós-graduação em Educação na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2007.

FISCHER, Martina Eva. O Cartógrafo e sua bagagem. In: **Perspectivas metodológicas em comunicação**: desafios na prática investigativa / Alberto Efendy Maldonado, Jiani Adriana

Bonin, Nísia Martins do Rosário (org.). João Pessoa: Ed. Universitária da UFPB, 2008, p. 221-238.

FONSECA, T. M. G.; NASCIMENTO, M. L.; MARASCHIN, Cleci. Rumores discretos de um abecedário de pesquisa. In: In: **Pesquisar na diferença: um abecedário** / Tania Mara Galli Fonseca, Maria Lívia do Nascimento. Cleci Maraschin (org.). Porto Alegre: Sulina, 2012, p. 9-12.

FOUCAULT, Michel. Sobre a história da sexualidade. In: MACHADO, R. (Org.). **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Graal, 1984, p.243-276.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 13. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

_____. **Extensão ou comunicação?**. 15. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2011.

GUATTARI, Félix. **As três ecologias**. Tradução Maria Cristina F. Bittencourt; revisão de tradução Suely Rolnik. 3. ed. Campinas, SP: Papirus, 1991.

_____; ROLNIK, Suely. **Micropolítica: cartografias do desejo**. 12. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

GORCZEWSKI, Deisimer. **Micropolíticas da juventude e visibilidades transversais: in(ter)venções audiovisuais na Restinga**. Tese de doutorado em Ciências da Comunicação apresentada à Universidade do Vale do Rio Sinos, 2007.

GOLDENDERG, Mirian. **A arte de pesquisar: como fazer pesquisa em ciências sociais**. Rio de Janeiro, Record, 1999.

GUBER, Rosana. El salvaje metropolitano: **Reconstrucción del conocimiento social en el trabajo de campo**. Buenos Aires: Paidós, 2004.

HAGUETTE, Teresa Maria Frota. **Metodologias qualitativas na sociologia**. 3.ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1987.

KASTRUP, Virgínia; BARROS, Regina Benevides. Movimentos-funções do dispositivo na prática da cartografia. In: **Pistas do método da cartografia: Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade/orgs**. Eduardo Passos, Virgínia Kastrup e Liliana da Escóssia. Porto Alegre: Sulina, 2010, p. 77-91.

KIRST, P. Gomes; et .al. Conhecimento e Cartografia: Tempestade de possíveis. In: FONSECA, T.M. G. (Orgs). **Cartografia e Devires: a construção do presente**. Porto Alegre, EDUFRS, 2003, p. 91-102.

LOBO, Lília Ferreira. Pesquisar: a genealogia de Michel Foucault. In: **Pesquisar na diferença: um abecedário** / Tania Mara Galli Fonseca, Maria Lívia do Nascimento. Cleci Maraschin (org.). Porto Alegre: Sulina, 2012, p. 13-19.

LOPES, Barsi Lopes. A importância da pesquisa exploratória na processualidade teórico-metodológica da investigação em comunicação. In: **Perspectivas metodológicas em comunicação: desafios na prática investigativa** / Alberto Efendy Maldonado, Jiani Adriana

Bonin, Nísia Martins do Rosário (org.). João Pessoa: Ed. Universitária da UFPB, 2008, p. 283-297.

LOURAU, René. **A análise institucional**. Trad. de Mariano Ferreira. Petrópolis: Vozes, 1975.

MARTÍN – BARBERO, Jesús. **Dos Meios às Mediações: comunicação, cultura e hegemonia**. 6. ed. Rio de Janeiro: Editora URFJ. 2009

_____. Aventuras de um Cartógrafo. In: **Ofício do Cartógrafo: Travessias latino-americanas da comunicação na cultura**. Edições Loyola, São Paulo, 2004.

_____. A mudança na percepção da juventude: sociabilidades, tecnicidades e subjetividades entre os jovens. In: **Culturas juvenis no século XXI** / Silvia H. S. Borelli, João Freire Filho. São Paulo: EDUC, 2008, p. 9-32.

MALDONADO, Alberto Efendy. **Explorações sobre a problemática no campo das ciências da comunicação**. Trabalho apresentado no III Encontro da Compós, São Paulo, ECA/USP, 2002.

MILLS, C. Wright. Do artesanato intelectual. In: **A imaginação sociológica**. 6.ed. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1982, p. 211-243.

MOEHLECKE, Vilene. Oficinar. In: **Pesquisar na diferença: um abecedário** / Tania Mara Galli Fonseca, Maria Lívia do Nascimento. Cleci Maraschin (org.). Porto Alegre: Sulina, 2012, p. 167-170.

MONTEIRO, Altamar di (org.). **A arte que vem das margens: 10 anos de nós de teatro. Comunidade em Movimento da Grande Fortaleza (COMOV)**. Fortaleza: Expressão Gráfica Editora, 2012.

NOVAES, Regina R. **Juventude/ juventudes?**. In: *Comunicações ISER*, v. 17, n.50, 1998.

PAIS, José Machado. **A construção sociológica da juventude** – alguns contributos. *Revista Análise Social*, vol. XXV, p. 105-106), 1990.

_____. **A juventude como fase de vida: dos ritos de passagem aos ritos de impasse**. *Saúde Soc.* São Paulo, vol. 18, n.3, p.371-381. 2009

PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA, Liliana da (org.). **Pistas do Método da Cartografia**. Porto Alegre: Sulina, 2010.

_____; BARROS, Regina Benevides de. A Cartografia como método de pesquisa-intervenção. In: **Pistas do método da cartografia: Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade**. Orgs. Eduardo Passos, Virgínia Kastrup e Liliana da Escóssia. Porto Alegre: Sulina, 2010, p. 17-31.

PINHEIRO, Antonio Flávio Costa. **Assentamentos Barra do Leme e 24 de abril: Poder e Sustentabilidade**. Dissertação da pós-graduação em Geografia na Universidade Estadual do Ceará, 2004.

ROCHA, Marisa Lopes da; AGUIAR, Katia Faria de. **Pesquisa-Intervenção e a produção de novas análises**. *Psicol.cienc. prof.* v.23 n.4, Brasília, dez. 2003.

ROLNIK, Suely. **Cartografia sentimental**: transformações contemporâneas do desejo. Porto Alegre: Sulina; Editora da UFRGS, 2007.

_____. **Pensamento, corpo e devir**: Uma perspectiva ético/estético/política no trabalho acadêmico. Palestra proferida no concurso para o cargo de Professor Titular da PUC/SP, realizado em 23/06/93, publicada no *Cadernos de Subjetividade*, v.1 n.2: 241-25.

ROSÁRIO, Nísia Martins do. Mitos e Cartografias: novos olhares metodológicos na comunicação. In: **Perspectivas metodológicas em comunicação**: desafios na prática investigativa / Alberto Efendy Maldonado, Jiani Adriana Bonin, Nísia Martins do Rosário (org.). João Pessoa: Ed. Universitária da UFPB, 2008, p. 195-220.

_____. A via da complementaridade: reflexões sobre a análise de sentidos e seus percursos metodológico. In: Nísia Martins do Rosário, et all.. (Org.). **Metodologias de pesquisa em comunicação**: olhares trilhas e processos. Porto Alegre: Editora Sulina, 2006, p. 40-64.

SANTOS, Ana Cecília dos. **Projeto “Cantos da Mata” e o grupo “Caricultura”**: Significados de resistência e autonomia a partir das manifestações artísticas no assentamento Barra do Leme (Pentecoste-CE). Dissertação de pós-graduação em Políticas Públicas e Sociedade na Universidade Estadual do Ceará, 2009.

SANTOS, B. de S. **Um discurso sobre as ciências**. 13. ed. Porto: Afrontamento, 2002.

SANTORO, Luiz Fernando. Vídeo e movimentos sociais – 25 anos depois. In: **Audiovisual comunitário e educação**: histórias, processos e produtos / LEONEL, Juliana; MENDONÇA, Ricardo Fabrino. (Org.). Belo Horizonte : Autêntica Editora, 2010

STROPASOLAS, Valmir Luiz. **O mundo rural no horizonte dos jovens**. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2006.

SARAMAGO, José. **O conto da ilha desconhecida**. 23. ed. Companhia das Letras, 1998.

SALES, Celecina Maria Veras. **Criações coletivas da juventude no campo político**: um olhar sobre os Assentamentos rurais do MST. Fortaleza: Banco do Nordeste do Brasil, 2006.

TURINO, Célio. **Ponto de Cultura**: O Brasil de Baixo para Cima. São Paulo – SP: Anita Garibaldi, 2009.

WILLIAMS, Raymond. **O campo e a cidade**: na história e na literatura. Tradução Paulo Henrique Britto. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

WINKIN, Yves Winkin. **A nova comunicação**: da teoria ao trabalho de campo. Campinas, São Paulo: Editora Papirus, 1998.

APÊNDICE A – QUADRO-SÍNTESE SOBRE OS ASSENTAMENTOS INTEGRANTES DO PROJETO ARTE E CULTURA NA REFORMA AGRÁRIA

| Assentamento | Localização | Descrição | Outras informações |
|---|--|---|--|
| Todos os Santos (Pontão de Cultura Terra Viva, Terra de Arte). | Situado no Território da Cidadania dos Sertões de Canindé, distante 113 km de Fortaleza. | É composto por 120 famílias, desenvolve atividades de arte, educação e inclusão digital. Há dez anos existe o “Grupo de Teatro Carrapicho” que utiliza as artes cênicas para falar da luta pela reforma agrária, dos sonhos da juventude, e de temas universais tendo forte influência do circo, da comédia popular e da literatura de cordel. | O assentamento tem uma biblioteca Arca das Letras e um Centro Rural de Inclusão Digital, a Casa de Cultura da Reforma Agrária (contando com sala de audiovisual e teatro não convencional). Funciona as atividades da Escola de Teatro da Terra. |
| Tiracanga (Ponto de Cultura Raízes da Terra). | Situado no Território da Cidadania dos Sertões de Canindé, distante 113 km de Fortaleza. | A Associação dos Trabalhadores Rurais de Tiracanga II desenvolve desde 1993, um trabalho nas áreas da arte e da cultura, através de iniciativas que fortalecem a auto-estima, a criatividade e a coletividade. Frutos desse trabalho surgiram, há 08 anos, o grupo de Jovens Raízes da Terra e, há 04 anos, o grupo de Crianças Sementinhas da Terra, que tem como uma de suas principais atividades manter viva a cultura popular herdada de seus antepassados, que são antigos dramas, quadrilhas juninas, folguedos e músicas nordestinas que são revitalizadas, além das tradições religiosas que são cultivadas e mantidas no assentamento, momentos em que a comunidade expressa sua cultura e fazer artístico. | Através do Ponto de Cultura Raízes da Terra desenvolve formações nas áreas de: Dança; Teatro; Música; Confecção de indumentárias e adereços; Literatura de Cordel; Arte Educação; Informática – Inclusão Digital; Arte - Educação; Artes Plásticas; Gestão e Produção Cultural; Fabricação Artesanal de Produtos de NIM. |
| Assentamento Santana (Ponto de Cultura Santana Terra da cultura). | Monsenhor Tabosa | O assentamento Santana tem vinte e um anos de história, é composto por 80 famílias, com uma população de 371 pessoas que vivem coletivamente na terra e adota um sistema misto de produção. | Blog: http://www.assentamentosantanamt.blogspot.com.br/ |
| Assentamento Recreio | Quixeramobim | O Ponto de Cultura Criança Feliz visa, dentre outros, | |

| | | | |
|--|---|---|---|
| (Ponto de Cultura Criança Feliz) | | <p>estruturar a Banda de Lata Criança Feliz, que é composta por filhos dos assentados do Projeto de Assentamento Recreio. Eles interpretam canções de artistas ligados à cultura popular, como Luiz Gonzaga, compõem músicas de cunho educativo sobre meio ambiente. Tendo isso em vista, o Ponto almeja também preservar os valores culturais e possibilitar a consolidação de um Centro Cultural Comunitário, que funcionará como um espaço de inclusão digital e de fortalecimento da Arte e Cultura do Assentamento, envolvendo principalmente a juventude, e criando assim um Núcleo de Ação Cultural. Neste Centro Cultural Comunitário são desenvolvidas atividades sócio-educativas sobre cultura e meio ambiente, bem como servirá como ponto de divulgação da Arte e da Cultura locais.</p> | |
| Assentamento Lagoa do Mineiro (Ponto de Cultura Nós, Artistas da Vida) | Itarema | <p>A experiência de ocupação da terra passa não só pelo desenvolvimento da atividade agrícola; as manifestações artísticas e culturais também são cultivadas de modo a responder aos anseios e necessidades do povo assentado. Dentre as necessidades, podemos dizer que a educação e cultura das crianças, dos jovens e adultos é uma das prioridades. O Assentamento desenvolve trabalhos artísticos e culturais tais como: Grupo de Teatro, Grupo de Reisado e Dramas, Grupo de Dança e uma Banda Musical. Atualmente o Assentamento é um Ponto de Cultura, oportunizando aos jovens do Assentamento Lagoa do Mineiro o envolvimento com a cultura popular tradicional brincada na comunidade, transversalizando os saberes populares com as inovações contemporâneas.</p> | <p>Os Mestres e Mestras do Reisado e Dramas de Lagoa do Mineiro se destacam no âmbito da cultura popular tradicional, compõe suas apresentações elementos cênicos cômicos e improvisados, envolvendo a platéia em suas histórias contadas e cantadas.</p> |
| Assentamento Cachoeira do Fogo – | Situado no município de Independência – CE, | Com uma população estimada de 400 pessoas, é uma referência da cultura popular tradicional que floresce | http://sertaoetradicao.webnode.com.br/ |

| | | | |
|--|---|---|---|
| (Ponto de Cultura Sertão e Tradição) | Território da Cidadania Inhamuns Crateús. | nos assentamentos da reforma agrária. O Reisado do Mestre Zé Augusto tem conseguindo revitalizar a manifestação do reisado na sua própria localidade e nos municípios vizinhos. O Ponto de Cultura Cachoeira do Fogo: Sertão e Tradição possibilita ao grupo e a comunidade condições para preservação do seu patrimônio imaterial, rico e diversificado, "a cultura". No assentamento existe um grupo de Rabecas formado por 15 jovens que passaram por um processo formativo assessorado pelo Projeto Arte e Cultura na Reforma Agrária, do INCRA-CE. O grupo foi constituído através do apoio do Programa BNB de Cultura 2010 – Parceria BNDES e tem como realizadores o Ponto de Cultura Cachoeira do Fogo – Sertão e Tradição. | |
| Assentamento Barra do Leme – (Ponto de Cultura Cantos da mata) | Situado no município de Pentecoste, Território da Cidadania de Itapipoca. | Com uma população estimada em 300 pessoas, sua organização baseia-se no cuidado com a terra, através de práticas ecológicas, que buscam a melhoria da qualidade de vida para todos. Nesse contexto, o Projeto Ciclovida e o Grupo Caricultura apoiados pela Associação Comunitária Mandu Ladino são iniciativas de cunho sócio-ecológico e cultural, que visam preservar as sementes crioulas, estimulando a consciência ecológica. Iniciativas que surgem e são mantidas apenas com o esforço da própria comunidade. Assim, o Ponto de Cultura Cantos da Mata tem potencializado as experiências culturais, artísticas e ambientais do Assentamento Barra do Leme, revitalizando a casa sede do assentamento e ampliando suas atividades para mais sete comunidades assentadas. Tem como público prioritário os jovens, integrando uma nova visão e perspectiva da juventude no campo. | O ponto de cultura pretende também: divulgar a metodologia de cultivo de sementes crioulas, abordando questões ambientais no Ceará e no Brasil; difundir o legado de Chico Mendes; desenvolver trabalhos artísticos com jovens moradores de áreas de reforma agrária e comunidades rurais, nas áreas do teatro, da literatura, da música e da produção e gestão cultural, reforçando o diálogo entre a arte e a prática ecológica; valorizar a cultura popular e os |

| | | | |
|------------------------------|--------------------|--|--|
| | | | brinquedos populares. |
| Assentamento Coqueirinho | Fortim | Em julho de 1994, ocorreu a desapropriação da Fazenda Coqueirinho, que vistoriada pelo Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Aracati, tornou-se oficialmente área de Reforma Agrária do Incra. Foram anos de luta e resistência para o assentamento, hoje o mesmo conta com um projeto pioneiro no Brasil de turismo rural solidário em áreas de reforma agrária. Em agosto de 2005 foi realizado um curso de Capacitação em Audiovisual para Jovens no assentamento. A capacitação em Audiovisual surgiu a partir da parceria entre o Projeto Arte e Cultura na Reforma Agrária e a Casa Amarela Euzélio Oliveira. Consistiu na prática de câmera e teoria sobre a história do audiovisual, sendo um complemento ao turismo rural sustentável desenvolvido no assentamento e também ao fortalecimento da educação através da arte-comunicação audiovisual. Os jovens foram capacitados e receberam equipamentos audiovisuais, tais como câmera digital (filmadora), tripé, aparelho televisivo e vídeo cassete, suficientes para formar um pequeno núcleo de audiovisual e incluí-los na rede de arte-comunicadores do Ceará. | Em junho de 2005, o assentamento Coqueirinho também sediou a II Mostra Sertão Imagem e Movimento, como parte integrante do 15º Festival Nacional de Cinema e Vídeo – Cine Ceará. |
| Assentamento Barra do Feijão | Tabuleiro do Norte | No Assentamento existe o grupo de teatro TERREART, formado por jovens, filho (a)s de assentado (a)s que estudam na escola da rede municipal e estadual. Com a preocupação de fortalecer a cultura nos assentamentos a ATES (Assessoria Técnica Social e Ambiental da Reforma Agrária) realizou oficinas de sensibilização com os jovens sobre a importância de se desenvolver atividades culturais no assentamento. Os jovens percebendo o quanto era fundamental fortalecer a | |

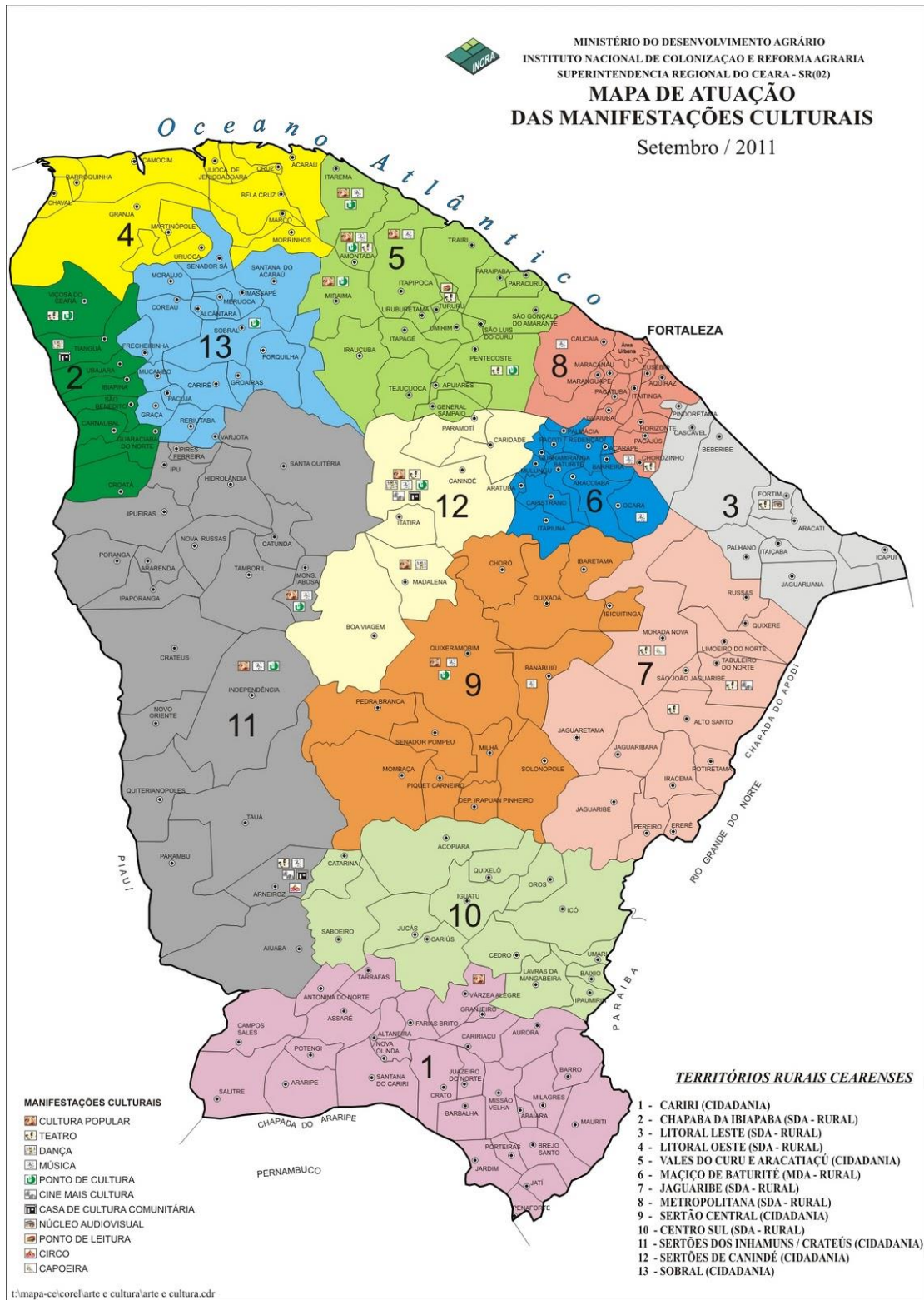
| | | | |
|--|--|--|--|
| | | <p>cultura e a arte local e regional, criaram o grupo de teatro TERREART. Atualmente, além da ATES, o grupo vem recebendo orientação do diretor da escola municipal do assentamento, o apoio da Associação dos Assentados da Barra do Feijão e do Projeto Arte e Cultura na Reforma Agrária. O número de participantes do grupo é variável, pois o número de pessoas envolvidas difere, dependendo de cada apresentação a ser realizado, indo de apresentações que envolvem cerca de 40 pessoas (quadrilhas juninas) a peças que agrupam apenas 4 a 5 participantes.</p> | |
| <p>Caetanos de Cima (Ponto de Cultura Abrindo Velas, Pescando cultura)</p> | <p>Caetanos de Cima está localizado na planície litorânea do município de Amontada, setor extremo-oeste na zona costeira cearense a 210 km da capital do estado do Ceará. É uma das três comunidades do assentamento Sabiaguaba (as outras comunidades são Pixaim e a Matilha), localizado a 70 km da sede do município de Amontada, e 72 km de Itapipoca, de onde se dá seu acesso.</p> | | <p>Blog: http://caetanosdecima.wordpress.com/bemvindosacaetanos/</p> |
| <p>Assentamento Mucuim</p> | <p>Arneiroz</p> | <p>O Grupo Muc'Arte existe há 05 anos, trabalhando o Teatro Popular como forma de mobilização social na comunidade em que atuam. Os jovens e crianças do</p> | |

| | | | |
|--|--|---|--|
| | | <p>grupo desenvolvem trabalhos culturais e comunitários no assentamento, fortalecendo as suas identidades enquanto jovens do meio rural. O grupo, desde a 1ª edição, tem participado do Festival dos Inhamuns – Circo, Bonecos e Artes de Rua, promovido pela Secretaria de Cultura do Estado do Ceará, o que possibilitou aos participantes o contato e o encantamento com as artes circenses. Em 2007, através do Projeto Arte e Cultura na Reforma Agrária – INCRA-CE e com o apoio da Secretaria de Desenvolvimento Territorial (SDT/ MDA), e assessoria do Projeto Circo Escola de Ecocidadania, da ONG Juriti, o Grupo Muc’Arte iniciou atividades de formação em artes circenses, envolvendo não só os integrantes do grupo, mas 80 jovens e crianças que desenvolveram rapidamente aptidão para as modalidades do circo. O assentamento hoje conta com uma estrutura básica para o funcionamento das atividades de circo e com um grupo de jovens com o perfil de educadores sociais. O que nasceu como um pequeno grupo que queria mostrar a história de seu assentamento através do teatro, transformou-se em algo bem maior, o qual envolve toda a comunidade. Através do teatro e do circo, o Grupo Muc’Arte e a comunidade em geral do assentamento Mucuim vem articulando os talentos individuais à arte que se soma à construção e criação coletiva.</p> | |
|--|--|---|--|

APÊNDICE B - ROTEIRO DAS ENTREVISTAS COM OS JOVENS

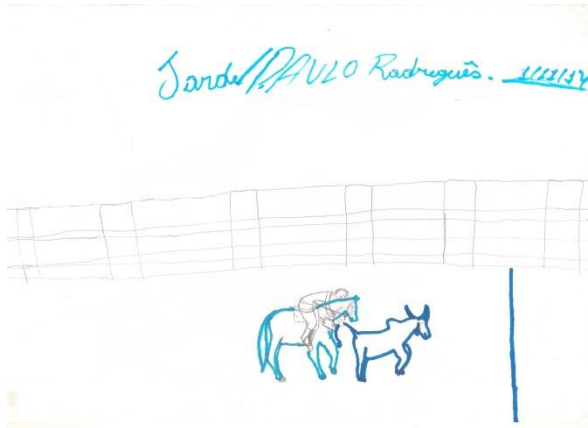
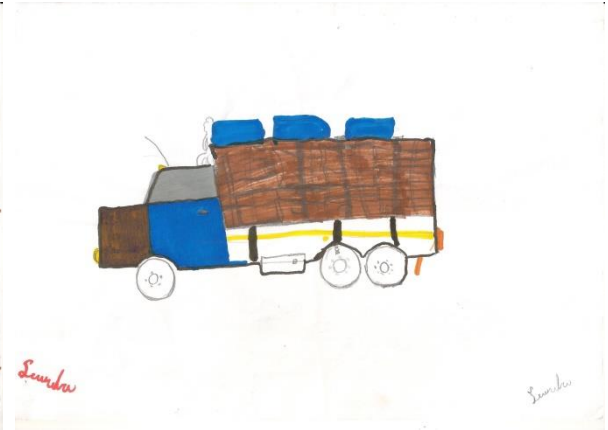
- 1) Nome:
- 2) Idade:
- 3) Trajetória Escolar:
- 4) Período vivido no assentamento:
- 5) Qual função exerce dentro do assentamento?
- 6) Você se identifica como jovem rural?
- 7) Quais as implicações de ser filho (a) de assentado?
- 8) Como você vê as políticas públicas para a juventude rural?
- 9) Conte sobre as experiências culturais vividas no assentamento.
- 10) Você participa de alguma ação do Arte e Cultura na Reforma Agrária?
- 11) Como você vê a cultura no campo? Como é abordada no assentamento, no Caricultura?
- 12) Em que sentido as parcerias, a exemplo a do INCRA, contribuem para uma reflexão das intervenções que promovem no assentamento? Como se dão?
- 13) Qual a sua opinião sobre as ações do Arte e Cultura na Reforma Agrária, em especial, do audiovisual?
- 14) Quais projetos você considera importante para os jovens rurais?
- 15) Quais suas aspirações pessoais, profissionais e sociais?

ANEXO A – MAPA DE ATUAÇÃO DO PROJETO ARTE E CULTURA NA REFORMA AGRÁRIA NO ESTADO DO CEARÁ¹⁰²



¹⁰² Disponível no blog: <http://arteculturanareformaagraria.blogspot.com.br/>

ANEXO B - DESENHOS PRODUZIDOS PELAS CRIANÇAS



Pela estrada além
surco lobos que mediram mais dais
lobos e andares muito pelo
a estrada além foram
amigos para sempre Fim

